

PUBLICAÇÃO MENSAL • CR\$ 1.900,00

# CADERNOS

## DO TERCEIRO MUNDO

LEONARDO BOFF:  
ÉTICA E ECOLOGIA

170



**EXCLUSIVO:**  
**ENTREVISTA COM OS**  
**VELHOS ZAPATISTAS**

**SAÚDE: A POLÊMICA DA**  
**BARBATANA DE TUBARÃO**

# MÉXICO: UMA REBELIÃO ANUNCIADA

**EL SALVADOR:**  
**CONFISSÕES DE UM**  
**AGENTE DA REPRESSÃO**





Administração Sul do Banco Mercantil, em São Paulo

## IMPLANTAR. QUALIFICAR. EVOLUIR.

Acompanhando as tendências do mercado. Perseguindo qualidade e produtividade. É assim que o Mercantil tem conquistado seu crescimento. Fundado em 1970, o banco expandiu-se numa rede supra-regional, implantando agências nos principais centros financeiros do país. Uma prova de trabalho bem estruturado. Uma evolução direcionada pelo claro objetivo de situá-lo, solidamente, entre as mais importantes instituições financeiras do país.

Ocupar espaços.  
Consolidar parcerias.  
perseguir qualidade e  
produtividade.  
Evoluir. Solidamente.  
Conquistar novos mercados.  
Valorizar, mais que tudo, o cliente.  
Ser um banco contemporâneo.

**MERCANTIL** 

Banco Mercantil S.A.

**O Banco que dá valor a você.**

**Administração - Sul:**  
Alameda Santos, 880, Jardim Paulista, CEP 01418, São Paulo, SP  
Tel. (011) 289.4666 - Fax (011) 289.4007 - Telex (11) 33708

**Administração - Sede:**  
Rua do Imperador D. Pedro II, 307, Santo Antônio, CEP 50.010, Recife, PE  
Tel. (081) 224.3466 - Fax (081) 424.1069 - Telex (81) 2424/8801

## CAPA

**O inesperado surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) provoca um verdadeiro terremoto político no México**

### 2 CARTAS

#### ENTREVISTA

4 Leonardo Boff: 'O homem é um ser de solidariedade e comunhão'

#### ENSINO

8 O futuro chegou

12 A transformação pela consciência

#### 13 PING PONG

#### PONTO DE VISTA

14 Nova proposta de voto

#### COMPORTAMENTO

16 O direito à expressão

#### ESTATÍSTICA

18 Realidade distorcida

#### POBREZA

20 Os filhos do lixo

#### CAPA

23 México: Chiapas, uma rebelião anunciada

#### GRANDES REPORTAGENS

28 Os velhos soldados de Zapata

29 O resgate da História

30 "Bem-vindos à terra de Zapata"

#### AMÉRICA LATINA

34 El Salvador: As raízes vivas do terror

#### ÁFRICA

39 Julius Nyerere: A ajuda que empobrece

#### AUSTRÁLIA

41 A paciente impaciência

#### PÁGINA ABERTA

43 Um modelo em crise

#### ☐ SUPLEMENTO

##### SAÚDE

2 Os tubarões e a medicina

##### COMUNICAÇÃO

5 A força do rádio

##### MEIO AMBIENTE

6 Não à termoeletrônica

##### HISTÓRIA

8 Símbolo de liberdade

10 China: Quem descobriu a América?

##### COMPORTAMENTO

11 República Dominicana:

Linha direta com o Além

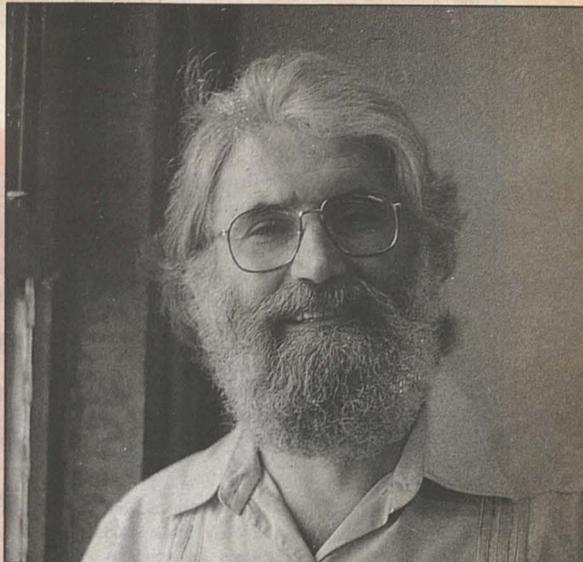
##### CULTURA

12 Argentina: Sábado, coerência até o fim

##### 13 PANORAMA INTERNACIONAL

## SUMÁRIO

Teórico da Teologia da Libertação conta sua trajetória pessoal, revela os bastidores de sua briga com o Vaticano e fala de ética e solidariedade



4

A epopéia do líder camponês Emiliano Zapata é revivida através de depoimentos exclusivos de alguns dos velhos combatentes da Revolução Mexicana de 1910



28

Com a autoridade de ser um dos mais prestigiados dirigentes do Terceiro Mundo, o ex-presidente tanzaniano Julius Nyerere critica a atitude dos organismos multilaterais de crédito e reivindica liberdade para que os países do Sul escolham seu próprio caminho



39

# CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

DIRETOR: Neiva Moreira  
DIRETOR ADJUNTO: Pablo Piacentini  
EDITORA: Beatriz Bissio

SUBEDITORES: Claudia Guimarães, Elias Fajardo, CONSULTORES ESPECIAIS: Darcy Ribeiro (Brasil), Henry Pease García (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavia (Chile)  
REDAÇÃO: Aldo Gamboa, Carlos Lopes (Brasil), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)  
REVISÃO: Cléa M. Soares e Valdenir Peixoto  
DEPTO. DE ARTE: Nazareno N. de Souza (editor e capa) e Roberto S. Lourenço  
FOTOS: A. C. Júnior

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Jessie Jane V. de Sousa (diretora), Juliana Iooty, Sílvia Arruda, Mônica Pérez, Marcus Sanches, Luciane Reis e Rosângela Vicente Ferreira  
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Macário Costa (chefia), Andréa Corrêa e Paulo Henrique  
ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes  
PUBLICIDADE: Ari J. Silva

#### CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:

Mauro Mendes - Rua da Glória, 122 1º andar  
CEP 20241 - Rio de Janeiro - Brasil  
☎ (021) 252-7440/232-3372/232-1759/222-1370

#### CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

utiliza os serviços das seguintes agências:  
ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Irã), IPS (Inter Press Service), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas: *Africa News* (EUA), *Altercom* (Ilel-México-Chile), *Third World Network* (Malásia), *Israel and Palestine Political Report* (Paris) e *Against the Current* (EUA)  
Fotos: Agence France Press (AFP)

#### SUCURSAL DE LISBOA:

Diretor: Artur Baptista  
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro 10/1º andar. Lisboa, 1.200 - Tel.: 32-0650.  
Telex: 42720 CTM-TE-P

#### Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:

Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106  
20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
☎ (021) 242-1957/222-1370 - Redação  
☎ 232-1759 / 232-3372 - Administração  
☎ (021) 507-2203 - Publicidade e Marketing  
Fax: 55 21 252-8455 - Telex: (021) 33054 CTMB-BR  
Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo  
Alternex: Caderno

#### REPRESENTANTES DE ASSINATURAS ☎

Maringá - (0442) 224182, Recife - (081) 224-4486 / 224-1421, BH - (031) 271-3757, Brasília - (061) 226-8644 e 225-0683, Aracaju - (079) 211-1912, Rio - (021) 252-7440 / 232-3372, SP - (011) 573-8562 / 571-9871, Porto Alegre - (051) 227-4772, Fortaleza - (085) 252-4858, Curitiba - (041) 264-9669, Belém - (091) 235-2146, Uberaba - (034) 333-1635, Campina Grande - (083) 322-7536, Macapá - (096) 222-0855, Maceló - (082) 326-4922, Salvador - (071) 242-2077

# CARTAS



## Camelôs

*A Lei 1.876 serve de instrumento de coação, uma vez que nos lembra de nossos deveres, mas fecha os olhos para nossos direitos.*

*Num país onde 32 milhões de famintos estão entregues à própria sorte, nossa prefeitura fere o artigo 193 da Constituição Federal: a ordem social tem como primado o trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça social. Temos direito a um emprego decente, com salário digno, que nos permita suprir nossas necessidades básicas. Somos trabalhadores desempregados, não somos responsáveis pela crise, muito pelo contrário, somos vítimas dela.*

*Ao invés de a prefeitura procurar fazer cumprir a Constituição, valse do poder da máquina que tem nas mãos para colocar a sociedade contra nós. Por que, ao invés de criar telefone para denunciar camelôs, não procura melhorar o salário de seus próprios funcionários? Muitos deles têm que recorrer a trabalhos alternativos (camelô), pois seus salários não satisfazem suas necessidades. Ninguém nasce nem escolhe ser camelô. Apenas procuramos sobreviver com dignidade. Não vamos aceitar passivamente que nos retirem das ruas!*

## Irismar Santos

Presidente da Associação de Vendedores Ambulantes de Santa Cruz, Sepetiba, Paciência e Adjacências  
Rio de Janeiro - RJ

## Alcoólatras Anônimos

*Venho parabenizar esta conceituada revista por ter divulgado nossa irmandade na matéria "Evitan-*

*do o primeiro gole", publicada no nº 157. Em meu nome e como membro do Grupo AA Novo Lar, agradeço de público.*

Adelmo Mariano da Silva  
Recife - PE

## Auxílio

*Fiquei curioso por mais informações acerca dos dados que nós, estudantes, podemos obter através de seu Centro de Documentação. Como universitário, quero contar com o suporte auxiliar às minhas pesquisas que esta conceituada revista pode oferecer, a qual me desperta tanto interesse.*

Alessandro Nóbrega  
Natal - RN

A editora tem um arquivo bastante rico sobre temas políticos, econômicos, sociais e ecológicos do Brasil e do Terceiro Mundo. Os preços para pesquisa são os mais baixos do Rio de Janeiro. São dados descontos a estudantes de escola pública até a oitava série. Maiores informações pelos telefones ou no endereço no expediente da revista.

## Polícia Federal

*A desorganização imperou no concurso público para agente da Polícia Federal, que se realizou no dia 15 de novembro do ano passado. Estou perplexo e indignado. Foi inacreditável.*

*Boa parte dos candidatos não recebeu a prova etiquetada, bem como a folha de respostas, pois estávamos sentados praticamente em ordem "analfabética" de nomes. Sendo assim, não foi possível distribuir as respectivas provas no tempo previsto.*

*Entre os concursos públicos que prestei, nunca vi algo tão desorganizado e hipócrita. No momento em que foi desejado "boa prova" pelo microfone do estádio do Morumbi, um grande número de candidatos do lado oposto ao meu se levantou e gritou desesperadamente, pois não tinha recebido as provas ainda.*

Julio Cesar Rosa  
São Paulo - SP

## Mensalidades escolares

A Diretoria da Federação Interstadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (Fitee) leu com atenção a matéria "O peso das mensalidades escolares", publicada no nº 162. Considerando que esta matéria não está esgotada e que nossa entidade nacional, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (Contee), participou da Comissão Interministerial de Avaliação dos Conteúdos e Aplicação das Leis 8.170 e 8.178, enviamos três documentos sobre o assunto. Neles, relatamos, entre outras coisas, a alegação das escolas privadas que, como o governo não oferece ensino público gratuito a todos, deveria, para reduzir o preço das mensalidades, pagar aos estabelecimentos de ensino parcelas abatidas no preço pago pelos alunos. Manifestaram-se em contrário a UNE e a Ubes, relatando, com muitos exemplos, o resultado do arrocho salarial a que está submetido todo o país, e em consequência, a situação de penúria dos estudantes e suas lutas e pressões para reduzir os abusivos reajustes das mensalidades.

Existem hoje mais de 30 milhões de analfabetos no país e mais da metade dos alunos matriculados no Primeiro Grau não ingressam no Segundo e, destes, apenas 6% chegam a ocupar uma vaga no Terceiro Grau. É preciso investir na expansão das redes públicas, e o Estado tem o dever de exercer o efetivo controle de preços, da margem de lucro e da qualidade das instituições privadas de ensino.

**Lavínia Rosa Rodrigues**  
Belo Horizonte - MG

## Abrapia

A Abrapia está instalada há três anos em prédio da prefeitura na rua Pinheiro Machado, nº 39, no Rio. Lá desenvolve seu trabalho de prevenção da violência contra a criança e o adolescente, mantendo há cinco anos o único serviço de SOS Criança do estado do Rio de Janeiro. Seu trabalho é pioneiro, único e indispensável, obtendo reconhecimento e respeitabilidade.

Desde o início de 1993, o trabalho da Abrapia vem sendo perturbado pela tentativa de ocupação e conseqüente fechamento do SOS Criança pela Sociedade Viva Cazuza. A imprensa, o Ministério da Justiça, os Conselhos de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Ministério Público do Rio e entidades internacionais se manifestaram através de ofícios enviados ao sr. prefeito, apoiando a Abrapia e reivindicando a permanência do SOS Criança no local que ocupa.

Em razão da notificação feita em junho de 1993 à Abrapia pela prefeitura para abandonar o local no prazo de 30 dias, o Poder Judiciário, reconhecendo a ilegalidade do ato, concedeu-nos uma liminar para garantir-nos a permanência. Solicitamos a interferência do prefeito e a compreensão da Sociedade Viva Cazuza, que vem até o momento demonstrando insensibilidade e intransigência. Apelamos à sociedade para colaborar no sentido de que o atendimento a cerca de 900 crianças por mês, vítimas de violência doméstica, não seja interrompido.

**Lauro Monteiro Filho**  
Diretor Executivo da Abrapia  
Rio de Janeiro - RJ

## Colaboração

Sugiro a criação de um espaço especial para as pessoas que queiram colaborar com a revista, seja na forma de reportagem, ponto de vista ou outra qualquer.

**Fábio Murilo Brito**  
Lauro de Freitas - BA

O espaço que você sugere já existe: é a seção Página Aberta, que costuma ser publicada na última página da revista.

## Contribuição

Desejo ressaltar a importante contribuição desta revista para a conscientização dos problemas dos países do Terceiro Mundo, criando, desta forma, sementes para debates, interrogações e análises dos ditos problemas e, como movimento natural, suas resoluções.

**Sérgio Augusto Mendonça Santos**  
Aracaju - SE

## Intercâmbio

- \* **Carla Bilheiro Santi**  
Av. Ministro Lafaiete  
Andrade, 175  
Comendador Soares  
25261-220 Nova Iguaçu - RJ
- \* **Adauto Vieira Teixeira**  
Av. Antônio Silva Campos, 450  
Engenho 28380-000  
Natividade - RJ
- \* **Mara Santos**  
R. C, Quadra 17, casa 14  
Bairro Água Limpa  
78145-680 Várzea Grande - MT
- \* **Margie Romero**  
Calle 62 / 41 y33-A # 3305  
Playa 11400 Havana - Cuba
- \* **Maria Victoria Pérez Ríos**  
C/ Compromiso de Caspe, 22  
Entresuelo Izq<sup>a</sup>  
50002 Zaragoza - Espanha
- \* **Jorge L. Santos**  
R. Bento Lisboa, 89 / apt. 1009  
Catete 22221-010  
Rio de Janeiro - RJ
- \* **João Luiz da Silva**  
R. Guilherme Sathler, 179  
36976-000 Alto Jequitibá - MG
- \* **Derenice Oliveira de Jesus**  
Av. São Carlos, 825  
Jardim Santo Antonio  
13840-000 Mogi-Guaçu - SP
- \* **Solidariedade Popular**  
Pça. Duque de Caxias, 04  
18540-000 Porto Feliz - SP
- \* **José Rodríguez Cruz**  
Apartado 138  
80100 Holguin - Cuba
- \* **José Carlos Magno**  
R. Carmen Miranda, 55  
Conj. Liberdade  
38405-142 Uberlândia - MG
- \* **Beatriz H. Grant**  
Alvarez Jonte 3988 - PB : 6  
1407 Capital Federal  
Argentina
- \* **Marcelo Luiz Bezerra da Silva**  
Tv. São Miguel, 913, bl. B / 101  
66045-430 Belém - PA
- \* **William Martins Teixeira**  
Caixa Postal 4505  
20001-970 Rio de Janeiro - RJ
- \* **Katiuska Brea Castaño**  
San Ignacio # 252  
c/ Amargura y Lamparilla  
ap. 304 - Habana Vieja  
11400 Havana - Cuba

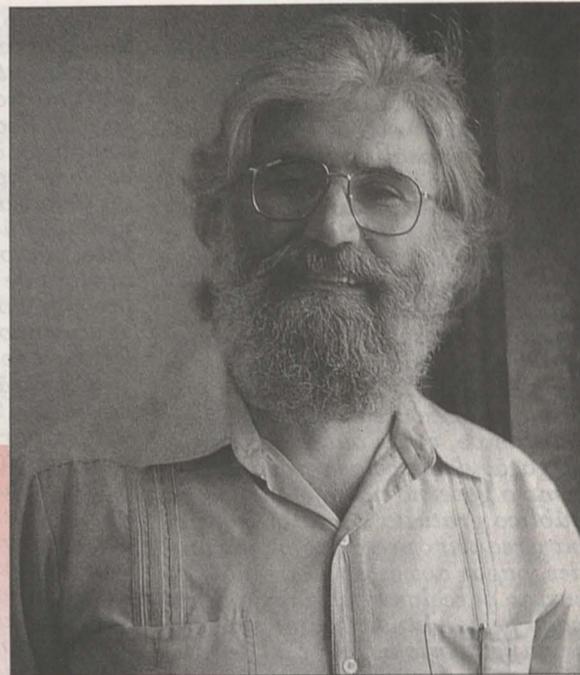
## ENTREVISTA

LEONARDO BOFF

Foto Elias Fajardo

# 'O homem é um ser de solidariedade e comunhão'

*Teólogo da Teologia da Libertação conta a sua trajetória de vida, revela detalhes do rompimento com o Vaticano e critica o sistema econômico que não conseguiu dar felicidade ao homem*



### Elias Fajardo

**G**enésio Darcy Boff nasceu em Concórdia, Santa Catarina, em 14 de dezembro de 1938. Adotou o nome Leonardo em homenagem a São Leonardo de Porto Maurício. Seus avós saíram do Norte da Itália e se estabeleceram no Sul do Brasil. Os pais se mudaram para o interior catarinense, terra dos índios caingangues. Como professor de alemão e italiano, o pai de Leonardo acompanhou o processo de colonização. E, à noite, dava aulas de português aos estrangeiros. Seu pai estimulava as famílias colonizadoras a construir cata-ventos para gerar eletricidade e poderem ouvir rádio, o meio de comunicação mais importante da época.

A mãe era da família Fontana, hoje dona do poderoso grupo econômico Sadia. Aos 11 anos ele entrou para o seminário. Uma das suas lembranças infanto-juvenis é da viagem de Santa Catarina para São Paulo num avião cheio de lingüiças, cheirando a salsichas. No seminário, foi aluno de grego e latim de D. Evaristo Arns, o arcebispo de São Paulo. Arns tinha vindo da Universidade de Sorbonne, onde fizera dois doutorados, e remontou o seminário paulista numa linha participativa.

Leonardo estudou o primário no Sul, fez Filosofia em Curitiba, Teologia em Petrópolis e foi fazer sua tese de doutorado na Universidade de Ludwig-Maxi-

milian de Munique, na Alemanha. Fez também cursos de extensão em Linguística e Antropologia nas universidades de Wuerzburg, na Alemanha, e Oxford, Inglaterra, entre 1965 e 1970. Até hoje publicou 57 livros.

Entre 1967 e 1969, as discussões fervilhavam entre os brasileiros que viviam e estudavam na Europa. A análise que se fazia era que, dadas as circunstâncias da realidade latino-americana, a revolução nesta parte do mundo era imperativa. Daí nasceu o embrião da chamada hoje Teologia da Libertação. Estes intelectuais não aceitavam a tese da revolução apenas pela via armada e nem o desenvolvimentismo defendido pelos que estavam então no poder no Brasil. Entre eles estavam Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado e Leonardo Boff.

A Teologia da Libertação propunha-se a romper com o caminho da dependência e estimular a autonomia das pessoas, comunidades e países. O primeiro mestre desta tendência foi Paulo Freire, com a sua pedagogia do oprimido, afirmando que este carrega dentro de si o opressor. Daí a necessidade de colocar para fora o opressor e iniciar uma vida nova.

Leonardo Boff voltou ao Brasil em fevereiro de 1970 e foi interpelado no porto do Rio de Janeiro, por causa da tese que defendera na Europa dizendo que a revolução social era inevitável. Publicou seu primeiro livro, *Jesus Cristo libertador*, com o texto elaborado a partir das aulas que dava e teve de se es-

conder para não ser preso, pois a palavra "libertação" era então proibida pelo Ministério do Interior e Justiça. Um processo parecido acontecia em todo o continente com os intelectuais libertários, como Gustavo Gutierrez no Peru, por exemplo.

A proposta desta parcela da intelectualidade era unir o lado acadêmico, de estudo aprofundado, com a militância social, nas favelas e no campo. Essa foi, segundo Leonardo Boff, a originalidade de sua geração, que, entre outras iniciativas, saiu pelo continente latino-americano alfabetizando pelo método do oprimido. Isto ajudou a fazer surgir uma consciência libertadora na política, nas ciências humanas e na cultura. "Criar uma perspectiva de pensar o continente e o país a partir do próprio país e continente", afirma Leonardo. "Mas como anunciar um Deus num país de miseráveis?", pergunta em seguida.

Os intelectuais católicos partiram então, no plano interno, para resgatar a memória contestadora de Jesus Cristo e, no plano externo, para tentar superar o cristianismo enquanto ópio do povo. Daí começou a prática política de Leonardo Boff que, entre outras iniciativas, trabalhou durante décadas com os favelados do Li-xão, em Petrópolis, ao lado de Márcia Miranda. A proposta era ajudá-los a se exercer enquanto cidadãos, dar-lhes assistência religiosa e informações sobre as contradições do mundo. Hoje, os favelados são autônomos, têm creche, sindicatos, associação de moradores etc.

Atuou ainda junto às Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), que hoje são mais de 100 no país, e nas pastorais sociais da Igreja (Pastoral da Terra, do Negro, das Prostitutas etc.). O cristianismo brasileiro foi ganhando uma dimensão social e ajudou a articular o movimento de defesa dos direitos humanos no país, a partir, entre outras, da contribuição do grupo de Petrópolis, onde milita seu irmão Clodovis Boff.

A Igreja Católica Apostólica Romana passou então a ver Leonardo Boff como uma pessoa perigosa, desestabilizadora. A partir da publicação do seu livro *Igreja, carisma e poder*, em 1981, ele enfrentou um processo doutrinário aberto pela Congregação da Doutrina da Fé (sucessora do tribunal conservador do Santo Ofício).

Em 7 de setembro de 1984, Leonardo Boff fez sua defesa escrita e oral no processo em que o cardeal Joseph Ratzinger foi o acusador. O curioso é que o mesmo Ratzinger foi quem o apresentou ao papa em 1981, dizendo: "Eis um jovem teólogo brasileiro, muito inteligente mas um pouco selvagem."

Em 1º de maio do ano seguinte, ele estava saindo para celebrar a missa do trabalhador quando soube da notícia de sua punição: um ano em silêncio, sem lecionar, escrever e dar palestras. Acolheu e cumpriu

a punição, pensando: "Melhor ficar com a Igreja e tentar transformá-la de dentro do que sair." Concordeu em cumprir o castigo mas não com uma outra exigência: corrigir o livro para que ele pudesse ser reeditado.

Entre esta época e 1992, recorda ele, recebeu cartas, admoestações, foi vigiado pelo Vaticano e teve restritas suas atividades, tendo que submeter seus textos a uma censura prévia. Em abril de 91, o Vaticano interveio na editora Vozes e mudou completamente a linha editorial, afastando Leonardo Boff da chefia de redação da *Revista Vozes*.

Os amigos de Leonardo que viviam em Roma lhe aconselharam então a esperar o atual papa João Paulo II morrer para poder voltar a se exprimir livremente. Ele não aceitou, pois sentia que sua vida era uma só e ela estava passando.

Decidiu então renunciar ao sacerdócio oficial da Igreja Católica, embora no íntimo continue se sentindo um sacerdote no sentido mais essencial do termo. Em junho de 92, encaminhou um processo a Roma pedindo dispensa, no qual teria de responder

a 33 perguntas (algumas das quais considerou humilhantes) e o processo começou a correr. "Lutei a vida inteira dentro da Igreja pelos direitos humanos e não posso aceitar certas coisas quando se trata de meu caso pessoal", diz ele hoje. Interpôs então objeção de consciência para não responder a certas perguntas e o processo hoje está paralisado. "Vou continuar produzindo minha teologia, pois sinto que há um cristianismo oficial e um outro laico, de cor mestiça, que está em comunhão com as pessoas e é mais verdadeiro", afirma. "Não dei baixa no ministério da igreja popular e sinto que os dois cristianismos vão ter que conviver mutuamente até convergirem."

Na sua vida de leigo, prestou concurso para ser professor titular de filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e foi aprovado por unanimidade. Divide-se entre as aulas que dá na universidade e cursos na Europa. Mantém uma relação amorosa com Marcia Miranda e continua a ser um militante político e, sobretudo, ecológico, embora recuse a filiação partidária. Diz preferir a igreja no sentido socrático, "o que procura analisar o real a partir do ideal, sem estar no poder. O filósofo deve ser o esporão do cavalo da realidade para ajudá-lo a despertar", afirma, com um sorriso.

Nesta entrevista exclusiva a **cadernos do terceiro mundo**, Leonardo Boff fala de ética, política, cultura e ecologia.

■ **Que críticas você faz ao sistema econômico e político em que vivemos?**

LB - O sistema do capital está baseado na exal-

*"Como continuar anunciando Deus num mundo marcado pela desigualdade e pela injustiça?"*

tação do indivíduo, na propriedade privada, na eficiência, na crescente produtividade, na concorrência e no lucro. Ele conheceu várias fases. Hoje vivemos sob a fase da mundialização. O ideal do sistema do capital é criar um desenvolvimento ilimitado de bens materiais mediante os quais os seres humanos pretendem encontrar a felicidade.

Esta máquina de produzir desenvolvimento ceifa muitas vidas humanas (os 12 milhões de negros escravos nas Américas, o genocídio de 30 milhões de indígenas americanos, a colonização humilhante da África, de parte da Ásia e de toda a América, a criação do exército de proletários na Europa e o exército de reserva de mão-de-obra no resto do mundo), cria exagerada injustiça na relação entre capital e trabalho, exige aplicação de violência para garantir a ordem para acumulação do capital, provoca a corrida armamentista e, por fim, agride violentamente a natureza e leva à exaustão recursos naturais não-renováveis.

■ *Em que medida o socialismo conseguiu ser uma alternativa ao sistema do capital?*

LB - Por causa destas contradições na ordem do capital, surgiu uma outra: o socialismo. Onde se dizia eu, agora se dirá nós; onde havia propriedade privada, deveria imperar a propriedade social.

O socialismo foi também uma tentativa de criar desenvolvimento, acumulação e felicidade material. O socialismo e sua legitimação ideológica, o marxismo, são frutos da modernidade ocidental.

Por outros meios se quis concretizar o mesmo sonho. O capitalismo privatizou os bens e socializou os sonhos. O socialismo socializou os bens e privatizou os sonhos. O capitalismo privatizou fábricas, terras e bancos mas deixou que os sonhos pudessem se exprimir por todos os meios de comunicação, da propaganda, da TV, da fantasia e das artes. Apenas cuidou para que eles não se pudessem realizar a não ser dentro do quadro da propriedade privada, da concorrência e do lucro. Numa favela pode faltar o pão, mas a televisão estará ligada.

O socialismo socializou bens, mas privatizou os sonhos. Somente eram aceitos aqueles sonhados pelo partido único ou que estivessem em concordância com o ideário socialista. Todos os demais eram reprimidos e perseguidos.

O socialismo fracassou. Impedindo os sonhos, sufocou a liberdade, a criatividade e assim destruiu o senso humanitário. O capitalismo permitiu os sonhos, que, mesmo falaciosos, sustentam a esperança e prolongam a vida. Por isso permaneceu no cenário como a única forma de desenvolvimento. Não existem hoje opositores visíveis e nem alternativas claras a ele. Mundializou-se. Mas não resolveu os pro-

blemas que o socialismo se propunha resolver. Antes pelo contrário, as dificuldades se agravaram: há mais pobreza, fome, mortalidade infantil, tanto nos países ricos quanto nos empobrecidos.

■ *O que acontece com os países do Terceiro Mundo diante do processo de globalização da economia?*

LB - Diante deste fenômeno e da iminência de integração de todos os mercados, grande parte da população é excluída de qualquer benefício do desenvolvimento. Para poderem pagar os juros da dívida, os estados fazem cortes nas políticas sociais, no sistema de alimentação para as crianças, nas políticas de saúde, de escolas, de moradia. Com isso os excluídos são confrontados com a morte lenta e segura.

Passa-se a idéia de que os países do assim chamado Terceiro Mundo não têm futuro ou salvação. Apenas aqueles estratos sociais dos países em desenvolvimento que foram integrados no espírito da modernidade produzem para o mercado e participam do nível razoável de consumo.

■ *Quais os perigos de se homogeneizar, com relação às manifestações culturais?*

LB - Todos os países são homogeneizados com os mesmos valores do sistema global, com as mesmas tendências culturais, com o mesmo estilo de consumo. A virulência do mercado está destruindo as culturas indefesas. Tudo fica homogeneizado.

Quando se abriu a primeira filial do McDonald's em Moscou, seu representante disse: "Temos a glória de haveremos criado o Big Mac. Ele é igual no Rio, Nova Iorque, Tóquio, em Pequim, Singapura e agora em Moscou. É o mesmo tipo de pão, carne e molho de tomate. É a mesma fórmula e o mesmo gosto."

A mundialização transforma tudo num imenso Big Mac, o mesmo estilo de hotéis, de vestuário, filmes, vídeos, música, programas de TV. Até o Vaticano embarcou nesta do Big Mac. Criou um catecismo único e o mesmo para todo o mundo. Ele é igual, com os mesmos pecados e as mesmas virtudes, no Pólo Norte, nos trópicos amazônicos, em Roma, Bangcoc ou Haiti, como se Deus se alegrasse com apenas uma linguagem e um único tipo de festa. Há, pois, o Big Mac católico. Introjeta-se nos povos periféricos a idéia de que a cultura e o homem ocidentais são melhores.

■ *Mas esse fenômeno não levaria a uma resignação diante da cultura dos mais ricos?*

*"O capitalismo socializou o sonho e privatizou os bens e o socialismo fez o contrário"*

**LB** – Passa-se uma convicção de que não existe alternativa a este modelo de sociedade. Qualquer alternativa é impossível. Não apenas porque não teria forças próprias para se sustentar, mas principalmente porque os poderes atuais não a querem e têm força suficiente para destruí-la. Veja-se o que aconteceu na Nicarágua e o bloqueio férreo dos norte-americanos a Cuba.

Assim, surge uma cultura da desesperança e da resignação, do cativo sem expectativas de libertação. Qual a suprema ironia? Depois de 500 anos, o sonho do desenvolvimento e a vontade de melhorar a condição humana provocaram a exaustão dos recursos naturais, a quebra do equilíbrio ecológico e dimensões de pobreza mundial como jamais houve na História. A busca da felicidade trouxe a infelicidade.

A questão principal é esta: como manter a lógica do desenvolvimento ilimitado e, ao mesmo tempo, evitar a depredação da natureza e a produção de miséria no mundo? Não há um antagonismo entre o velho sentido de vida e a preservação e integridade da criação? Não deveríamos mudar de rumo?

■ *Mas em que direção deve ser esta mudança de rumo?*

**LB** – A insatisfação leva o homem a explorar cada vez mais a natureza para acumular mais meios de satisfazer suas necessidades. Existe uma verdadeira máquina montada de assalto à natureza e aos seus recursos. Revivemos hoje o mito grego de Prometeu, aquele que enfrenta todos os riscos para trazer o fogo à Terra e, com ele, o desenvolvimento. E isto precisa ser revisto.

Mas o homem não é apenas feito de carências. É fundamentalmente um ser razoável, de solidariedade e de comunhão. Ele não só tem a razão, mas também carrega em si o *eros* (no sentido de amor) e o *pathos* (no sentido da emoção). O homem é, ao mesmo tempo, *sapiens* (sábio) e *demens* (louco).

Mas é capaz ainda de ter o cuidado do mundo e a ternura para com as outras pessoas. Ele sonha também para cima, rumo ao desejo absoluto de amor e de entrega. Ele sonha com Deus. Não está condenado a ser só lobo, mas a ser também amigo do outro ser humano. A humanidade está contida na verdade dita por Gandhi: a terra é suficiente para as necessidades básicas de todos, mas não para a cobiça dos consumistas. Somos vítimas da *hybris*, conceito grego que quer dizer desmesura, ambição desenfreada.

Em nossa cultura, falta a dimensão da espiritualidade verdadeira. O homem-espírito possui uma profunda dimensão religiosa. Religião significa a capacidade de ligar todas as coisas, o eu superficial com o eu profundo, o eu e o mundo, o mundo e Deus, o in-

terior com o exterior, o trabalho com o lazer, o homem com a mulher. Fazer esta síntese é a obra natural do homem-espírito.

■ *Como seria a dimensão ética deste novo homem?*

**LB** – Ser ético é ser livre, é poder pesar os prós e contras e decidir de forma responsável. É fundamentalmente na responsabilidade que se assenta a ética. É também a capacidade de ver as razões dos outros e, por solidariedade, assumir o ponto de vista alheio, mesmo contrariando os próprios interesses. O ser ético não busca apenas seu bem, mas também o bem comum dos humanos; não apenas o bem comum dos humanos, mas também o bem comum cósmico, dos animais, plantas, águas e ar das montanhas.

■ *Mas como superar o individualismo que caracteriza parte da cultura moderna e da chamada pós-moderna?*

**LB** – Se a sociedade moderna está estruturada ao redor da ideologia individualista, então, para superá-la, importa, nas palavras de Antonio Gramsci, elaborar uma anti-ideologia cultural, estruturada agora ao redor da tradição da solidariedade. A solidariedade e as formas de comunicação participativa que politicamente se concretizam na democracia social irão constituir as forças seminais de uma nova ordem e de um novo sentido social.

As grandes questões já assinaladas por Immanuel Kant – o que podemos saber? O que devemos fazer e o que podemos esperar? – estarão sempre na ordem do dia em qualquer projeto antropológico e social. Assim, haverá sempre lugar para a ciência, ética, filosofia e religião.

A partir destas indagações, constroem-se as grandes narrativas. Cada cultura elabora sua narrativa básica que confere sentido e plausibilidade à história humana. Trata-se de uma narração que explica a origem e a caminhada da humanidade, que mostra como o presente é fruto de um passado e das decisões dos sujeitos e que assegura orientações de sentido que vão além da pura constatação da morte segura. Tal narrativa é mais que uma informação (no sentido do computador), mais que uma teoria (no sentido das ciências), mais que uma cosmovisão (no sentido da sociologia e da filosofia). Trata-se de uma narrativa que inclui todas estas dimensões, e que tem ao mesmo tempo a estrutura de um grande sonho, de uma utopia global que confere luz, ânimo e sentido à caminhada pessoal e social dos humanos. ■

*“Introjeta-se nos povos periféricos a idéia de que a cultura e o homem ocidental são melhores”*

# O futuro chegou



**Sandra Almada**

O admirável mundo novo chegou e já se pode ouvi-lo anunciar a que veio – será o império das altas tecnologias, mais precisamente das tecnologias digitais. Nas cidades do futuro, os humanos continuarão sob o êxtase da televisão; mas a digitalização e a fibra ótica – dois achados tecnológicos primorosos do século que se finda – darão à telinha múltiplos poderes. Ela provavelmente será um veículo de dois sentidos, um telecomputador poderoso que “dialogará” com seus telespectadores “interativamente”, oferecendo-lhes informações e entretenimento: filmes a pedido, *video games*, bancos de dados, programas educativos, compras em casa, serviços telefônicos, operações bancárias, teleconferências e até as simulações complexas de “realidade virtual”.

Para dar conta de tantos e tão diversos afazeres, a mais encantadora das vedetes das mídias se acoplará a outros artefatos – da telefonia, das telecomunicações, da computação – numa convergência a que se dá o nome de multimídia.

Além da confluência de tecnologias, a multimídia traz a reboque outras alianças, estas de natureza econômico-financeira. Os Estados Unidos, hoje, assistem à proliferação de associações entre empresas de TV a cabo, telefonia e computação. Elas ensaiam em “blocos” novas corporações e estratégias industriais para levar a multimídia ao pódio do mercado tecnológico do futuro.

Em recente entrevista à revista *The Economist*, Gerald Levin, o mais alto executivo da Time Warner, o maior grupo de comunicações do mundo, profetizava sobre a TV do futuro: “Ela permitirá aos consumidores sintonizar qualquer coisa, em qualquer lugar, em qualquer momento.” Assustador?

Para nós, que recebemos as magníficas descobertas da *high-tech*, às vezes já obsoletas em seus países de origem mas ainda envaidecidas de si mesmas diante do nosso fascínio, talvez sim.

Com relação ao mercado norte-americano – base de muitas das maiores empresas de mídia, publicação, telecomunicações e computadores do mundo –, “grandes lucros virão somente quando os clientes estiverem dispostos a pagar pelas experiências que a nova tecnologia possibilita. O público não dá a mínima para a tecnologia. As pessoas só querem saber que tipo de serviços e programas ela tem a oferecer”, comenta John Malone, executivo-chefe da TCI, empresa de TV a cabo.

Em termos comparativos, além dos norte-americanos, são os asiáticos, especificamente do Japão e de Cingapura, os outros povos fadados a experimentar, em ampla escala e mais velozmente, as benesses da multimídia. O Japão espera ter uma rede nacional de fibras óticas em operação até o ano 2015 e Cingapura está instalando linhas. No Brasil já se produz fibra ótica e a Embratel está instalando a primeira rede de longa distância, ligando o trecho Rio-São-Paulo.

Nesses novos caminhos tecnológicos, as informações, aí incluindo som,

*Na educação do Terceiro Milênio, som, imagem e texto traduzidos em linguagem digital passam a ter um formato fácil de enviar, armazenar e manipular. E a nossa escola, muitas vezes carente até de carteiras, talvez possa avaliar melhor o uso de tais recursos, e estudar uma reação que ajude a interferir nos caminhos do futuro*

imagem e texto, quando traduzidas em linguagem digital, passam a ter uma forma mais fácil de se enviar, armazenar e manipular. A compressão digital faz com que maior quantidade de informações possa ser enviada com um dado nível de capacidade de transmissão ou amplitude de banda – dois canais no espaço ocupado por um, por exemplo.

Apenas um fio de fibra ótica, feito de vidro puríssimo, com a espessura de um fio de cabelo humano, pode transportar mil vezes mais informações do que todas as radiofrequências juntas. A comunicação em dois sentidos, ou a interatividade, é propiciada por esta expansão da faixa de onda. Assim, ver a TV interagir e “dialogar” com ela é uma possibilidade que, tecnologicamente, está sendo equacionada.

**Corporações da multimídia** – Nos Estados Unidos, a maioria das cidades já se interligam através de quilômetros de fibras óticas. As duas maio-

## ENSINO

camente nos caminhos que suas nações tomarão rumo a este mesmo futuro.

**Reflexos na Educação** – Na 25ª edição do Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional, promovido pela Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), em setembro do ano passado, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), intelectuais brasileiros ligados à área educacional e trabalhando com educação/comunicação, traçaram um painel sobre o papel da comunicação e a interferência político-cultural que ela vem produzindo no ser humano que caminha para o Terceiro Milênio. Foi um esforço para reunir a produção de idéias sobre o potencial e a obrigação que o país tem de dar respostas aos desafios que a era da informação lança.

Os educadores brasileiros legitimaram o poder de transformação que a escola – apesar de tão desaparelhada e desacreditada – exerce sobre os homens – e estes nos rumos do futuro. Isto é, se a escola for capaz de repensar e transformar a si mesma, se introduzir o novo na sua filosofia, métodos e técnicas de ensino.

“A educação sofrerá profundas transformações, queiramos ou não”, diz a secretária de Educação do município do Rio de Janeiro, professora Regina de Assis. Ela acrescenta que não deve limitar-se à transmissão dos valores e conhecimentos dos mais antigos. “Nosso papel é conservar o que já foi conquistado ou temos também a incumbência de antecipar e delinear a sociedade que desejamos?”, indaga.

Para Regina de Assis, as instituições educacionais devem atender aos direitos das grandes populações. “Neste momento em que educação se mescla com tecnologia, vislumbramos que qualquer criança de qualquer classe pode escolher pela TV a cabo o programa educativo que deseja, que tipo de professor ou aula de matemática quer ver. Haja visto as experiências em edu-

cação à distância da Fundação Roquette Pinto e da Uerj”, exemplifica.

**Rotas da comunicação** – Se “estradas de informações”, construídas em fibra ótica, já atravessam o território de alguns países num caminho aberto à comunicação digital, no Brasil, mensagens educativas, para serem levadas à distância, contam com tecnologias e recursos bem mais tradicionais, mas já significativamente utilizados.

Segundo a professora Marlene Blois, especialista em tecnologia educacional e presidente da ABT do Rio de Janeiro, “uma sociedade demonstra seu grau de evolução se conta com um sistema de comunicação aberto e estruturado, com recursos tecnológicos de última geração, no conjunto de indicadores sócio-econômicos considerados parâmetro de desenvolvimento”. Ela esclarece ainda que, embora se questione aspectos da nossa legislação sobre telecomunicações, o Brasil é privilegiado no setor.

Marlene Blois cita a qualidade e a extensão dos nossos serviços postais e telefônicos, satélites para telecomunicações e parques gráficos. “Temos livros, jornais e revistas com padrão internacional e redes de informações e bancos de dados, alguns conectados com agências estrangeiras. Nossa publicidade e propaganda são premiadas internacionalmente”, explica a professora, que chama a atenção, ainda, para o fato de o “Brasil contar com um parque de radiodifusão que totalizava, em março do ano passado, 3.188 canais outorgados pelo governo, sendo 2.906 de rádio, 257 de televisão e 25 de TV por assinatura. ■

res empresas de TV a cabo, a TCI e a Time Warner que, juntas, chegam a um terço dos 60 milhões de lares norte-americanos com suas redes, anunciaram que este ano irão instalar as duas tecnologias nos seus sistemas.

Os novos arranjos corporativos e a audácia tecnológica, ainda que em estágio embrionário, revelam a disputa acirrada entre alguns dos menestréis da indústria da comunicação. Aqueles mesmos que, durante a década de 80, consolidaram, através de seus conglomerados, o poder de organizar, administrar e controlar a comunicação que, hoje, circula pelo mundo.

Esta nova fase, multimidiática, em que a era da informação começa a entrar deixa entre maravilhadadas e atônitas parcelas da humanidade ainda distantes da fronteira deste admirável mundo novo. Mas, se guardam uma certa distância dela, talvez possam até enxergar melhor e estudar uma reação que as ajude a interferir política e tecnologi-



Já é possível interagir com a TV, através de sistemas que permitem ao usuário comprar, fazer operações bancárias e se comunicar sem sair de casa



## Educação à distância

**N**um país em grave crise econômica, as tecnologias de ponta costumam passar ao largo da escola. Em nossas salas de aula, às vezes faltam de carteiras a quadro-negro e giz. Circulando em torno do sistema escolar como satélites ao redor de um corpo sem viço, outros projetos tentam dar energia à educação e lançar mão de recursos e estratégias tecnológicos. Algumas delas servem à educação à distância.

A cadeia de rádio que transmite as aulas da Universidade Aberta para o Nordeste tem 45 emissoras independentes. São duas aulas por semana, sempre em horário pré-estabelecido, com duração de 15 a 20 minutos cada, sem interrupção.

Antonio Mourão Cavalcante, professor da Universidade Federal do Ceará, frisa que "não se trata de aulas expositivas ou discursos do tipo conferência. E algumas rádios chegam a reprisar as aulas, seja pela falta de outras produções, seja pelos repetidos pedidos de reapresentação".

A primeira proposta de Universidade Aberta foi desenvolvida pela Universidade de Brasília (UnB) em convênio com a Open University de Londres. A Universidade Aberta, que surgiu em 83 no Ceará, introduziu preocupações específicas no projeto-modelo. "Insistiu-se na elaboração de uma produção local, nordestina. Elegeu-se temas regionais relacionados com a problemática dos estados. Havia uma tentativa clara de adaptação cultural", analisa Antonio Mourão Cavalcante.

As razões que levaram à criação de uma Universidade Aberta no Ceará – que conta ainda com uma rede de jornais cobrindo nove estados do Nordeste, da Bahia ao Maranhão – emergiram de um censo universitário. Os três mil professores e 40 mil alunos do 3º grau daquele estado mostravam que cada professor dava aula para 13,3 alunos por ano. Como a sociedade passa 25 anos para preparar um professor de nível universitário, isto era um desperdício.

A Universidade Aberta nasceu com o desejo de engajar os meios de comunicação de massa no processo educativo. Hoje, cerca de 300 mil fascículos/aula são encartados por semana, simultaneamente, nos jornais do Nordeste. E em cada um vem impressa uma aula com estudos de casos, situações-problemas, entrevistas, trabalhos técnicos e divulgação de pesquisas e dados. Tudo bem apresentado e com seleção de conteúdo feita por professores das universidades. Fugindo do formato erudito e usando programas culturais, artísticos, jornalísticos e de variedades, a TV Cultura de São Paulo, emissora pública mantida pelo governo daquele estado, tem índices cada vez maiores de audiência e sua programação atinge quase metade do território nacional.

Na opinião da pedagoga Célia Marques, consultora de educação da TV Cultura, "temos demonstrado

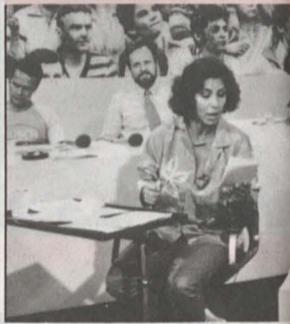
que a programação educativa pode ser agradável e prazerosa. A emissora vem disputando primeiros lugares de audiência em muitos horários, principalmente nos finais de semana".

**Projeto Ipê** – A partir de 1984, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e a Fundação Padre Anchieta exibiram, através da TV Cultura, seus cursos de Atualização e Aperfeiçoamento para o Magistério de 1º e 2º graus – ou Projeto Ipê.

Os cursos são organizados em rede de telepostos instalados em escolas ou outros locais de fácil acesso. "Trabalhamos com a recepção de programas de televisão, com cópias em vídeo, distribuição de textos impressos, atividades em grupos e avaliação. Usamos multimeios para atingir o maior número possível de professores e especialistas em educação, no menor espaço de tempo e de forma econômica", explica Pedro Paulo Demartini, da Fundação Padre Anchieta.

Entre 1991 e 92, foram concluídos uma série de 22 programas de TV e 22 textos de Matemática, Português, Ciências, História, Geografia, Avaliação e Currículo. Órgãos intermediários da Secretaria de Educação divulgam esse material em videocassete. Os programas são realizados por pedagogos, professores, especialistas, pessoal técnico e de produção de TV. São documentários (com experiências pedagógicas, demonstrações, depoimentos), dramatizações, computação gráfica, animações, filmes, materiais de arquivo, textos. Até a década de 80, defendia-se a teleducação em termos tecnicistas, como transmissão de conhecimento, com base em objetivos comportamentais com uma mensuração objetiva.

No Projeto Ipê adotou-se outra posição. "A teleducação como estraté-



Os militares fazem educação à distância há 50 anos



## ENSINO

PIQUETE

gria de inovação, que possibilita maior abrangência e rápida disseminação de informações, além da discussão de mudanças e de implantação de novas práticas pedagógicas no sistema de ensino", analisa Demartini.

**Um exemplo** – O programa *Sem censura*, produzido pela Fundação Roquette Pinto/Televisão Educativa do Rio de Janeiro mostra como as TVs educativas podem democratizar o acesso à cultura e à educação sem ser fracassos de audiência. São entrevistas e debates em torno de temas de interesse geral, com convidados de diferentes áreas, uma apresentadora e jornalistas-debatedores.

"Pela escolha dos convidados e assuntos, pela condução do *show* que assegura a maior audiência do horário, pela participação dos telespectadores de todo o Brasil, a programação é copiada pelas TVs comerciais com patrocínio e recursos", ressalta Marlene Blois.

Segundo ela, "as emissoras educativas são parte dos meios massivos de comunicação, e, toda vez que lhes dão contornos estranhos, são alijadas pelo público, deixando de se comunicar".

A sociedade atual ainda guarda uma tendência oral. A força do rádio – o meio que tem sua expressão plena na oralidade – e da televisão – cuja imagem integrada à fala dá-lhe o domínio da cultura de massa – cresce na intimidade que mantém com o público, na credibilidade que ele lhes confere. "Essa sociedade oral precisa, para captar o mundo, ter olhos e ouvidos abertos, pois, para muitos dos seus integrantes – aqui incluídos os analfabetos – são estes os únicos canais de informação, conhecimento, incorporação de valores e comportamentos socialmente desejáveis que estes possuem", analisa Marlene Blois.

A série *Um salto para o futuro* – antigo *Jornal da educação* / Edição do professor da Fundação Roquette Pinto/MEC, o

programa *Caras e coroas/Roda viva* – veiculado simultaneamente em TV e rádio e dirigido ao público de terceira idade – e os Especiais da TVE são a evidência de que a TV estatal educativa tem condições não só de planejar e conceber tecnologicamente tais projetos como também de executá-los e veiculá-los.

Para viabilizar a educação à distância o Ministério da Educação e Cultura assinou um protocolo de cooperação técnica com o Ministério das Comunicações, a Embratel, a Telebrás e os Correios e Telégrafos. Conta também com o apoio na área educacional do Conselho Nacional de Reitores, do Conselho Nacional de Secretários de Educação e da União dos Dirigentes Municipais de Educação.

**O Exército** – A Escola do Comando Maior do Exército desenvolve educação à distância há 50 anos. Segundo o coronel Benedito Serra, "temos um concurso de admissão à nossa escola que mobiliza cerca de 500 candidatos por ano. É através dos Correios e Telégrafos, principalmente, que desenvolvemos nossa educação à distância, enviando aos interessados o conjunto de conhecimentos necessários ao exame". Os cursos preparatórios vêm sendo elaborados junto com a Associação Brasileira de Tecnologias Educacionais, através do projeto Brasil Raízes do Amanhã.

Este modelo de educação à distância em breve saltará os muros do Exército. A Escola do Comando Maior vem se articulando com o Ministério da Indústria e Comércio, o Senai, o Senac e ao CRUB para que seja ampliado.

**Ruídos na comunicação** – Habitados à figura do professor onisciente, com amplos poderes para aprovar ou não nossa conduta e desempenho na escola, a educação à distância, sem a presença do mestre, parece uma equação mal resolvida entre a educação formal e a não-formal. Isto porque ela mexe com a tradicional comunicação interpessoal dialógica conduzida pelo professor em sala de aula, além da comunicação à distância mediada pelas máquinas.

No entanto vivemos num mundo que já ultrapassou um bilhão de aparelhos de televisão e 3 bilhões de aparelhos de rádio no conjunto de suas "maquininhas" de comunicação. Sem esquecermos que elas dão som e imagem a um sistema de informações que prima pela manutenção e desenvolvimento do sistema econômico, marcado por exclusões e injustiças sociais. Se a educação necessita de tamanhas transformações para resistir à virada do século, que todos estes "satélites" das altas tecnologias sejam bem utilizados dentro e fora da escola, e lancem luz sobre os caminhos que devemos seguir para que a educação e a cultura no Brasil nos impulsionem para um futuro mais justo e digno.

No âmbito mundial, todas as nações devem estar atentas para que estes recursos que hoje revolucionam o mundo estejam, invariavelmente, a serviço do crescimento humano.



O rádio ajuda a formar a cidadania do país





## A transformação pela consciência

*A educação popular leva conhecimento e noções de cidadania à população carente brasileira*

que somente a educação popular poderia unir estas áreas. Além disso, tem uma veia de poeta que já rendeu dez livros publicados, todos com a influência de mais de 15 anos de experiência nessa área.

nar o caminho são as propostas políticas e as necessidades básicas de cada grupo. Tem várias possibilidades, mas sempre o que se realiza é a construção da consciência", comenta Pedro.

O tema escolhido por ele foi uma iniciativa criada em 1965, em Sobral (CE), pelo padre Albani Linhares, chamado Movimento do dia do Senhor, que abrange a área rural da diocese local. Conhecido somente como o Movimento, o trabalho tem como diretriz básica a autonomia. Foi iniciado com agentes (educadores populares), mas hoje os próprios camponeses o dirigem.

Pedro Garcia inseriu depoimentos do padre, de camponeses e de educadores, mostrando como foi o ensino, que se baseou na Bíblia. "A idéia fundamental é a transformação social para a conquista de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária", explica o autor, afirmando que isto foi conseguido pelo movimento. Como disse um camponês citado em seu livro: "Falando sobre mudança, eu acho que o mundo não muda, e sim são as pessoas que se transformam e mudam as coisas."

A consciência do trabalhador como participante e agente transformador da sociedade é uma das metas da educação popular. De acordo com Pedro Garcia, porém, estar ligado a uma transformação não pode ser meramente uma intenção. "Deve-se perceber o comportamento do outro, para haver uma interação e união de interesses", completa.

Pedro Garcia é formado em Filosofia, com mestrado em Educação e doutorado em Antropologia. Ele acredita

O trabalho nunca é meramente técnico. Garcia exemplifica com uma nova pesquisa que vem acompanhando: o projeto Mãos à Obra, de educação de adultos na área da construção civil, realizado no Sindicato dos Laticínios do Rio de Janeiro. "Durante os primeiros meses, identificamos nestes trabalhadores uma auto-estima muito baixa. São geralmente nordestinos e analfabetos, que se sentem discriminados quando chegam ao Rio. Com a alfabetização, surge a possibilidade de afirmação como pessoas", conta Pedro, que observou também uma transformação na própria aparência deles, ficando mais asseados e vaidosos. No início, tinham até medo de sair pela cidade. Por isso, o grupo de educadores começou a incentivá-los a passear pelo Jardim Botânico e Zoológico. "Hoje", diz Garcia, "eles se sentem gente, pois tomaram consciência de si mesmos e valorizam seu ofício para a sociedade".

A educação popular no Brasil sempre foi ativa, principalmente na década de 60. "Depois do golpe militar, era praticamente a única via através da qual se realizava um trabalho político e de consciência. A Igreja foi um grande guarda-chuva nesse período, lembra Pedro Garcia. Com a redemocratização, essa função não se perdeu, pelo contrário: "O trabalho continua forte e intenso, só que não aparece."

### Patrícia Costa

Já está circulando o 21º número dos *Cadernos de Educação Popular*, intitulado "Libertação como plano e sonho de Deus e dos homens" e produzido pela Nova Pesquisa e Assessoria em Educação, entidade autônoma do Rio de Janeiro que está comemorando 20 anos de atuação.

Criada na década de 70, esta publicação semestral exerce três funções, segundo Pedro Benjamin Garcia, autor do último número: como divulgadora de idéias, trabalhos, seminários e pesquisas da Nova; como documento de experiências de educadores populares; e como registro de depoimentos das pessoas que recebem esta educação, entre elas empregadas domésticas e trabalhadores rurais.

A publicação é dirigida basicamente aos educadores, fornecendo subsídios para futuros trabalhos em comunidades. "A educação popular tem muitas denominações e funções, dependendo da proposta de cada grupo. Mas, acima de tudo, há um debate político nesta área, já que conhecimento é uma questão de poder", diz Pedro Garcia.

**Conscientização** - O aprendizado da educação popular abrange a alfabetização, a formação de lideranças, o ensino para mães carentes e o trabalho com meninos de rua. O que vai determi-

## IMPUNIDADE

O Brasil ainda fornece exemplos que reforçam a fama de "país da impunidade". O coronel da PM paulista Edson Faroro e do ex-diretor da Casa de Detenção, José Ismael Pedrosa, foram absolvidos da acusação de abuso de autoridade durante a invasão ao presídio do Carandiru em 2 de outubro de 1992 que resultou na morte de 111 presos. Faroro e Pedrosa eram os réus do único processo sobre o massacre aberto na Justiça Comum. A Justiça Militar analisa outro inquérito, que deverá ser concluído em três anos.

O coronel, hoje na reserva, foi acusado de ter obrigado 24 detentos a carregarem corpos de presos mortos, constringendo ilegalmente os sobreviventes. O diretor do presídio estava sendo processado por não ter tentado impedir a invasão da unidade pela PM. O juiz Oldemar Azevedo, da 5ª Vara Criminal do Fórum Regional de Santana, afirmou na sentença divulgada no final de dezembro que não há provas suficientes contra Faroro e que Pedrosa teve sua ação "tolhida pela PM". O então tenente-coronel foi promovido a coronel meses após o massacre e o ex-diretor administra hoje a Casa de Custódia de Taubaté, de segurança máxima. O promotor Ivan Elias da Silva vai recorrer da decisão.

## ANALFABETOS POLIGLOTAS

Meninos carentes de Recife que mal sabem escrever o nome e nunca sentaram numa carteira escolar conseguem se expressar em vários idiomas. André, de 14 anos, comunica-se em alemão, italiano, francês e inglês. Morador de uma favela em Brasília Teimosa, passa o dia acompanhando turistas estrangeiros pela praia de Boa Viagem.

"Quando a gente fala o idioma deles, os turistas comem a se entender com nós, pedindo para ir ao shopping, ao correio, às boates e ao futebol. Nas compras, mandam a gente ver o que é caro e barato para não serem enganados", revela o pequeno tradutor.

## CINEMA ORIENTAL

O domínio incontestável de produções de Hollywood nos mercados cinematográficos da Europa Ocidental e na América Latina vem reduzindo o espaço para a produção local de filmes. Mas do outro lado do mundo a participação nacional no mercado é cada vez mais forte.

Hong-Kong produz cerca de 200 longas por ano, a maioria filmes de ação de apelo popular e com alta qualidade técnica. A possessão chinesa administrada pela Grã-Bretanha é onde se gasta mais com a compra de ingressos de cinema (US\$ 27 anuais por habitante). O segundo lugar é de Cingapura (US\$ 20), na frente dos Estados Unidos (US\$ 18). A proporção brasileira é de US\$ 1,09 anual por habitante.

A qualidade dos filmes orientais vem sendo comprovada pelos constantes prêmios nos festivais de Veneza, Cannes e Berlim, especialmente para longas da China e Formosa.



## TERRA FANTASMA

Com menor índice de analfabetismo do país (5%), desemprego zero para moradores em idade produtiva e sem homicídio registrado em mais de 30 anos de existência, o município de Serra do Navio, no Amapá, está ameaçado de se tornar cidade fantasma. O fim da exploração de manganes pode ser a sentença de morte para a cidade-modelo instalada na floresta amazônica.

A cidade de quatro mil habitantes depende da extração do minério em jazidas que já estão praticamente esgotadas. O contrato de permissão de exploração à Indústria e Comércio de Minérios (Icomi) expira em 2003, mas a empresa, que dotou o município de infra-estrutura invejável, pode abandonar a região antes do final do século. O prefeito José Maria Lobato, eleito com 612 votos, analisa soluções para o futuro da cidade, como a transformação em pólo de turismo ecológico e pesquisa científica.

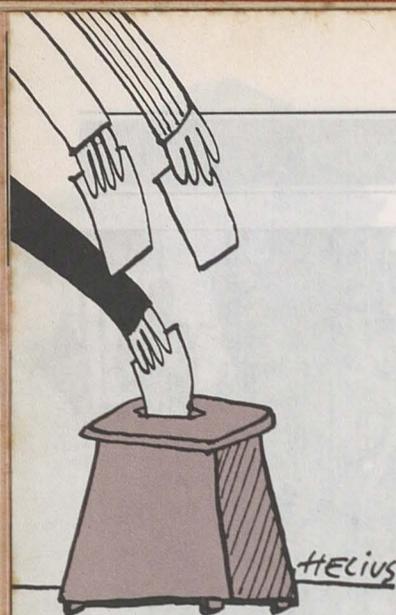
## TURISMO SEXUAL

A Tailândia não é o único destino de turistas que deixam seus países com segundas intenções. Em capitais do Nordeste e Norte do Brasil, redes de agenciamento de prostituição organizadas por taxistas e donos de bares recebem estrangeiros, principalmente alemães, que vêm atrás de sol, mar e sexo.

Segundo Ana Vasconcelos, presidente da Casa de Passagem, entidade de apoio a prostitutas e meninas carentes, cerca de 2 mil garotas de 13 a 20 anos se prostituem em Recife para turistas. O programa é cotado em dólar (US\$ 100 em média). Além de pagar, visitantes alimentam o sonho das meninas brasileiras de morar na Europa.

"A própria família incentiva os encontros. É uma forma de sobrevivência numa sociedade que não oferece maiores perspectivas", revela Ana.





## PONTO DE VISTA

# Nova proposta de voto

*As vantagens e desvantagens dos três sistemas de voto conhecidos no Brasil e a idéia de uma quarta fórmula: representação proporcional à soma dos votos de candidatos de cada partido e com caráter distrital, pois todos seriam votados por seu distrito*

### Mercio Gomes\*

**A** discussão sobre o melhor modo de representar os eleitores nas Câmaras e Assembleias do Brasil gira em torno de três sistemas conhecidos. O primeiro é o que temos agora, a eleição por votação proporcional, onde o eleitor de um campo eleitoral, por exemplo, o estado, vota num candidato entre tantos que os partidos colocarem à disposição, e onde são eleitos os candidatos que tiverem as maiores votações no seu partido, sucessivamente a partir do múltiplo de um quórum proporcional dos votos obtidos pelo partido.

O segundo é a chamada votação distrital, onde o campo eleitoral é subdividido em distritos e o eleitor vota em um candidato proposto por um partido dentre outros de outros partidos, e onde o eleito é aquele que obtiver a maioria dos votos, por primeiro ou segundo escrutínio.

O terceiro sistema é conhecido como distrital misto, pois aí vota-se em dois candidatos, um que representa o distrito e o outro que representa um campo eleitoral.

Fala-se nas vantagens e desvantagens de cada sistema. Para o sistema proporcional, uma vantagem assinalável é favorecer a representação de partidos pequenos, portadores de ideologias políticas minoritárias, mas consistentes, que obtêm votação diluída pelo campo eleitoral. Uma desvantagem reconhecida é que os eleitos não sabem efetivamente quem são seus eleitores, a eles não se reportam e não se sentem diretamente cobrados, e assim ignoram

quais as posições que devem defender. Outra desvantagem é a de que ficam muito altos os custos de uma eleição, já que a propaganda tem que ser feita em muitas áreas do campo eleitoral.

A grande vantagem do sistema distrital é a de proporcionar uma convivência mais próxima entre eleitor e eleito, a qual deve resultar num maior grau de coerência e representatividade. Sua desvantagem correspondente é o paroquialismo inerente e, no fundo, a desnecessidade de coerência ideológica partidária, já que cada distrito é um

Já o sistema distrital misto é visto como aglutinador de mais vantagens do que desvantagens dos dois sistemas, o que o leva a um reconhecimento positivo por parte de muitos analistas. Uma grande desvantagem é a de que criaria dois tipos de votação e, assim, dois tipos de representantes: um aparentemente paroquial, e outro genérico, como se fora um diferente do outro, um mais importante do que o outro, o que poderia ocasionar potenciais conflitos de representatividade.

Reconhecendo essa discussão, aqui propomos um quarto sistema, que chamamos de proporcional com distrito. Ele é proporcional porque a contagem dos votos se faria nos moldes daquele sistema, isto é, através da soma dos votos dos candidatos por cada partido em um campo eleitoral. Ele é distrital porque cada candidato seria votado por seu distrito, não pelo campo eleitoral. Assim, ele saberia quem o elegeu e por quais motivos, que seriam tanto os paroquiais quanto os ideológicos, pois sua eleição dependeria do número de votos obtidos no campo eleitoral.

Na disputa por um distrito poderia haver, digamos, seis candidatos de seis partidos diferentes, que disputariam os votos daquele distrito. O mais bem votado seria o vencedor do distrito, mas ele só seria aclamado como eleito se o seu partido obtivesse o número de cadeiras pelo quórum eleitoral e ele estivesse entre os mais bem votados. Um mesmo distrito poderia ficar sem nenhum representante se seus votos se dividissem tanto, ou apenas ter um, ou até mais de um, dependendo do número de votos obtidos pelos partidos concor-

*O cidadão tende a recusar o jogo do clientelismo na hora de escolher*

mundo à parte. Equilibra-se em vantagem e desvantagem o fato de o distrito poder se posicionar pela rejeição de um representante que não lhe tenha sido fiel ou, ao contrário, continuar a mantê-lo anos a fio por simples jogo de clientelismo. No caso brasileiro, essa balança de prós e contras não pode deixar de ser cuidadosamente sopesada.

# O direito à expressão

rentes daquele distrito na contagem proporcional do campo eleitoral.

Quais as vantagens desse sistema? Primeiro, cada candidato teria que trabalhar próximo aos seus eleitores e seus problemas, tendo, dessa forma, um alto grau de representatividade. Mas também ele teria que fazer parte de uma verdadeira agremiação política porque sua eleição depende da aceitação e votação do seu partido no campo eleitoral. Ele estaria verdadeiramente interessado na capacidade de votação de seus companheiros em outros distritos, com quem não competiria. Ao ser eleito, não lhe caberia dúvida de que o foi por um distrito, porém, dentro da visão e dos métodos mais amplos de um partido político.

Desse modo, ele estará representando um eleitorado que teria sido convencido por razões ao mesmo tempo paroquiais, gerais e ideológicas. Os candidatos e os partidos ficariam, assim, mais comprometidos em fortalecer suas posições nos distritos e em adotar métodos de convivência política mais democráticos e participativos. Outra vantagem é que os custos da eleição seriam mais baratos, pois a propaganda se dirigiria a um distrito, e também porque seriam compartilhados por companheiros não-concorrentes entre si.

Para adoção do sistema proporcional com distrito, cada campo eleitoral brasileiro seria dividido, por proporção demográfica, em tantos distritos quantos forem os representantes desse campo, seja com o número atual ou modificado. Assim, é necessário haver uma recomposição das zonas eleitorais vigentes para

corresponder a distritos que tenham números aproximados de eleitores. Este é um problema relativamente fácil, pois pode ser resolvido por uma equação que leve em conta número populacional e regionalidade.

O difícil para a aceitação desse sistema, na atualidade política brasileira,

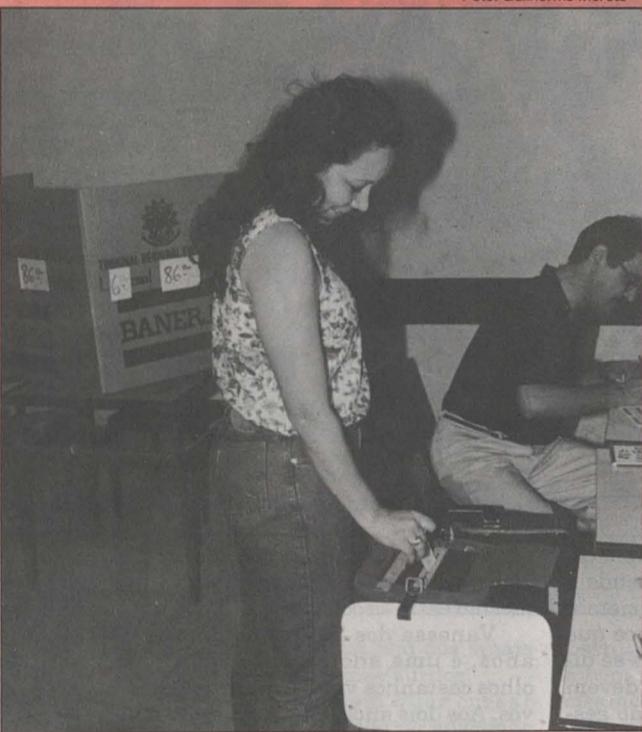
algum motivo, ache por bem ter mais de um representante por distrito. Aí é que viria o grande trabalho político de equilibrar o papel das bases com as idéias mais amplas do partido.

Outras conseqüências desse sistema são resolvíveis, se a idéia for de fortalecer partido e coerência de representação. Uma delas é delimitar os distritos com um número populacional mais ou menos igual, não diferente em mais de 5% um do outro. Em alguns casos, vários municípios contíguos constituiriam um distrito, em outros os distritos seriam formados por bairros de grandes cidades.

Uma questão a ser resolvida seria a definição do número de deputados para as assembleias estaduais. A maneira mais fácil seria simplesmente acompanhar o mesmo número que os representantes na Câmara Federal. Ou duplicar os representantes estaduais para cada distrito. Também poder-se-á formular uma proporção de 3 para 2, em cujo caso dois distritos contíguos elegeriam três deputados estaduais, mas somente dois federais.

Sejam quais forem as providências a serem tomadas, acreditamos que essa proposta poderá criar as bases para uma renovação da participação dos eleitores na representatividade política brasileira, superando as principais desvantagens existentes nos demais sistemas eleitorais. ■

\* Mercio Gomes é antropólogo, professor-visitante na Uerj e Subsecretário de Programas Especiais do governo do estado do Rio de Janeiro



*É preciso renovar a participação dos eleitores na vida política brasileira, superando os problemas existentes nos sistemas eleitorais*

dificuldade também inerente ao sistema distrital, seria a decisão que cada partido terá que fazer para designar um representante para cada distrito, que poderia ser ou um deputado atualmente com mandato ou um pretendente. Mas também nada impede que, por

# O direito à expressão

Fotos: A. C. Junior



*Através dos tempos os surdos (e mudos) sempre lutaram pelo direito de poder falar. E hoje a busca de um consenso para melhorar a forma de comunicação com o mundo é ainda a maior preocupação deles*

## Aura Pinheiro

**J**untos, eles realizam uma comunicação que transcende a palavra e, enquanto riem e brincam entre si, parece que estão dançando. Os especialistas se dividem: alguns acham que eles devem abdicar de sua criativa expressão gestual para perseguir a fala. Outros pensam que devem esquecer a busca impossível do som que nunca ouvirão e apostar só na expressão corporal. No seu universo de silêncio e sensibilidade, eles buscam a solução para se integrar no mundo.

Muitos deficientes auditivos questionam o fato de poucos professores manipularem a linguagem de sinais. Mas há também os que contestam esta linha acadêmica e acreditam no esforço individual de cada um para a conquista da fala, através do método audiolingüístico.

Mesmo convivendo diariamente com essas diferenças de pensamento, uma geração de deficientes auditivos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), no Rio de Janeiro – que não

segue uma metodologia específica de linguagem –, tem mostrado que sabe dar a volta por cima das dificuldades. E se destaca pelas suas atividades até mesmo extra-escolares.

Vanessa dos Santos de Sousa, 19 anos, é uma adolescente bonita, de olhos castanhos vivos e muito expressivos. Aos dois anos, uma meningite aguda a deixou totalmente surda. Seus pais, no entanto, sempre procuraram tratá-la como os outros quatro irmãos que não têm qualquer problema de surdez e, talvez, por este motivo ela desde criança começou a aprender a leitura dos lábios e a falar. “Ninguém da minha casa sabe a linguagem dos sinais. Minha mãe colava cartazes com os nomes dos objetos para me ensinar a falar. O surdo precisa entender que

ele é minoria. É muito mais fácil tentarmos aprender a falar a língua dos outros, mesmo sendo isto muito difícil”, diz Vanessa, dona de uma voz rouca, baixa, mas ao mesmo tempo suficientemente compreensível. O resultado de seu notável esforço já conseguiu unir o hobby de desenhar com trabalho profissional. Em dezembro, ela obteve o primeiro emprego como *free-lancer* de uma firma de ilustração.

Entre os estudantes, Vanessa é uma das líderes das notas acima de nove. Principalmente em desenho, é claro.

*Alex de Barros, com Alessandra, reclama do pequeno número de professores que domina a linguagem dos sinais*



## A linguagem dos surdos

A diretora do Ines Lenir de Sá Duarte acredita que só a convivência diária leva os professores a se sentirem mais entrosados e à vontade para ensinar e dominar a linguagem dos surdos. São mais de 200 educadores na escola que tem 730 alunos e ela não consegue precisar o número exato dos que realmente só se comunicam através dos sinais.

O instituto, fundado por D. Pedro II, tem 136 anos, e já passou por muitas mudanças de metodologias. Na década de 1980, o uso dos sinais foi proibido por lei, com o domínio do sistema de audiofonatório – de incentivo à fala. “Mais tarde as autoridades reconhecerem que estavam sendo radicais. Hoje, usamos de tudo um pouco, como o bilingüismo (sinais e língua falada) e comunicação total (que explora todos os artifícios possíveis para facilitar o entendimento da mensagem)”, conta.

Dividido em departamentos de pedagogia, atendimento médico, psicológico, odontológico e de nutrição, o Ines tem também um serviço de diagnóstico de causas da surdez. Como instituição federal, procura manter suas portas abertas aos novos alunos. No entanto é preciso seguir uma burocracia de cadastramento e aguardar a chamada para uma avaliação de cada caso. Atualmente pelo menos 150 deficientes auditivos estão na lista de espera para serem atendidos.

Quando há comemorações ou atividades sociais na escola, as ilustrações dos cartazes são sempre assinadas por ela. Com traços firmes, faz desde um estilo ingênuo e infantil até trabalhos mais sofisticados, com seres espaciais e super-heróis. Há pouco tempo foi autora de um cartaz informativo sobre a Aids no instituto.

No ano passado, Vanessa completou o curso de auxiliar de arquitetura no Senai. E, em 1994, espera que seu pai possa pagar “um bom preparatório para o vestibular. “Quero ser desenhista profissional, mas não sei ainda o curso que pretendo fazer.” Filha de pai aposentado e mãe dona de casa, precisou ser transferida do colégio Primeiro de Maio para o Ines, porque a família não tinha mais condições de pagar as mensalidades. “Aquele escola era muito importante porque eu podia falar à vontade, ninguém usava a linguagem de sinais. Aqui muita gente só quer se comunicar através de sinais e isso não é bom”, observa.

Um dos inspetores do instituto, Mengalves da Silva Quirino, 22 anos, também consegue ler os lábios, mas fala de forma bem menos articulada do que Vanessa. Atualmente faz a primeira série do Segundo Grau em uma turma especial para surdos da Escola Estadual Alceu Amoroso Lima, em Laranjeiras. “Lá o ritmo é mais rápido do que aqui.

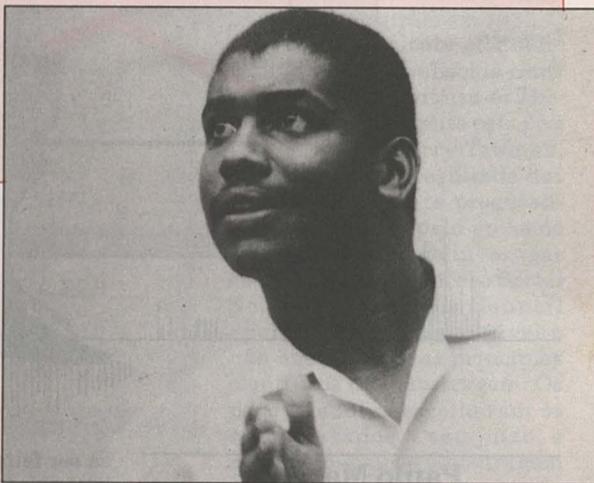
Este ano só vim ao Ines à tarde para trabalhar”, explica ele através do intérprete Luis Felipe Lopes, um funcionário do instituto

que aprendeu a linguagem dos sinais por ser filho de pai e mãe surdos.

Mengalves também quer cursar uma faculdade. “Pretendo ser advogado para cuidar de causas jurídicas de deficientes auditivos”, explica. No entanto, defende uma forma diferente para a aprendizagem dos surdos. Ao contrário de Vanessa, acha que as pessoas deveriam se interessar mais em dominar a linguagem dos sinais para se comunicarem melhor com quem não pode ouvir. Morador de Niterói (RJ), Mengalves tem três irmãos e também é o único deficiente auditivo da família. Perdeu a audição aos sete anos, quando levou um tombo e bateu com a cabeça no chão.

O vice-presidente do grêmio estudantil do Instituto Nacional de Ensino de Surdos, Alex de Barros Curione, 20 anos, é bastante politizado. Sua maior reclamação é o número reduzido de professores que domina a linguagem de sinais na escola. “A estrutura da língua

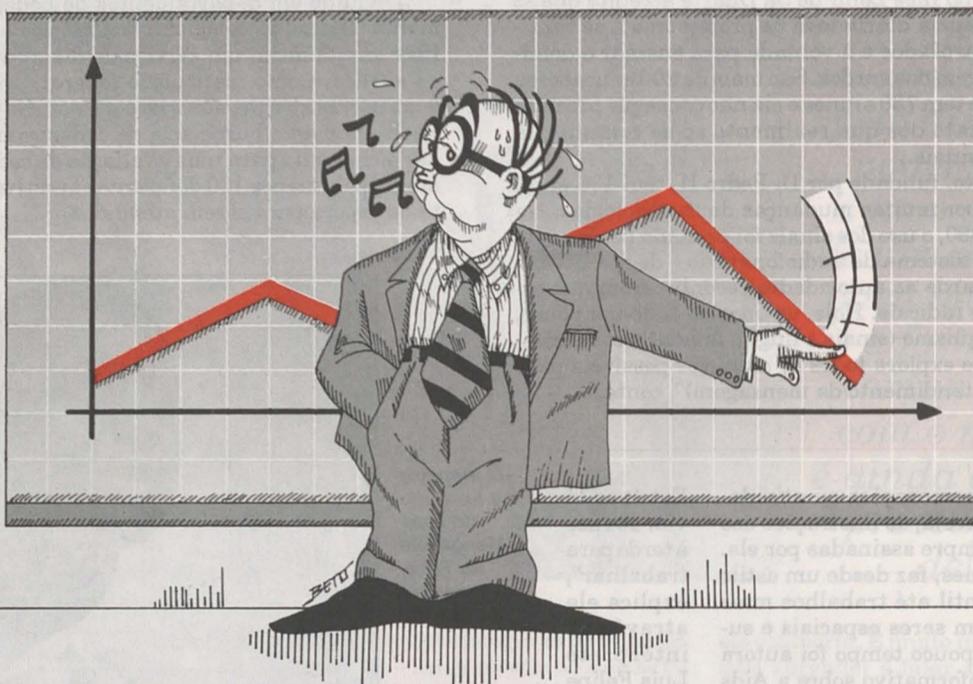
O inspetor e ex-aluno do Ines, Mengalves da Silva, quer ser advogado



portuguesa é muito difícil, e a de sinais é bem mais simplificada. Por isso, precisamos ter os sinais como base para a comunicação. As pessoas deveriam se interessar mais em aprender a nossa linguagem”, diz através do intérprete Felipe Lopes. Único surdo-membro da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas, ele acha que através das entidades estudantis os deficientes auditivos têm conseguido chamar mais atenção para os seus problemas. “A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos também tem funcionado como ponto de apoio entre os surdos e a sociedade”, acrescenta. Cursando a segunda série do Segundo Grau, Alex não lê lábios e se comunica basicamente através da linguagem de sinais. Pretende fazer vestibular para História e Pedagogia: “Quero ser professor especializado em deficientes auditivos, que precisam de maior dedicação.”

# Realidade distorcida

*A falta de critérios na preparação de pesquisas pode induzir o eleitor a erro, modificando o resultado de uma eleição*



## Paulo Marinho

Elaboradas com base na ciência estatística, as pesquisas tanto são usadas para lançar um produto no mercado como servem para prever o resultado de eleições e calcular os índices inflacionários. Com um grau de influência considerável, elas nem sempre refletem a realidade e, quando isso acontece, a população, ao mesmo tempo matéria-prima e destinatária dos levantamentos, corre o risco de tomar a decisão que não pretendia.

Oscilando na tênue fronteira que separa a identificação de tendência da formação de opinião, as pesquisas são encaradas com apreensão pelos próprios estatísticos — que lutam para aperfeiçoar o setor e ampliar o controle da sociedade sobre a preparação da pesquisa e a divulgação dos resultados.

A análise de levantamentos estatísticos complexos interfere diretamente na vida da população e, portanto, preci-

sa ser feita com critérios para não causar prejuízos aos interessados. O cálculo da inflação é um bom exemplo do grau de complexidade estatística. A cesta básica, usada como referencial, varia de uma família para outra, em função do poder aquisitivo, e os preços mudam de um ponto de venda para outro. Apesar do impacto direto sobre os consumidores, os critérios usados podem variar de acordo com interesses particulares. “Estatísticos já foram obrigados a mudar a metodologia, alterando o peso ou suprimindo um gênero cujo preço estava em alta para distorcer o resultado final”, revela o presidente da Sociedade Brasileira de Estatísticos, Luís Carlos da Rocha.

O professor da Escola Nacional de Estatística (Ence) adverte que os profissionais e a ciência a que se dedicam não são infalíveis e, por isso, correm o risco de cometer enganos: “Mesmo quando todos os rigores são observados, desde a elaboração dos questionários, definição da amostragem, escolha dos

entrevistados e correta leitura dos dados, podemos chegar a um resultado errado. Isso aconteceu na última eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, quando a Sociedade Brasileira de Estatística e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) erraram ao apontar que o segundo turno do pleito, vencido por César Maia, seria decidido entre Benedita da Silva e Cidinha Campos”.

**Formação** — Para o estatístico e candidato ao Conselho Federal da categoria, Deuzir Matias, os equívocos também podem ser causados pela formação deficiente do profissional. Lotado na Divisão de Ensino e Treinamento do Hospital do Câncer, ele é um dos poucos estatísticos que trabalham na área de saúde, no Rio de Janeiro: “Na Escola Nacional de Estatística, o único contato que tive com o setor foi através de palestras, mas a mesma deficiência pode ser estendida a todas as áreas. Na engenharia, por exemplo, tarefas como o

controle de qualidade, que necessariamente deveriam ser desempenhadas por estatísticos, acabam sendo delegadas a engenheiros". Matias adverte que a persistência de um ensino incompatível com o sistema produtivo e a redução da presença de profissionais no mercado de trabalho pode trazer graves danos à sociedade.

**Leitura** – Expostas a um longo trajeto, que começa no contratante, passa pela metodologia do instituto e pelos pesquisadores que aplicam os questionários, as pesquisas ainda podem ser falseadas pela leitura de seus números. Um exemplo famoso desse tipo de erro é o caso de uma indicação que levou o Departamento de Saúde norte-americano a investigar uma cidade do interior, onde 50% dos barbeiros morriam por causa de um tipo muito raro de câncer. Descobriu-se que a localidade por muitos anos tivera apenas dois barbeiros e que um deles morrera de câncer.

Para Luís Carlos da Rocha, o exemplo mostra o perigo da chamada leitura incompleta: "É muito comum a mídia, um dos grandes contratantes de pesquisas, divulgar só uma parte do trabalho e omitir muitos detalhes, o que leva o receptor da mensagem a ter uma impressão errada".

O presidente da Sociedade Brasileira de Estatística adverte que a transformação da pesquisa em informação assume proporções perigosas quando o objetivo do trabalho é definir a intenção de voto às vésperas das eleições. Para mostrar como as previsões modificam a realidade, ele recorre a dois exemplos – um com a previsão confirmando o fato e outro em que a prévia pode mudar o previsto: "Se uma fonte de credibilidade comunica que vai faltar açúcar, os primeiros compradores vão adquirir mais do que necessitam, estocar e vai acabar faltando o produto. Por outro lado, se projetamos a falta de energia elétrica nos próximos três anos e os órgãos competentes tomam medidas para evitar o fenômeno, a previsão acaba evitando que ocorra o previsto".

**Eleições** – Mas é nas prévias eleitorais que a dicotomia identificar ten-

dência/formar opinião assume proporções preocupantes. Segundo Luís Rocha, a divulgação das pesquisas pré-eleitorais introduziu um dado novo no processo, já que o cidadão passou de simples eleitor a jogador que interfere no resultado. Se a prévia revela que o candidato preferido do eleitor não está bem colocado, e o que está na liderança não lhe agrada, ele poderá votar num terceiro nome. "Se por algum motivo a prévia estiver errada, o eleitor terá sido induzido a fazer o contrário daquilo que pensava estar fazendo", conclui.

*"Estatísticos já foram obrigados a mudar a metodologia, alterando o peso ou suprimindo um produto com preço em alta para modificar o resultado de uma pesquisa"*

Já para o estatístico e consultor do Ibope, Marco Antonio Souza, as pesquisas têm tanto peso na escolha de um candidato quanto as muitas informações que ele recebe na campanha: "Cada pessoa reage de maneira diversa cada vez que uma prévia indica quem está na frente. Influenciar não é determinar o voto e não podemos confundir manipulação com interpretação."

**Controle** – O estatístico lembra que os próprios institutos, além das entidades do setor, reivindicaram e conseguiram que a divulgação de uma pesquisa fosse acompanhada do registro da respectiva metodologia no Tribunal Regional Eleitoral. Marco Antonio Souza acrescenta que o Ibope também vem colocando à disposição dos partidos os questionários usados em cada estudo.

Igualmente preocupado com o reduzido controle da sociedade sobre as pesquisas, o estatístico Deuzir Matias

teme pelo futuro de uma categoria que acaba dando legitimidade a projeções elaboradas sem o necessário cuidado. Segundo Martins, o uso de amostras reduzidas de entrevistados para reduzir custos e a contratação de pesquisadores despreparados podem deturpar o resultado de levantamentos feitos em locais públicos, onde o perfil das pessoas muda de acordo com o horário.

A técnica de amostragem, na qual se verifica um conjunto representativo de toda a população, chegou a ser considerada responsável pelo maior erro que as pesquisas eleitorais registraram nos Estados Unidos – onde as prévias surgiram em 1932. O American Institute of Public Opinion, mais conhecido como Gallup, previu a vitória de Thomas Dewey na disputa pela presidência com Harry Truman, em 1948, mas o resultado das urnas contrariou os prognósticos. Incumbido pelo governo norte-americano de investigar as causas do equívoco, o Social Science Research Council apontou como responsável a não-obediência aos princípios científicos da amostragem. Os pesquisadores escolheram os entrevistados a seu juízo, e isso fez com que a amostragem deixasse de representar o conjunto do eleitorado.

No Brasil, um recenseamento do IBGE apresentou erros grosseiros porque o órgão remunerou o trabalho pelo número de entrevistas e os recenseadores desprezaram os domicílios com poucos moradores.

Além dessa falha, o Gallup, julgando certa a eleição de Dewey quase um mês antes do pleito, decidiu suspender as pesquisas, desconsiderando o chamado ritmo temporal de evolução de tendências – que vinha indicando declínio das intenções de voto em Dewey e ascensão de Truman. As informações estão no livro *Pesquisa eleitoral – Críticas e técnicas*, do estatístico Jorge de Souza. Publicado em 1990, o único título existente no país sobre o tema adverte que enquanto os países desenvolvidos possuem rigorosa legislação disciplinando as pesquisas, "o Congresso Nacional brasileiro se recusa a apreciar os projetos de lei em tramitação sobre o assunto".

# Os filhos do lixo

Fotos: Elizabete Guabiraba



*Três mil pessoas  
vivem do que  
retiram do aterro  
sanitário de  
Jangurussu,  
em Fortaleza,  
sem direitos  
sociais nem  
mínimas condições  
de subsistência*

“Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos

Quando achava alguma coisa  
Não examinava nem cheirava  
Engolia com voracidade

O bicho não era um cão  
Não era um gato  
Não era um rato

O bicho, meu Deus, era um homem”

Manuel Bandeira

## Pascale Bodinaux

**C**hegando, primeiro, de longe, avistam-se os urubus. Em seguida, vem o cheiro. Finalmente, aparece aquela falésia escura, alta, de cerca de 20 metros: o lixo. Em cima, uns seres estranhos, envoltos em trapos sujos, disputando com os animais os detritos recém-despejados pelos caminhões da prefeitura.

Mergulhando entre latas, papéis sujos e frutas podres, vasculhando as sobras dos outros, aquilo que esses outros não quiseram mais e jogaram fora, eles buscam a sobrevivência na podridão.

Fortaleza conta hoje com quase dois milhões de habitantes. Cada um produz, por dia, cerca de 670 gramas de lixo doméstico. Acrescentando o lixo industrial e hospitalar, são 2.000 toneladas diárias de detritos que chegam ao aterro sanitário de Jangurussu, situado a cerca de 15 km do centro, no lado sul da cidade.

Desde 1978, esse lixo vem sendo simplesmente despejado e acumulado ao ar livre. Há alguns anos, as autoridades da Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização (Emlurb) vêm prometendo a reforma do aterro, que deveria ser transformado em estação de transbordo (pesagem e seleção do material reciclável para as indústrias). Embora o aterro já devesse ter sido desativado há seis anos (pois a área não comporta mais o acúmulo de lixo há 16 anos), nada aconteceu.

## POBREZA

**Operários do submundo** – No Jangurussu, numa área de dez hectares, trabalham, moram, dormem (e não sonham!) perto de três mil pessoas (aproximadamente mil famílias): homens, mulheres, crianças – operários do submundo, à margem do que podem ser consideradas condições dignas de vida e de trabalho para um ser humano. No calor, no fedor insuportável (que já não percebem mais), no meio de uma nuvem de insetos, sobretudo moscas, e de poeira que o vento e os caminhões levantam, os catadores disputam o espaço com vacas, ratos, cães e urubus. Cabeças enfaixadas com farrapos, alguns deles com o rosto meio coberto, armados com “casqueiros” (tipo de ciscador para revolver o lixo) e dos seus tambores (grandes baldes usados na coleta de lixo), os catadores, também chamados de “casqueradores”, “casca-teiros” ou “rampeiros”, parecem estranhos soldados do exército da fome e da miséria. Com o casqueiro ou com as mãos, recolhem no lixo os detritos recicláveis para vendê-los. Eles apanham, principalmente, papel, papelão, plástico, metais, garrafas de vidro e de plástico, ossos etc.

Além disso, os casqueradores aproveitam também objetos de uso pessoal ou doméstico (roupas, panelas, sapatos) encontrados na rampa, assim como alimentos, geralmente estragados ou quase apodrecidos, que entram na preparação do almoço do catador e da sua família. São frutas, pães, bebidas, alimentos industrializados com prazo vencido, como enlatados, leite, iogurte, queijo e também produtos de granja: ovos, galinhas e pintos doentes, que são recolhidos e consumidos.

**A exploração pelo atravessador** – O lixo reciclável recolhido é vendido aos donos de depósitos instalados na própria rampa, que, por sua vez, vendem o material a um depósito maior, situado fora do aterro, ou diretamente às indústrias de beneficiamento.

O sistema de trabalho é o seguinte: o dono do depósito pequeno ou “atravesador” aluga o trabalho do catador, pagando-lhe um adiantamento por certa quantidade de determinado tipo de material a ser recolhido, como alumínio ou papelão. O preço varia em função do material e do valor de compra definido

pelas fábricas. O atravessador emprega um ou dois tambores ao catador, que trabalha até liquidar a sua dívida, que eles preferem chamar de “passe”, como no futebol.

Esse contrato, puramente verbal, funciona como um tratado de sujeição, quase feudal, da parte do contratado que se submete a todas as condições impostas pelo dono. Este tem toda a liberdade de impor os preços que bem entenda. Além de pagar pouco (embora o seu



### Quem é o catador?

Como um indivíduo se torna catador de lixo? Qual é o percurso de vida que leva uma pessoa a se submeter a esse trabalho vil e desumano? Em geral, a culpada é a seca e, conseqüentemente, a miséria e a fome (62% deles vêm do interior do estado ou de estados vizinhos). Mas esse problema está relacionado também com a concentração de terra e o desemprego no campo e na cidade. Dado assustador: mais da metade dos trabalhadores do lixo é menor de idade. Muitos deles são crianças, geralmente filhos de catadores que os pais preferem levar ao local da rampa a deixar sozinhos em casa.

Outras crianças se autodenominam os filhos do lixo, uma categoria particular de trabalhadores do aterro de Jangurussu. São crianças que nasceram na rampa ou que lá foram parar, tendo perdido qualquer referência familiar. Cresceram à sombra da montanha de detritos. Para eles, o lixo passou a ser um lar, o seio materno, a única referência. Eles chegam a criar uma defesa imunológica impressionante, muito maior do que a maioria das pessoas e assim conseguem sobreviver na imundície, junto aos animais. Qual o sonho que acalentam esses pequenos? Tornar-se gari ou lixeiro, *status* que, para muitos deles, parece digno, ambição à altura de suas melhores expectativas de vida e, infelizmente, provavelmente o único que a sociedade é capaz de lhes oferecer.

A maioria dos catadores não sabe ler ou escrever e não possui documentos, o que dificulta uma eventual mudança de atividade profissional. Alguns deles, depois de terem deixado esse meio de vida, voltaram à rampa por não encontrarem compensação nas profissões do setor formal da economia (horários, salário mínimo, transportes, roupas, vínculo empregatício etc.).

Certos casqueradores vêm da periferia. Mas muitos deles moram na própria rampa ou nas suas proximidades, em barracas precárias e insalubres. Além desse conjunto, conhecido como “favela do lixo”, o governo de Tasso Jereissatti financiou a construção de 102 casas populares situadas logo ao lado do aterro, em cima do lixo, numa área desativada há somente dois anos. Toda a vida ali se organiza em torno do lixo. Almoça-se nele, pois há cantinas vendendo lanches. Essas biroskas, construídas a partir de material recuperado no aterro, além de oferecerem alimentos de origem duvidosa em local totalmente anti-higiênico, alojam muitas moscas e insetos que formam nuvens sobre a comida e as pessoas que ali se alimentam. O donos, normalmente, são ou foram também catadores. Namora-se, ama-se, prostitui-se também sobre o lixo, com os casais tendo como leito uns fardos de papel estendidos sobre os dejetos.

## A reciclagem

O Brasil produz cerca de 90 mil toneladas de lixo por dia. Porém, apenas a metade é coletada e 28 mil são lançadas em rios, lagoas, córregos e no mar. Cerca de 90% dos 4.425 municípios brasileiros utilizam vazadouros a céu aberto para destinar resíduos domésticos e hospitalares.

Segundo uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizada em 1990, somente 8% dos municípios têm unidades de tratamento de esgoto; desse total, somente 1% possui estação de tratamento convencional. No Nordeste, nas áreas urbanas, 28,2% dos habitantes são servidos por sistemas de esgoto, enquanto na região Sudeste esse percentual atinge 75%.

Em Fortaleza, por exemplo, somente 15% dos moradores se beneficiam das redes de esgoto.\* A maioria utiliza soluções individuais, como fossa-sumidouro, ou deixa seus dejetos escorrerem pelas coxias, contaminando o lençol freático e, em consequência, os rios e os lagos. Essa situação tem um agravante: depois

de passar ao lado do Aterro Sanitário, o rio Cocó, cuja bacia atinge dois terços de Fortaleza, é contaminado pelo chorume (substância tóxica, produto da fermentação do lixo) que se espalha e polui toda a área que percorre, contaminando as populações que sobrevivem da pesca em suas margens.

A saída para o problema é a reciclagem dos materiais, cujo principal requisito é o desenvolvimento da coleta seletiva de lixo e a instalação de usinas de compostagem e de incineração. A coleta seletiva e a reciclagem do lixo já existem em vários países do mundo. No Brasil, as experiências nessa área ainda são esporádicas, embora já se observem bons resultados em Curitiba, São Paulo e Niterói. Do total do lixo coletado no país, somente 3% são reciclados. Nos Estados Unidos e no Japão, esse percentual chega a 10% e 50% respectivamente.

Além do aspecto financeiro, a coleta seletiva apresenta a vantagem de preservar a natureza. Cada tonelada de papel arrecadado corresponde a 17 árvores adultas que deixam de ser derrubadas.

\*Dado da Comissão Interministerial para a Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cima)

próprio lucro seja superior a 100%) por um trabalho ingrato e perigoso, não é raro o atravessador tentar roubar os catadores na hora da pesagem das mercadorias (sobretudo as mulheres e as crianças...). Inútil observar que inexistem qualquer tipo de garantia em relação a tratamento de saúde, aposentadoria, segurança no trabalho ou ao uso do equipamento. Não existe também nenhuma forma de organização dessa categoria particular de trabalhadores visando à defesa dos seus direitos.

**Os perigos** – Observando os casqueradores, nota-se imediatamente que a sua proteção contra a sujeira é irrisória: um boné, uns trapos sujos, um velho tênis. A maioria trabalha de mãos nuas, poucos usam botas. Além dos riscos elevados de doenças respiratórias, infecções, doenças de pele, verminoses, cujas taxas são altas entre os catadores de lixo, eles correm um risco constante de atropelamento pelos carros de lixo, tratores e caminhões. Em setembro do ano passado, uma criança de nove anos morreu por causa do descuido de um motorista.

Existe também o risco de asfixia ou de explosão devido à produção de gás metano, produto da fermentação do lixo (esse gás chega a ser reaproveitado pelos moradores do aterro como combustível para cozinhar).

Além desses perigos, existe o risco de contaminação pelo lixo industrial e hospitalar. Pois, por incrível que pareça, de forma escandalosamente irresponsável e criminosa, esse lixo está sendo diariamente despejado, ao ar livre, na rampa. Nesses tempos de cólera e Aids, os hospitais e a prefeitura de Fortaleza ainda não se deram conta da necessidade absoluta de controlar o destino desses detritos altamente perigosos (ou incinerá-los). Desprovidos de qualquer tipo de informação a respeito do perigo que estão correndo (embora, entre eles, chamem o caminhão do lixo hospitalar de "o carro da Aids"), os catadores, tanto adultos como crianças, reviram esse lixo para recolher os equipamentos de soro que ali são depositados, entre outros materiais. Enquanto isso, vasculham outros detritos, pisando e afundando no meio de gazes e algodões sujos, seringas e agulhas usadas.

O lixo industrial, também espalha-

do sem o menor escrúpulo, expõe os trabalhadores do aterro a acidentes causados por explosões de material inflamável, a queimaduras com produtos químicos, envenenamento etc.

**A violência** – Diante desse quadro de degradação completa da vida de um ser humano, o comportamento violento encontra um campo fértil para se instalar. Nas palavras de João Bosco Feitosa dos Santos, técnico do Sistema Nacional de Empregos do Ceará (Sime): "A violência está em todo lugar do aterro e não só nas pessoas; é como se ela viesse junto com cada saco de lixo despejado no caminhão." A violência trazida pelo lixo se manifesta através dele próprio: alimentos estragados, material hospitalar, roupas e brinquedos, lixo do luxo dos outros. Até crianças recém-nascidas e fetos, em grande número, são frequentemente encontrados no lixo pelos catadores, denúncia de uma outra realidade, não menos dramática. As drogas e o álcool, cujo uso é comum entre os casqueradores (como forma de compensar a miséria ou a vergonha), tornam as pessoas ainda mais suscetíveis e agressivas.

**FIQUE DO NOSSO LADO**

**ASSINE**

**ALMANAQUE**

B · R · A · S · I · L



1993 1994

FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE • HISTÓRIA DOS ESTADOS  
DOCUMENTOS FUNDAMENTAIS • CRONOLOGIA HISTÓRICA  
OBRAS CLÁSSICAS • O ESPÍRITO NACIONAL • AS INSTITUIÇÕES  
AS ATIVIDADES PRODUTIVAS • ROTEIRO DA CIDADANIA  
QUADROS E TABELAS



**CADERNOS**  
DO TERCEIRO MUNDO

**PROMOÇÃO ESPECIAL**

**Desconto de 20%  
para pagamento  
à vista**

**PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO**

TIPO DE ASSINATURA	À VISTA (Já com 20% de desconto) cheque nominal e vale postal	A PRAZO pagamento por cheque nominal ou cartão
1 ANO	<b>A</b> CR\$ 18.200,00	<b>B</b> 2 cheques de CR\$ 11.400,00 para 30 e 60 dias
1 ANO + Almanaque	<b>C</b> CR\$ 23.800,00	<b>D</b> 2 cheques de CR\$ 14.900,00 para 30/60 dias
Almanaque	<b>E</b> CR\$ 7.000,00	<b>F</b> 1 cheque de CR\$ 8.400,00 para 30 dias

Para pagamento por reembolso postal o preço é de CR\$ 22.800,00 (1 ano).  
Assinatura + Almanaque é de CR\$ 29.800,00

**ASSINATURA/PRESENTE DO AMIGO**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Enviar para **Editora Terceiro Mundo Ltda.**  
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ  
**Depto. de Assinaturas**  
PEÇA TAMBÉM PELOS TELS: (021) 252-7440/232-3372  
OU PELO FAX (021) 252-8455

Após a validade cobraremos preços atualizados

**MEU PEDIDO DE ASSINATURA**

CADERNOS

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Minha opção de pagamento é: (A) (B) (C) (D) (E) (F)

A opção do meu amigo é: (A) (B) (C) (D) (E) (F)

Estou efetuando o pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) á Editora Terceiro Mundo Ltda.
- Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)
- Reembolso Postal
- Vale Postal Ag. Lapa
- De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão

de crédito: \_\_\_\_\_, que tem validade até \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

\_\_\_\_\_

Nº do Cartão

\_\_\_\_\_

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Comprador

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 01/03/94

# MONTE SUA BIBLIOTECA, INTEIRAMENTE GRÁTIS!

Apresente, todos os meses, 3 pessoas para conhecerem "cadernos". Podem ser seus amigos(as), alunos(as), professores(as), colegas de curso ou trabalho. O importante é que sejam pessoas que vão gostar de "ler a nossa diferença".

**COMO FUNCIONA E COMO VOCÊ GANHA.**  
As pessoas indicadas receberão 1 exemplar (de arquivo) da revista. Para cada uma que tornar-se assinante você ganha 1 livro de sua escolha, dentre os livros brinde do mês.

BRINDES DO MÊS



## INDICAÇÕES:

Nome: .....  
End: .....  
Bairro: .....  
Cidade: ..... UF: .....  
CEP: ..... Tel.: .....  
Em relação ao remetente o indicado é:  
( ) amigo(a) ( ) colega de trabalho ( ) professor(a)  
( ) aluno(a) ( ) colega de curso

Nome: .....  
End: .....  
Bairro: .....  
Cidade: ..... UF: .....  
CEP: ..... Tel.: .....  
Em relação ao remetente o indicado é:  
( ) amigo(a) ( ) colega de trabalho ( ) professor(a)  
( ) aluno(a) ( ) colega de curso

Nome: .....  
End: .....  
Bairro: .....  
Cidade: ..... UF: .....  
CEP: ..... Tel.: .....  
Em relação ao remetente o indicado é:  
( ) amigo(a) ( ) colega de trabalho ( ) professor(a)  
( ) aluno(a) ( ) colega de curso

## REMETENTE

Se dentro de até 2 meses algum indicado tornar-se assinante por intermédio de mala direta oriunda desta promoção, desejo como brinde, pela ordem:

### Código do brinde

1º ( ) 2º ( ) 3º ( )

Nome: .....  
End: .....  
Bairro: .....  
Cidade: ..... UF: .....  
Cep: ..... Tel.: .....  
Profissão: .....

Sou assinante de cadernos

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do remetente

### IMPORTANTE:

- 1- No caso de duplicidade de indicados prevalece a primeira. Após o prazo, será considerada como indicação, a do 2º remetente
- 2- Com a finalidade de aumentar a probabilidade de assinatura, o remetente pode mandar mais nomes em relação anexa.

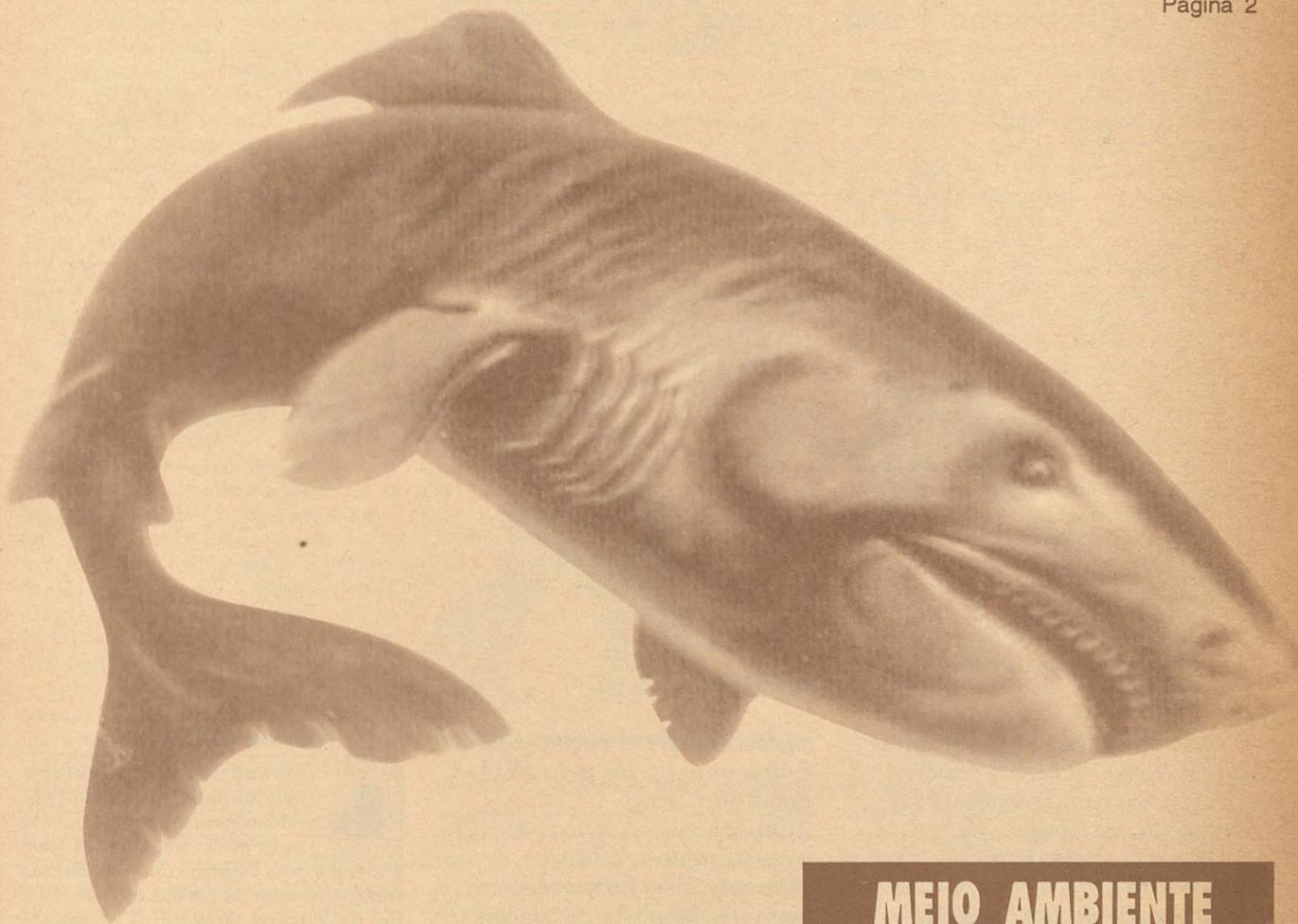
Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda. - Depto de assinaturas  
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20241-180  
Fax: (021) 252-8455

# SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

## A POLÊMICA DAS BARBATANAS DE TUBARÃO

Página 2



### MEIO AMBIENTE

Termoelétrica contestada  
em Campinas

Página 6

### EUROPA ORIENTAL

Chineses reivindicam  
descoberta da América

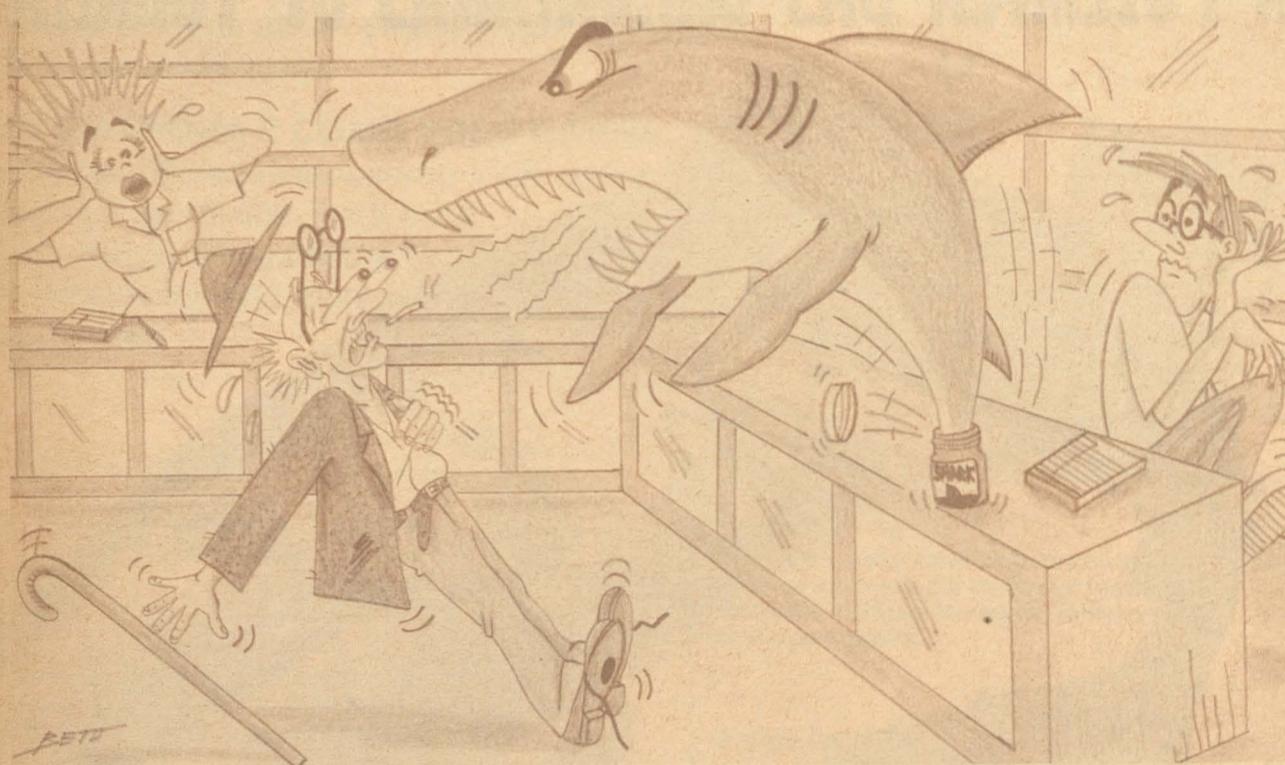
Página 10

### CULTURA

O drama do escritor  
Ernesto Sábato

Página 11

## Os tubarões e a medicina



Médicos cubanos obtêm bons resultados contra o câncer terminal com tratamento à base de cartilagem de tubarão. A eficácia do produto é vista com reservas por oncologistas brasileiros, que criticam a não-existência do grupo de controle na pesquisa, ou seja, pacientes que deveriam ter recebido substâncias inócuas durante o tratamento. Os cubanos alegam que seria desumano dar um remédio inócuo a quem está em fase de agudo sofrimento. Mas há quem sustente que uma submissão total a

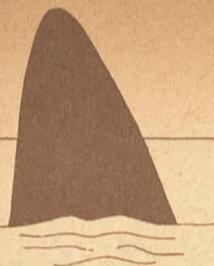
rígidos critérios de pesquisa (como os exigidos pela FDA – Food and Drug Administration, que controla a entrada de produtos alimentícios e farmacêuticos no mercado norte-americano) acaba inibindo os estudos e o próprio progresso da ciência, colocando-o nas mãos das grandes companhias farmacêuticas, que poderiam ser chamadas de “tubarões” no mau sentido. A consequência dessa rigidez seria o fato de que, nos últimos 20 anos, houve pouco avanço na pesquisa sobre o câncer nos Estados Unidos

### Marcelo Monteiro



Mesmo com as dificuldades econômicas causadas pelo embargo econômico imposto pelo governo dos Estados Unidos e pela redução do intercâmbio comercial com os países ex-comunistas da Europa Oriental, Cuba mantém os investimentos maciços no setor de pesquisa (6% do Produto Interno Bruto), superando nações do Grupo dos Sete, como Itália e Alemanha. O Brasil investe 0,6% do PIB no setor.

Depois da auto-suficiência na produção de vacinas e dos avanços no tratamento de doenças, como o vitiligo em estágio inicial, médicos cubanos estão testando o extrato de cartilagem de tubarão no combate ao câncer em estágio avançado e refratário (que não responde aos tratamentos convencionais). O coordenador do projeto, José



Menéndez López, esteve no Rio em dezembro apresentando os resultados da experiência realizada em Cuba em uma palestra promovida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

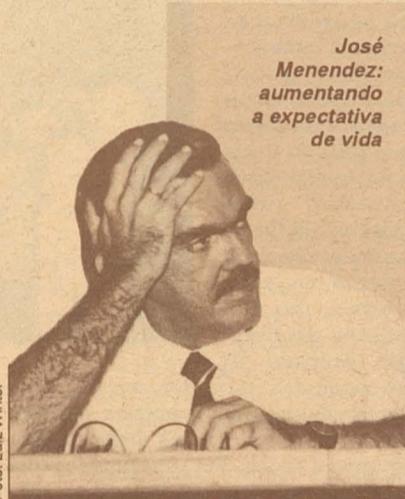
Na primeira fase do projeto, 29 pacientes com vários tipos de câncer em fase terminal foram tratados durante 16 semanas, a partir de agosto de 1992, com doses diárias de extrato de cartilagem de tubarão de um grama para cada quilograma de peso do doente. Dos 29 tratados, 14 apresentaram redução ou estagnação dos tumores. Após um ano de tratamento, 12 pacientes permanecem vivos e dois faleceram devido a causas não-relacionadas à doença (embolia pulmonar e obstrução intestinal). Antes de participarem do projeto, os pacientes tinham expectativa de vida de apenas seis meses. Dos 15 doentes que não reagiram ao tratamento, dois pacientes se mantêm vivos.

Os melhores resultados foram obtidos com os pacientes mais jovens, os com maior reserva imunológica e tratados com menor diferença de tempo com formas convencionais (quimioterapia e radioterapia) e extrato de cartilagem. O tratamento com a cartilagem, segundo José Menéndez, se mostrou mais eficaz no combate aos tumores ginecológicos (ovário, útero), de mama, próstata e cérebro. O extrato não obteve resultados satisfatórios no tratamento de câncer de intestino, esôfago e estômago. A cartilagem de tubarão não causou reações tóxicas no organismo dos pacientes.

Devido aos números satisfatórios, o projeto foi ampliado e atualmente 120 doentes cubanos e estrangeiros estão se tratando em Cuba, entre eles seis brasileiros, em regime de internação hospitalar com apoio psicológico, laboratorial e de reabilitação. Um dos pacientes é o brasileiro Felipe da Silva, de nove anos, primeira criança a se submeter ao tratamento à base de cartilagem de tubarão. Felipe tem um tumor no cérebro e já sofreu 11 cirurgias no Brasil para tentar resolver o problema, sem sucesso. O menino é filho do operário Valdir Palmeira da Silva, do município de Ribeirão Pires, na grande São Paulo. Para pagar o trata-

mento em Cuba, que custa de US\$ 4 a 6 mil por semana, Valdir organizou a campanha "SOS Felipe", que angariou a verba com contribuições de moradores da cidade. O tratamento em Cuba dura em média seis semanas. Após esse prazo, o doente mantém a medicação em seu próprio país. A triagem de doentes interessados em se submeterem ao tratamento em Cuba é realizada pelo Instituto Ibero-Americano da Saúde e do Trabalho de São Paulo.

As pesquisas coordenadas por José Menéndez López, vice-reitor da Faculdade de Medicina do Instituto



**José Menéndez:**  
aumentando  
a expectativa  
de vida

Superior de Ciências Médicas de Havana, são baseadas nos estudos do médico norte-americano Judah Folkman, que defende que os tumores cancerígenos se alastram no organismo humano devido à formação de vasos sanguíneos nos tecidos contaminados. Segundo a tese, ao se eliminar a vascularização nas áreas afetadas, o crescimento dos tumores seria interrompido ou mesmo reduzido.

A cartilagem de tubarão é um tecido que não contém vasos sanguíneos e os pesquisadores cubanos acreditam que essa ausência é provocada por uma substância que inibe a vascularização. Os médicos cubanos defendem a tese de que se o organismo humano receber essa substância, que ainda não foi definida, os tumores poderiam

ser controlados. As autópsias realizadas em pacientes que se trataram com o extrato de cartilagem de tubarão revelaram que houve diminuição do número de vasos sanguíneos nas áreas contaminadas e aumento nos tecidos periféricos, restringindo a área infectada.

O médico norte-americano William Lane, defensor da tese de Folkman, foi um dos pioneiros na pesquisa do uso da cartilagem de tubarão contra o câncer, realizando algumas experiências clínicas, mas não obteve o apoio necessário para o desenvolvimento dos estudos em território norte-americano. Lane acabou encontrando guarida para seu projeto, desprezado nos Estados Unidos e em Cuba. Ana Maria Rodrigues, presidente do Instituto Ibero-Americano da Saúde e do Trabalho, afirma que o FDA (Food and Drug Administration), órgão responsável nos Estados Unidos pela liberação de produtos médicos para venda ao público, vem "sendo controlado pelo cartel da indústria farmacêutica" e "tem sido o responsável pela paralisação da pesquisa e da ciência nos EUA". Segundo ela, isso pode ser comprovado pelo relatório da Organização Mundial de Saúde que constata que quase não ocorreram progressos no combate ao câncer nos últimos 20 anos nos Estados Unidos.

José Menéndez López acredita que já existem elementos que permitem "aconselhar a utilização da cartilagem de tubarão como terapia coadjuvante de formas clássicas de combate ao câncer". O médico José Fernandez de Brito, que também participa do projeto, garante estar convencido "de que existem pontos suficientes para que a investigação seja aprofundada em busca de uma arma a mais" no tratamento do câncer.

Menéndez López alerta, no entanto, aos doentes que não se iludam com os anúncios de extrato de cartilagem de tubarão divulgados em emissoras de rádio, televisão e em jornais. A dosagem usada no tratamento em Cuba é alta (um grama diário de extrato para cada quilograma de peso), o que somente seria alcançado com a ingestão de grande quantidade das cápsulas anunciadas nos meios de comuni-

cação. O extrato de cartilagem de tubarão é vendido em frascos com 50 e 100 cápsulas de 500 ou 740 miligramas. Uma pessoa de 60 quilos de peso teria que ingerir 120 cápsulas de 500 miligramas por dia para atingir a dosagem usada no tratamento em Cuba. Um frasco com 50 cápsulas de extrato de cartilagem importado dos Estados Unidos estava sendo vendido no Rio por cerca de US\$ 40 em janeiro. O custo da automedicação poderia chegar a US\$ 2.880 por mês.

O extrato é vendido oficialmente como suplemento alimentar no mercado norte-americano, mas alguns frascos vendidos livremente em farmácias no Brasil apresentam uma etiqueta em português informando que pesquisas indicaram que a cartilagem de tubarão inibe a formação de vasos sanguíneos, que seriam os responsáveis pelo agravamento de doenças como "artrite, psoríase (enfermidade caracterizada pela presença de uma espécie de escama no corpo do doente) e câncer". Segundo o aviso, o extrato também poderia reduzir a intensidade de dores nas juntas e nos músculos causadas por esforço físico. A dosagem recomendada era de uma a quatro cápsulas de 500 miligramas por dia. Um informe publicitário encartado num grande jornal de São Paulo em 15 de dezembro oferecia o extrato de cartilagem de tubarão por US\$ 35 (incluindo frete) afirmando que o produto teria capacidade de prevenir "artrite, reumatismo e vários tipos de câncer".

Fiscais do Centro de Vigilância Sanitária da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo realizaram blitz em novembro numa das empresas que comercializa o extrato de cartilagem de tubarão mas não apreenderam lotes do produto porque nas embalagens do extrato não havia qualquer indicação para o uso no combate ao câncer.

**Desconfiança** - O uso da cartilagem de tubarão no combate ao câncer avançado e refratário vem sendo encarado com reservas pela maioria dos oncologistas brasileiros. As principais críticas se referem ao desconhecimento da substância ativa presente na cartilagem que inibiria o alastramen-

to dos tumores e a ausência do grupo de controle durante as pesquisas em Cuba. Segundo os especialistas brasileiros, deveria ter sido formado um conjunto de pacientes que receberiam uma substância inócua para que pudessem ser comparados os resultados com os progressos obtidos pelos doentes tratados com a substância ativa. As conclusões de pesquisas com novos produtos para o tratamento de doenças sem a existência do grupo de controle costumam ser desprezadas pela comunidade científica internacional.

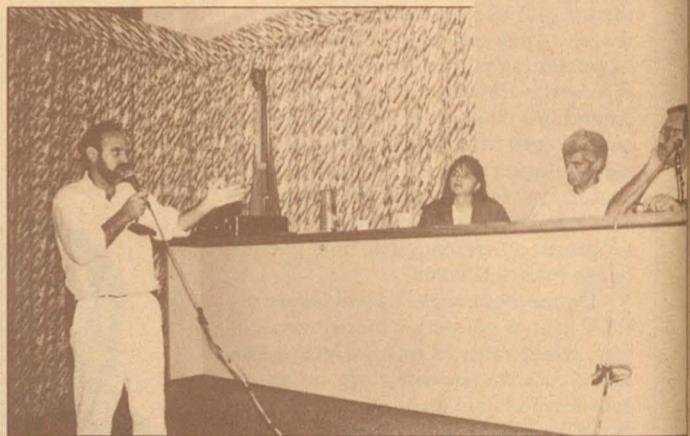
José Menéndez López procura contestar as críticas lembrando que o princípio ativo da cartilagem está sendo pesquisado e que não seria ético conceder uma possibilidade de sobrevivência a apenas um grupo de pacientes com câncer em estágio terminal. "A situação dos pacientes era extremamente delicada, com apenas seis meses de vida. Decidimos dar a mesma chance a todos. Foi uma licença que nós adotamos." O coordenador do projeto resume sua crença no uso da cartilagem de tubarão contra o câncer mostrando o índice de sobrevivência dos pacientes tratados com o produto. "Hoje, 12 pessoas que já deveriam ter falecido estão vivas após se submeterem ao tratamento."

Segundo o oncologista Roberto de Almeida Gil, do Instituto Nacional do Câncer, a existência do grupo de controle é indispensável na pesquisa de um novo tratamento para que exista a comprovação da eficácia do produto e a descoberta das possíveis reações tóxicas provocadas no organismo.

O médico brasileiro aponta também como falhas do projeto cubano a não-realização de testes em animais e em culturas de células antes das experiências com seres humanos, o pequeno número de pacientes que participa-

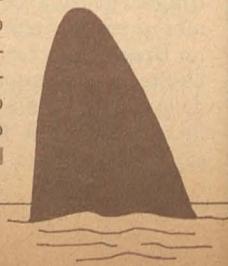
ram da fase inicial do projeto (29) e os critérios de avaliação utilizados. "Uma redução pequena do tumor e algum ganho de peso foram apresentados como casos de remissão completa, quando na verdade seriam exemplos de remissão subjetiva. O pequeno número de doentes permite a ocorrência de comportamentos biológicos diversos, como melhora do estado geral do pacien-

Médicos brasileiros discutem os resultados



te, que poderiam surgir mesmo sem a aplicação de qualquer tipo de medicação."

Roberto de Almeida acredita que o tratamento poderia ter um futuro promissor, mas está sendo apresentado de forma "precipitada, podendo ser desprezado pela comunidade científica, que não realizaria as pesquisas complementares" necessárias para a consolidação do uso da cartilagem de tubarão contra o câncer avançado. O diretor clínico do Hospital do Câncer de São Paulo, Ademar Lopes, não aconselha o uso da cartilagem de tubarão contra o câncer em detrimento das formas de tratamento clássicas. "Ainda é muito cedo para afirmar que a cartilagem de tubarão tenha algum valor científico no combate ao câncer. É um produto novo que precisa ser testado para a verificação de sua eficácia." ■



# A força do rádio

*Organizações Não-Governamentais (ONGs) usam todo o potencial dos programas radiofônicos e discutem uma política nacional de comunicação*

## Marinês Fonseca

**Q**uem vaticinou o fim do rádio com o consolidação da televisão se enganou. Com 70 anos de transmissões no Brasil, o rádio é o meio de comunicação de maior audiência no país entre 5h e 18h, com média no período de 1,5 milhão de ouvintes por minuto na Grande São Paulo, segundo o DataFolha. Apostando nesse potencial, muitas ONGs brasileiras direcionam o sistema de comunicação para os programas de rádio. Atualmente, já se delineia uma Rede de Rádios Livres, um espaço aberto aos segmentos da sociedade descontentes com o domínio de certos grupos na comunicação no Brasil.

O Centro de Projetos da Mulher (Cemina) produz o programa *Fala Mulher* veiculado de segunda a sexta de 9h às 10h pela Rádio Guanabara (RJ). O programa é jornalístico, abordando temas que não recebem destaque na grande imprensa. A programação, produzida sob a ótica feminina, inclui quadros sobre cidadania (direito do consumidor, serviços), meio am-

biente, saúde, cultura e campanhas de interesse geral. O programa veiculou campanhas de defesa do aleitamento materno, de prevenção ao cólera e contra o desperdício.

O Cemina prepara também programas de 50 minutos de duração que são divulgados por emissoras de rádio e entidades interessadas. O Centro de Projetos da Mulher cede os módulos em troca de uma fita cassete nova. Seis programas foram veiculados: Participação das Mulheres na Rio-92, Saúde, esterilização e contracepção, Reciclagem de lixo, Água, Terra e Paz.

A atuação das entidades também está baseada na instalação de transmissores para a realização de emissões próprias. O custo para a compra e instalação de um transmissor, cabo e antena é de US\$ 800 em média. Dependendo do local de instalação, a emissora pode ter raio de 60 quilômetros de abrangência.

O Movimento Nacional de Rádios Livres surgiu como resposta ao uso de critérios políticos na concessão para operação de emissoras de rádio no

Brasil. Durante o governo José Sarney, 117 parlamentares receberam concessões de emissoras de rádio e TV em troca do voto a favor dos cinco anos de mandato para o ex-presidente. Representantes do Movimento de Rádios Livres participaram do XVIII Congresso Brasileiro de Comunicação Social, realizado em novembro em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, debatendo as ações mais eficazes de comunicação que as ONGs devem adotar e experiências bem-sucedidas de entidades na área.

O Centro Luiz Freire, de Recife, produz a emissora comunitária TV Viva, transmitida em sessões em praças e estádios, levando à população reportagens sobre cidadania. O coordenador do projeto, Eduardo Homem, acredita que as entidades não-governamentais devem ter políticas de comunicação agressivas, ocupando e criando espaços de atuação.

O Fórum pela Democratização da Comunicação também esteve reunido em São Leopoldo debatendo propostas que permitam o acesso de um número maior de entidades e grupos à produção de programas de rádio e TV. Criado no final de 1990 e reunindo mais de 500 entidades de todo o país, o Fórum reivindica "a democratização da comunicação baseada no estabelecimento de novas relações políticas em torno dos sistemas de comunicação de massa", segundo o seu coordenador Daniel Herz. O Fórum criou em 1992 o Conselho de Comunicação Social, previsto na Constituição como órgão auxiliar do Congresso Nacional, formado por jornalistas, empresários do setor e representantes da sociedade.

A entidade também participa ativamente do movimento de aprovação Lei de Informação Democrática (LID), em tramitação no Congresso Nacional. A LID propõe a necessidade de regionalização da produção televisiva e o estímulo aos programas independentes. O projeto vem enfrentando resistências na Câmara Federal em consequência das pressões exercidas pelas nove famílias (Marinho, Santos, Saad, Bloch, Civita, Frias, Mesquita, Nascimento Brito e Levy) que dominam a comunicação no Brasil. ■



Equipe do programa *Fala Mulher*, da esquerda para a direita: Madá, Selma, Mara Regia, Bianca, Thais, Rita e Adriana (frente)

## Não à termoeletrica

*Ecologistas denunciam as conseqüências negativas que a construção de usina na região de Campinas pode trazer ao meio ambiente e à população. A chuva ácida no interior paulista já atinge índices equivalentes ou superiores aos de países industrializados*

### José Pedro Martins

**O**rganizações ecológicas de vários municípios do interior de São Paulo estão intensificando a mobilização contrária à construção de uma usina termoeletrica em Mogi Guaçu. O projeto é coordenado pela Companhia Energética de São Paulo (Cesp) e obteve financiamento de US\$ 500 milhões já liberados pelo Eximbank, do governo japonês.

O plano da Cesp prevê a construção de duas unidades com capacidade de geração de 350 Megawatts (Mw) cada de energia elétrica. A intenção inicial da companhia era instalar a termoeletrica em Paulínia, local privilegiado por sediar o pólo petroquímico estruturado em torno da refinaria da Petrobrás. A termoeletrica seria construída ao lado da Replan, de onde viria o resíduo ultraviscoso de petróleo (Resvac), combustível previsto para a usina.

Em 1990, as organizações ecológicas da região de Campinas iniciaram a mobilização contra a termoeletrica, através da promoção de debates, coleta de assinaturas e vendas de adesivos. Foram obtidas 30 mil assinaturas e, durante a campanha eleitoral para o governo estadual, o então candidato Luiz Antonio Fleury prometeu que a termoeletrica seria construída apenas se houvesse a concordância da comunidade regional.

Já na condição de governador eleito, Fleury finalmente anunciou, em junho de 1992, numa entrevista à imprensa internacional no Rio, durante o Fórum Global, que havia determina-

do o cancelamento do projeto da termoeletrica em Paulínia ou em qualquer ponto do território paulista. O governador salientou que concordava com as preocupações de técnicos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em relação aos possíveis impactos ambientais da termoeletrica, em especial quanto ao agravamento da chuva ácida na região.

Depois do pronunciamento de Fleury, a mobilização contra a termoeletrica naturalmente diminuiu, mas os ecologistas de Campinas desconfiavam que o projeto poderia ser retomado após as eleições municipais de 3 de outubro de 1992. De fato, no final de novembro daquele ano, o presidente da Cesp, Antonio Carlos Bonini de Paiva, anunciou em Campinas que a estatal renovava a intenção de construir a usina, desta vez em Mogi Guaçu, na mesma região. A retomada do projeto despertou novamente os ecologistas, que lançaram em fevereiro de 1993 o Movimento Regional contra a Termoeletrica em Mogi Guaçu.

Os ambientalistas citam os estudos do professor Oswaldo Sevá Filho, que indicam que a termoeletrica agravaria o quadro de acidez na região, devido à emissão pela usina de dióxido de enxofre (SO<sub>2</sub>) resultante do processamento do Resvac. Ao reagir com as moléculas de água na atmosfera, o SO<sub>2</sub> produz a chuva ácida. Estimativas do professor da Unicamp indicam que, em Campinas, são geradas anualmente 80 mil toneladas de SO<sub>2</sub>, o que a coloca entre as áreas mais críticas no Brasil na geração da chuva ácida, ao lado da Grande São Paulo, Baixada Santista (em razão do pólo

petroquímico de Cubatão) e do pólo carbonífero de Santa Catarina.

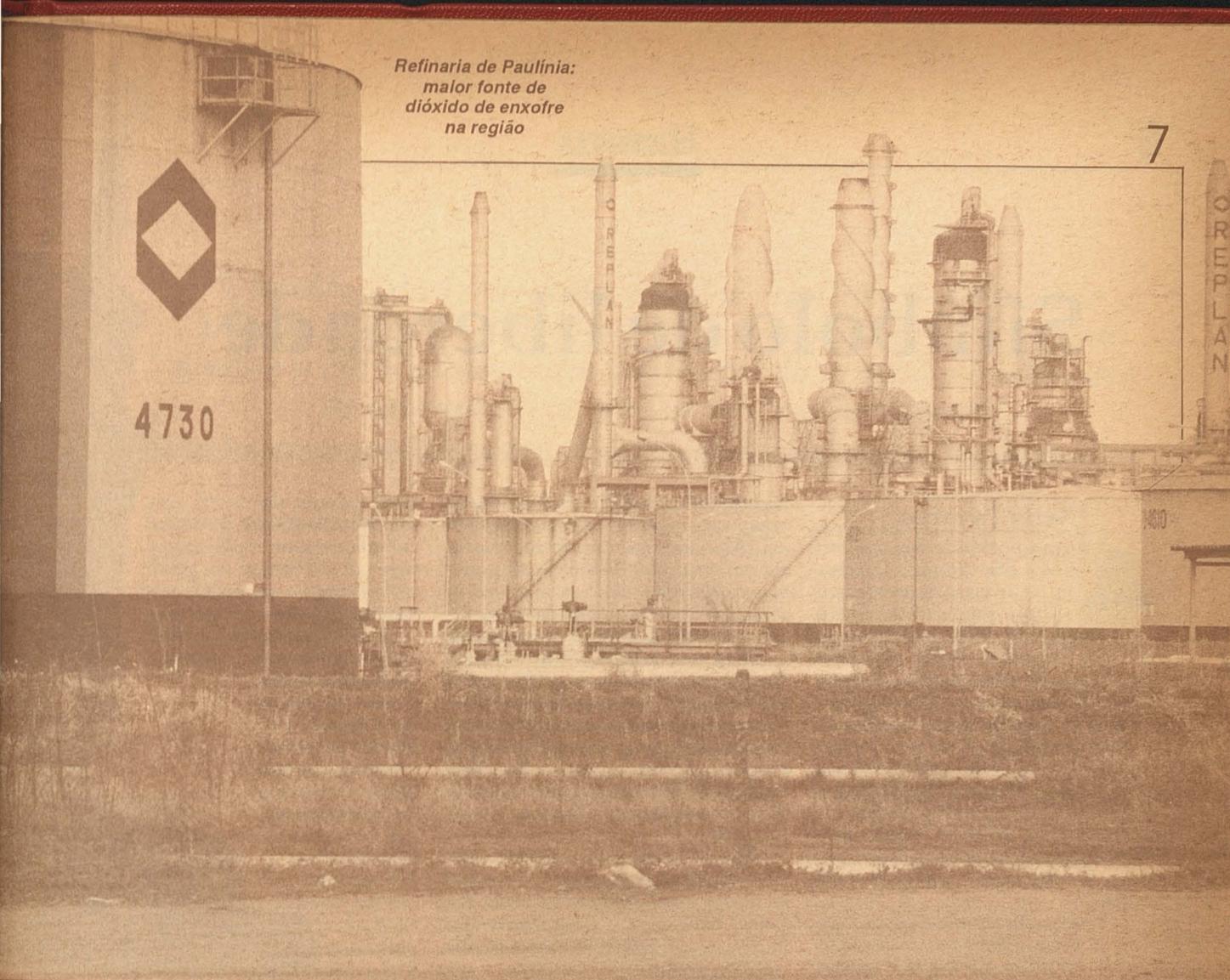
Sevá Filho lembra que, considerando a metodologia aplicada na Europa, a chuva ácida no interior paulista já atinge índices equivalentes e, em alguns casos, superiores aos de muitos países industrializados. Na região de Campinas, as principais fontes emissoras de SO<sub>2</sub> são a Replan e a Rhodia, ambas em Paulínia.

Ecologistas e pesquisadores apontam alguns dos impactos já resultantes da chuva ácida na região, como a elevada presença nos rios da região de metais pesados como chumbo, cádmio e mercúrio e a elevação do nível de acidez dos solos. Mais de 70% das amostras de solos analisadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) contêm altos índices de ácidos. Segundo os relatórios da Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Ambiental (Cetesb), os níveis de chumbo já atingiram 0,10 mg/l no rio Atibaia, em Paulínia, contra o padrão do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), de 0,03 mg/l. O chumbo em altas doses pode atacar o sistema nervoso. Os índices de cádmio no mesmo local têm atingido 0,01 mg/l, contra 0,001 mg/l do padrão Conama. O cádmio é cancerígeno.

Outra preocupação dos ambientalistas são os impactos da chuva ácida sobre a agricultura, a exemplo do que já ocorreu em Paulínia. A médio prazo, entendem os ecologistas, pode cair o nível de emprego no campo, o que seria fatal para a economia de Mogi Guaçu, onde 24 mil pessoas trabalham no setor agrícola. "Outro problema seria a favelização na cidade, pela

Refinaria de Paulínia:  
maior fonte de  
dióxido de enxofre  
na região

7



permanência dos operários que participaram da construção da usina e que depois não encontraram emprego”, nota Augusto César Galdolfo, da Sociedade Protetora da Diversidade das Espécies de Campinas.

Para os ecologistas, os efeitos de médio prazo anulariam, portanto, os eventuais benefícios imediatos da termoeletrica, como o emprego de 1.200 pessoas na etapa de construção, e de 200 a 330 no período de operação da usina. A Cesp garante que a termoeletrica colaboraria para atenuar os impactos da chuva ácida na região, na medida em que o equipamento dessulfurizador a ser instalado fosse processando o Resvac utilizado hoje em Paulínia sem maiores cuidados ambientais. Além disso, para a Cesp, a termoeletrica iria contribuir para o aprimoramento dos padrões ambientais em toda região, levando a um maior controle das fontes poluidoras.

Os ecologistas e especialistas questionam a eficácia do aparelho dessulfurizador. O professor Sevá Filho observa que o fornecimento do Resvac “dependerá muito mais da política de vendas da Petrobrás, que poderá optar pela comercialização de um óleo com menor ou maior teor de enxofre”. O especialista salienta que a operação do dessulfurizador pode ficar comprometida se a usina funcionar sempre com carga máxima, sobrecarregando a capacidade dos equipamentos despoluentes.

De qualquer forma, os ecologistas estão conscientes de que a Cesp conta com condições políticas mais favoráveis para a instalação da termoeletrica em Mogi Guaçu do que em Paulínia, onde o ex-prefeito José Pavan (PDS) era contrário ao projeto. O prefeito de Mogi, Hélio Miachon Bueno (PMDB), é favorável à construção da usina. O prefeito é primo do deputado federal Carlos Nelson Bueno (PMDB), que foi o primeiro a co-

gitar a transferência da termoeletrica de Paulínia para Mogi Guaçu, quando era diretor da Cesp.

Dentro da estratégia de convencimento da Cesp consta a viagem de um grupo de prefeitos e vereadores ao Japão, para conhecer a tecnologia japonesa no setor. A Cesp precisa tomar uma decisão nos próximos meses, para não perder a verba de US\$ 500 milhões já liberada pelo Eximbank. A companhia estuda outras alternativas, no caso da comunidade regional refutar a termoeletrica em Mogi Guaçu. As outras opções de local para instalação são as margens da represa do Salto Grande, entre os municípios de Americana, Paulínia e Cosmópolis, também na região de Campinas, e as margens da represa de Barra Bonita. A vizinhança com cursos d'água é fundamental para o processo de resfriamento da usina, o que também constitui preocupação para os ecologistas. ■

# Símbolo de liberdade

## Neila Tavares

**A** grandiosidade das pirâmides e dos templos egípcios foi o que mais impressionou o jovem escultor francês Auguste Bartholdi, então com 20 anos, em uma viagem ao Egito em 1854. Quase três décadas depois o mesmo Bartholdi entregava aos Estados Unidos aquele que viria a ser o mais famoso monumento da América. Confirmando seu amor pelas grandes obras, a Estátua da Liberdade tem 93 metros de altura. O monumento acabou virando sinônimo do Novo Mundo para milhares de imigrantes que chegavam cheios de esperança ao porto de Nova Iorque.

A Estátua da Liberdade atrai hoje mais de um milhão de visitantes por ano e é o símbolo dos Estados Unidos tanto para os estrangeiros quanto para os norte-americanos. Mas o que poucos sabem é que um dos marcos da nação mais rica do mundo teve sua construção seriamente ameaçada.

Como muitos outros intelectuais, comerciantes e pequenos negociantes de sua época – os chamados *bourgeoisie* –, Auguste Bartholdi se preocupava com a situação dos oprimidos e tiranizados em toda parte do mundo. Os *bourgeoisie* apreciavam os Estados Unidos pois viam no país um verdadeiro exemplo de governo democrático. A única mácula norte-americana era a escravidão ainda persistente no sul do país, extinta no governo de Abraham Lincoln.

A idéia da construção de um grande monumento a ser oferecido pelo povo francês ao norte-americano partiu de um notável advogado, professor e historiador da democracia, Édouard-René Lefebvre de Laboulaye, que por anos trabalhou silenciosamente preparando um governo democrático para a França – então domi-

nada por Napoleão III – aos moldes do norte-americano. Laboulaye lançou em 1865 a idéia do monumento que seria um memorial da independência – que os Estados Unidos não teriam conquistado sem a ajuda da França – e uma mostra de que o governo francês também estava dedicado à defesa da liberdade. Em julho de 1870, Napoleão deflagrou a Guerra Franco-Prussiana e as tropas francesas foram derrotadas, contrariando a tradição de vitórias no governo de seu tio, Napoleão Bonaparte. Durante a guerra, Bartholdi comandou tropas e acabou exilado na Itália.

Em 1871, o escultor volta para Paris e a Estátua da Liberdade começa a se tornar uma possibilidade real. Segundo Laboulaye, o monumento ajudaria a causa dos Republicanos Mode-

ção conjunta de um monumento recordando a antiga amizade entre a França e os Estados Unidos.

Assim que chegou ao porto de Nova Iorque, o escultor avisou a ilha de Bedloe's e percebeu imediatamente que lá seria o lugar perfeito para o monumento.

Em minutos fez o rascunho da figura que o perseguiu durante

toda a viagem – uma enorme mulher vestindo um manto e erguendo uma tocha que representava a liberdade. Bartholdi batizou seu esboço de Liberdade Iluminando o Mundo. Apesar da aprovação do projeto por membros influentes da sociedade norte-americana, a situação política da França ainda era frágil e Laboulaye recomendou que a construção do monumento fosse protelada.

Ao trabalhar em pequenos modelos de sua Estátua da Liberdade, Bartholdi seguiu um modelo neoclássico, vestindo-a com manto e sandálias ao modo das matronas romanas. A imagem seria reservada, virtuosa e maternal, uma figura contra a qual ninguém combateria. Para não torná-la passiva, Bartholdi pôs sob os pés de sua obra uma corrente quebrada e colocou o pé esquerdo à frente, simbolizando progresso.

O escultor adicionou ao braço esquerdo, curvado, tábuas semelhantes às que as figuras femininas carregavam em antigas obras de arte religio-

*A Estátua da Liberdade virou sinônimo do Novo Mundo para imigrantes que chegavam cheios de esperança a Nova Iorque*

rados que queriam um regime democrático na França. Se os franceses dessem aos norte-americanos tal presente, ele reforçaria os laços com os Estados Unidos e unificaria a França em torno do ideal de democracia. Em maio de 1871, Bartholdi parte para os Estados Unidos com o intuito de propor aos norte-americanos a constru-

Fotos: Lara Velho

*A Estátua da Liberdade, um dos orgulhos dos Estados Unidos, ilumina hoje a entrada do porto de Nova Iorque graças à perseverança dos criadores do projeto e às doações de crianças francesas e norte-americanas*

sas. Para não dar caráter místico à obra, Bartholdi decidiu inscrever nas tábuas a data, em inglês e latim, da proclamação da independência norte-americana (4 de julho de 1776). Ao redor da cabeça da estátua, desenhou uma antiga e radiante coroa de sete pontas. Este tipo de coroa era usada na arte cristã do século XVIII para simbolizar a irradiação dos raios solares para os sete planetas. Porém, o significado das sete pontas da coroa para Bartholdi era a difusão da liberdade pelos sete mares e cinco continentes do mundo.

Em novembro de 1874, com a Terceira República, o processo de estabilização política da França estava concluído e Laboulaye decidiu que era hora de divulgar a idéia francesa de presentear os norte-americanos com um monumento. Como a França não poderia pagar integralmente a obra, ficou acertado que os franceses arcaiam com os custos da estátua e os americanos fariam o pedestal e as fundações. Foi criado um comitê de arrecadação chamado União Franco-Americana, com membros das duas nações. A maioria das doações recebidas partiram de crianças francesas.

Esperava-se que a estátua estivesse terminada em um ano, para as comemorações do centenário da independência norte-americana. Quando o trabalho começou, ficou claro que o objetivo não seria alcançado. Bartholdi decidiu finalizar o braço direito com a tocha a tempo de ser mostrado em 1876. O problema era a constante falta de dinheiro, que atrasava a conclu-

são da obra. Em 1º de junho de 1878, a cabeça da estátua foi mostrada em uma exposição em Paris para a arrecadação de mais fundos. Somente com a criação de uma loteria em 1880, a União Franco-Americana conseguiu o dinheiro suficiente para o término da estátua.

O problema agora era a construção do pedestal que ainda não havia sido iniciada pelos norte-americanos. Vários pedidos de verbas foram recusados pelo Congresso norte-americano e os mais ricos pareciam não querer ajudar. A obra foi iniciada e interrompida várias vezes até que Joseph Pulitzer, um imigrante húngaro que lutara na Guerra Civil e era dono do jornal *The World*, com o intuito de aumentar a circulação de seu jornal e finalizar a construção do pedestal, criou uma campanha, estabelecendo a meta de arrecadação de US\$ 100 mil.

Como na França, os que mais colaboraram foram as crianças. As doações atingiram US\$ 121 mil antes do final da campanha. O pedestal ficou finalmente pronto em abril de 1886 e deu-se início à montagem da estrutura. A cerimônia de inauguração foi marcada para 28 de outubro de 1886.

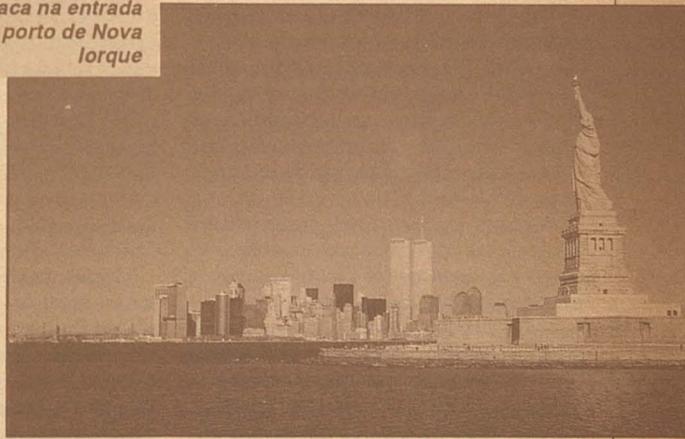
No dia tão esperado por franceses e norte-americanos, Bartholdi estava no topo da estátua aguardando o sinal para descerrar o véu que cobria a face da Deusa. Um menino lhe daria o aviso ao final do discurso que antecederia as palavras do presidente Grover Cleveland. Numa das pausas do discurso, o menino achou que o orador havia

terminado e deu o sinal a Bartholdi que descerrou o véu revelando o rosto brilhante de sua grande obra. Os navios ao redor da ilha começaram a disparar os canhões e a banda começou a tocar. Mesmo assim o presidente Cleveland ainda disse algumas palavras.

Através da História, a Estátua da Liberdade sobreviveu às mudanças dos tempos. Todos os tipos de uso foram feitos de sua imagem. Ela foi satirizada, comercializada, caricaturada, admirada, odiada e usada de mil maneiras e em prol de todas as causas, desde a arrecadação de fundos para a Primeira Guerra Mundial à promoção de um filme *B* de Hollywood. Talvez o uso de mais mal gosto tenha sido o de uma fábrica de desodorantes.

Muitas pessoas, no entanto, acha-

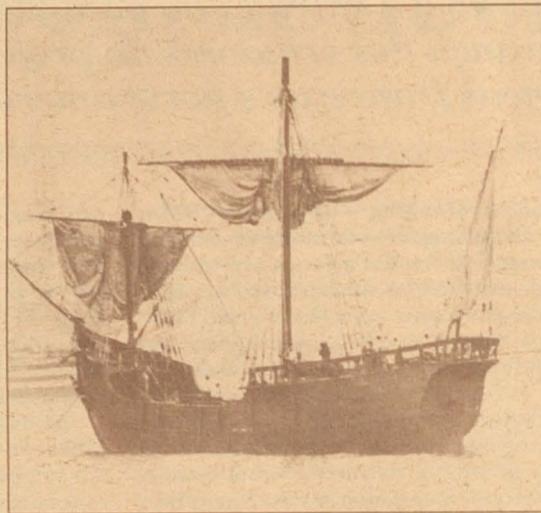
*Com 93 metros, o monumento se destaca na entrada do porto de Nova Iorque*



ram na Grande Dama da Liberdade uma mensagem mais profunda e pessoal. Por décadas ela simbolizou esperança, abrigo e humanismo para milhões de imigrantes que chegavam ao Novo Mundo e tinham nos corações um sonho iluminado pela tocha da liberdade assim que chegavam ao porto de Nova Iorque. ■

# Quem descobriu a América?

*Após anos de pesquisa, historiador chinês garante que um monge de seu país pisou em terras americanas mais de mil anos antes de Cristóvão Colombo*



Sri Lanka de volta à China. De acordo com o diário que escreveu durante esta viagem, dois dias depois de deixar o Sri Lanka enfrentou uma tempestade que o forçou a deter-se em uma "pequena ilha" para consertar o barco antes de continuar seguindo para o Leste.

"Depois de 90 dias chegamos a um país chamado *Yepoti*", escreveu Fa Hsien em seu diário, acrescentando que ele e seus companheiros receberam bom tratamento dos nativos. Mais tarde, zarparam novamente para a China, chegando finalmente à sua terra quatro meses depois.

**As evidências** - Alguns historiadores estão convencidos de que a terra de *Yepoti* é Java, mas Lian garante que é Acapulco, México. Para isto se baseia na investigação científica sobre os ventos e outras condições meteorológicas, geográficas e sociais.

Lian crê que *Yepoti* está em algum lado entre o Sul do México e Los Angeles e, com toda probabilidade, é Acapulco, que na língua dos indígenas se conhecia como *Yacapol*. Isto foi o que Fa Hsien registrou como *Yepoti* em seu diário, diz o acadêmico chinês.

O historiador explica por que, na sua opinião, *Yepoti* não pode ser Java. De acordo com os dados históricos, o budismo se desenvolveu em Java durante os primeiros anos do século V d.C., na época em que Fa Hsien chegou ali. Entretanto, o monge não registra ter visto templos budistas, estátuas ou artefatos, lembra Lian.

Outra investigação dirigida por Lian se concentra nos ventos, correntes e outros dados para demonstrar que, em vez de seguir para o Norte depois de aproximar-se das Filipinas, o barco do monge saiu de seu curso impelido pelos ventos e se afastou em uma rota contínua pelo Leste até o oceano Pacífico.

O diário de Fa Hsien fornece ainda evidências de que ele esteve em mares muito profundos antes de ter estado nas águas pouco profundas da rota normal até o porto chinês de Cantão, afirma Lian. ■

## Yojana Sharma

**C**inco séculos depois da viagem na qual Cristóvão Colombo descobriu a América, os acadêmicos chineses somaram-se ao debate sobre quem foi o verdadeiro descobridor do continente.

Um livro intitulado *Quem chegou primeiro à América?*, escrito por Lian Yun Shan, da Academia Chinesa de Ciências Sociais, reivindica o mérito da descoberta para um monge chinês chamado Fa Hsien, que teria chegado às costas americanas mais de mil anos antes de Colombo, no ano 412 d.C.

Segundo Lian, Fa Hsien foi levado até a costa Oeste do México por uma tempestade e provavelmente pisou a terra de Acapulco, banhada pelo Pacífico.

Na China está se dando considerável importância à atrevida hipótese de Lian e à investigação que a respalda, ainda que o próprio acadêmico diga que seu objetivo não é o de desacreditar Colombo nem "competir" com os primeiros exploradores europeus. Ao contrário, ressalta, a única coisa que deseja é registrar o dado.

Mas diplomatas céticos consideram que a publicidade que cerca o trabalho de Lian é parte dos esforços da China para projetar-se como uma força mundial e dissipar a noção históri-

ca de que sempre foi uma civilização particularmente introvertida.

**Teoria antiga** - Esta não é a primeira vez que se faz uma reivindicação deste tipo. "Durante centenas de anos, as pessoas suspeitaram que houve um contato muito antigo entre a Ásia e a América Central", diz o explorador e arqueólogo marinho britânico Tim Severin. "Há fortes semelhanças culturais entre as duas regiões."

O historiador Joseph Needham também sugere em seu livro *História da ciência e da civilização na China* que os navegantes daquele país teriam chegado à América 17 séculos antes de Colombo.

Mas a teoria de maior repercussão é a que defende que o monge budista Fa Hsien foi o primeiro a pisar em terras americanas. De fato, já no princípio deste século um historiador francês afirmava que Fa Hsien poderia ter chegado à América antes de Colombo, baseando sua teoria no diário de viagem do monge.

Lian também estudou esse diário para apoiar sua teoria. O acadêmico chinês disse que Fa Hsien viajou para a Índia no ano de 399 d.C., aos 62 anos de idade, para obter cópias das *sutras* (tábuas) budistas originais.

O monge permaneceu na Índia oito anos e, em 412 d.C., embarcou em

# Sábato, a coerência até o fim

Marcela Valente

**E**rnesto Sábato, um dos escritores mais conhecidos da Argentina, enfrenta aos 82 anos as penosas consequências econômicas de uma antiga opção: a de deixar de escrever quando já não se tem nada importante a dizer.

Ao contrário de outros grandes nomes da literatura latino-americana, ricos em obras, Sábato só escreveu três romances: *El Tunel* (1948), *Sobre heroes y tumbas* (1961) e *Abaddon, el exterminador* (1974). Também é autor de livros e ensaios, como *Uno y el Universo*, *El escritor y sus fantasmas* (1963), *La robotización del Hombre* (1981).

Embora pouco extensa, a qualidade de sua obra o fez ganhador do Prêmio Cervantes em 1985, e o colocou no pedestal da literatura argentina contemporânea junto a Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Adolfo Bioy Casares.

Mas tanta qualidade não foi suficiente para que Sábato passe sem dificuldades o final de seus dias. Junto ao leito de sua mulher doente, Matilde Kuminisky, o escritor calcula que só tem economias para alguns meses mais.

A doença de Matilde – que salvou os textos de Sábato de seus impulsos piromaniacos – está consumindo o pouco dinheiro que ele possui. Mas Sábato não se queixa disso. Pelo contrário: continua defendendo com convicção sua difícil opção.

“Se alguém se considera artista, a arte é sagrada. Não se deve fazer disso um negócio”, diz Sábato, mais incomodado pela repercussão que teve a notícia do iminente fim de suas economias do que pela indignação que prognosticam seus amigos alarmados.

“Meu estado de pobreza é natural. Eu não sou um escritor profissional, não escrevo sistematicamente para ganhar dinheiro”, esclarece Sábato, em uma tentativa de acalmar os que se preocupam com ele.

Longe de mostrar-se ressentido,

ele acha justa a sua pobreza. “Publiquei três novelas e destruí todo o resto porque sou autodestrutivo. Então, nestas condições, não posso esperar uma vida próspera.”

Inclusive, em uma demonstração de que seus ideais anarquistas da juventude continuam intactos, Sábato afirmou não saber do que lhe falavam quando perguntaram se tinha aposen-

*As dificuldades econômicas do escritor Ernesto Sábato, um dos maiores nomes da literatura latino-americana, gera uma discussão sobre a responsabilidade da sociedade sobre seus grandes artistas*

tadoria. Com ironia, mas também com dignidade, o escritor garantiu desconhecer em que consistia uma pensão. “Achei que isto era para alguém que tivesse sido empregado de uma firma ou funcionário público.”

**Pobreza gera polêmica** – Sábato vive do dinheiro que recebe por ser autor de uma obra traduzida para quase 30 idiomas. Na prática, isso significa apenas 10% do preço de capa dos exemplares de cinco ou seis editoras, já que o resto são publicações piratas.

Os prêmios – entre eles o *Cervantes* de 150 mil dólares –, permitiram ao escritor contornar seus problemas financeiros, mas sua vida é longa e as

economias ameaçam esgotar-se antes de suas energias.

O fato é que Sábato, que há 15 anos deixou a literatura para iniciar-se nas artes plásticas, gerou, sem querer, uma polêmica ainda incipiente sobre a responsabilidade que tem uma sociedade para com os seus artistas mais valiosos.

No seu caso, ao prestígio de escritor soma-se o reconhecimento moral por seu compromisso com os torturados e desaparecidos durante a última ditadura (1976-1983). Em 1984, Sábato aceitou a ingrata tarefa de presidir a comissão que recolheu as denúncias dos familiares das vítimas do regime militar.

“Foi como uma descida às profundezas do inferno”, confessou quando se apresentaram as conclusões da investigação, no famoso relatório intitulado “Nunca Mais”.

**Romance inacabado** – Ernesto Sábato sente um “profundo desagrado” pela exibição pública de suas penúrias econômicas. “Não se preocupem conosco. Vivemos em uma casa velha, levamos uma vida austera e nos ajeitamos”, consolou o escritor a um jornalista que lhe perguntou sobre o estado das suas finanças.

“Há tanta gente tão valiosa que passou e passa por mil e uma dificuldades...”, recordou Sábato, que gosta de citar o escritor mexicano Juan Rulfo (como ele, também autor de poucos romances) quando lhe perguntam pela escassez de sua obra.

O estado de pobreza material de Sábato, ainda que ele não o diga, poderia ameaçar a continuidade de uma nova obra que promete ser seu “testamento espiritual”, tal como anunciou este ano em Madri, depois de mais uma década sem escrever.

Mas Sábato só tem 20 páginas escritas, o que é natural levando-se em conta o ritmo que caracteriza os que não se sentem pressionados pelas editoras, os seus arroubos incendiários e uma crescente cegueira que parece persistir como um estigma sobre os grandes escritores da Argentina.

Isso sim, o livro já tem nome. Chama-se *Antes del fin* e, talvez, tenha nascido para ficar inacabado. ■

## Linha direta com o Além

*Frutos da mistura de três culturas – indígena, africana e européia –, os dominicanos expressam no dia-a-dia sua crença na vida após a morte e no poder dos maus espíritos*

### Olga Cedeño

**T**roca de nomes e utilização de apelidos para proteger-se dos maus espíritos e enganá-los, divindades que servem de intermediárias entre Deus e os homens, mortos que vão para outra dimensão onde é possível a comunicação por diversos meios. Estes são alguns dos elementos que compõem o mundo mágico dos dominicanos.

Há 21 anos, quando imigrou para a capital, Santo Domingo, Inocencia Garcia mudou de nome. Receosa, conta que seus parentes a apelidaram de *Chencha* e seus vizinhos da capital a conhecem como Francisca, porque "aqui fazem um *guangu* para qualquer pessoa" (bruxaria ou *despacho*).

*Em muitos lares, há um altar onde se presta culto a diferentes santos*

Sua vizinha e amiga Idalia foi apelidada de *Lila*, e ambas afirmam que em seu pobre e populoso bairro de Las Pal-

mas de Herrera, a oeste da cidade, quase todos têm outro nome diferente do registrado oficialmente. Ao lhes perguntarmos por quê, respondem em coro: "Para nos proteger dos maus espíritos."

Segundo alguns, o costume de usar outro nome se acentuou quando assumiu o poder o ditador Rafael Leonidas Trujillo, que implantou um regime de terror durante 31 anos.

"Mas, em geral, as pessoas inventam nomes simplesmente porque têm medo que alguém use seus verdadeiros nomes para lhes fazer mal", diz a antropóloga norte-americana June Rosenberg.

Na opinião de June, que vive há 30 anos no país, o misticismo e as práticas espirituais comuns aos dominicanos se devem, em grande parte, "à falta de segurança econômica e porque, aparentemente, nas igrejas não encontram as respostas que precisam. Por isso, terminam consultando um bruxo ou adivinho".

Em boa parte dos lares dominicanos há um altar onde se rende culto a diferentes santos e consultar bruxos e adivinhos parece comum a todas as classes sociais. Inclusive, destaca Rosenberg, estes últimos vão escondidos às casas de pessoas ricas para fazer suas previsões.

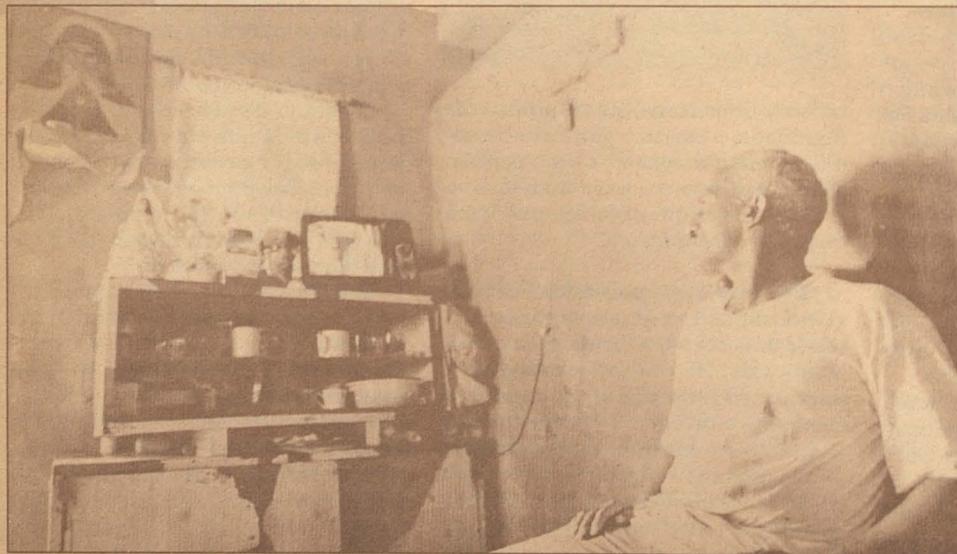
### Uma visão diferente da morte –

Como parte da comunicação com o sobrenatural, os dominicanos publicam textos com fotografias do defunto, mensagens e poemas que diariamente podem ser observados nos periódicos locais, o que demonstra que para eles os mortos continuam tendo vida espiritual.

Para o sociólogo Dagoberto Tejada, a mistura das heranças indígena, africana e espanhola deu como resultado uma cultura diferente, uma nova visão do mundo. E isso se observa não só no arraigado costume da troca de nomes, mas também na maneira como as pessoas encaram a morte.

"Na cultura de dominação espanhola, com todo o peso do catolicismo, o conceito de morte é o de aniquilamento. Quando as pessoas morrem, vão para o inferno, para o purgatório ou para o céu e aí termina qualquer comunicação com os vivos. Em contraposição, na cultura dominicana, a morte é apenas um passo para outra dimensão na qual é possível a comunicação", explica Tejada.

Como exemplo, lembra que, na zona rural dominicana, em vez de se chorar a morte de uma criança, as pessoas cantam, tomam licor e dançam em uma cerimônia chamada *bakini*. ■



## HONDURAS

## O fantasma dos desaparecidos

Nem bem tomou posse, em fins de janeiro passado, o novo presidente de Honduras, o social-democrata Carlos Roberto Reina, está sendo obrigado a enfrentar um delicado problema envolvendo os desaparecidos políticos da última década.

Em fins de dezembro, Leo Valladares, responsável pela governamental Comissão Nacional para os Direitos Humanos, garantiu que em Honduras se aplicou o "método argentino" de luta anti-subversiva que resultou no desaparecimento de 184 pessoas por razões políticas na década passada.

Na ocasião, Valladares tornou público o seu relatório preliminar sobre os desaparecidos, chamado "Os fatos falam por si mesmos", onde assinalou o envolvimento



O exército é acusado de seqüestrar e matar opositores

de assessores estrangeiros, corpos de segurança do Estado e figuras políticas hondurenhas no seqüestro e desaparecimento de dezenas de pessoas. Para elaborar seu informe, ele utilizou documentos do governo norte-americano recentemente divulgados.

Valladares destacou a ativa participação de assessores da Argentina, Estados Unidos e dos *contras* nicaraguenses junto às Forças Armadas na

drástica aplicação da chamada "doutrina de segurança nacional".

O funcionário do governo forneceu uma lista de mais de uma dezena de nomes de militares argentinos, entre eles um general e vários coronéis, que ajudaram as Forças Armadas hondurenhas a implementar os métodos de luta anti-subversiva baseados no desaparecimento físico da pessoa.

"O Estado foi o responsável por estes desaparecimentos e agora, pela primeira vez, um funcionário do mesmo reconhece estes fatos. Cabe, então, às autoridades competentes ir fundo nas investigações para punir os responsáveis", afirmou.

Entre os oficiais a investigar está o atual chefe das Forças Armadas, general Luis Alonso Discua, fundador do já extinto Batalhão 3-16 (conhecido como o "batalhão da morte") e do grupo de informação militar G-2, apontados em todos os testemunhos como participantes ativos de atos de violação aos direitos humanos.

A gravidade das denúncias não poderá ser ignorada pelo novo presidente Carlos Reina já que, entre outras promessas de campanha, ele garantiu respeitar os direitos humanos.

## Bolívia

Pela primeira vez na sua história, La Paz, capital da Bolívia, tem uma mulher no cargo de prefeita. Como era previsto, Monica Medina de Palenque, candidata da Consciência da Pátria (Condepa), foi eleita na Câmara municipal desta cidade por sete votos, de um total de 13. Outros seis votos foram dados a Julio Mantilla, candidato do governante Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). A prefeitura de La Paz era considerada pelo governo central como uma prioridade para aplicar o processo de municipalização dos serviços de educação e saúde, base do chamado "Plano de Todos", plataforma do presidente Sánchez de Lozada.

A escolha da candidata da Condepa poderá colocar obstáculos aos planos governamentais de realizar imediatamente a descentralização desses serviços, já que a nova prefeita se opõe a esta proposta.

Ao ser empossada, Monica de Palenque prometeu uma gestão baseada no diálogo, numa democracia realmente participativa e na aplicação do que chamou de "revolução moral" no município.

## América Central

Dividida em sete pequenas nações, os habitantes da América Central poderão ostentar um único passaporte por volta do ano 2000, se for aprovada uma proposta nesse sentido.

A idéia foi apresentada pelo deputado guatemalteco Danilo Roca durante uma sessão do Parlamento Centro-Americano (Parlacen) em Tegucigalpa, em fins de janeiro.

O tratado seria o passo mais ambicioso proposto até agora nesse foro de discussão sub-regional. "Já é hora de que a sub-região se una politicamente como uma nação forte onde todos tenhamos a mesma nacionalidade", declarou Roca.

Já na opinião do hondurenho Arturo Echenique, um dos dirigentes do Palacen, a proposta "é interessante, mas deve ser avaliada com muita atenção para evitar choques entre os países".

O Parlamento Centro-Americano - integrado por deputados de El Salvador, Honduras, Guatemala e Nicarágua - busca dar maior dinamismo à integração econômica e política. Para abarcar todas as nações da região, faltaria o ingresso no Parlacen da Costa Rica, Panamá e Belize.

ARGÉLIA

## Um general na presidência



Desde a anulação das eleições, há um estado de guerra civil latente

A decisão do Alto Conselho de Segurança de nomear o ministro da Defesa, general Liamin Zeroual, como presidente parece longe de significar uma saída política para a grave crise em que está mergulhada a Argélia há mais de dois anos.

Desde as eleições gerais de dezembro de 1991, anuladas pelo governo diante da virtual vitória da Frente Islâmica de Salvação (FIS), o país vive num estado de guerra civil latente, que já deixou de 2.000 a 3.000 pessoas mortas nos choques entre as forças de segurança e os militantes fundamentalistas da FIS.

A nomeação do general Zeroual para governar o país por um período de três anos – até a realização de novas eleições gerais – desagradou a Frente. Depois de criticar a decisão do Alto Conselho de Segurança, Rabah Kebir, presidente da FIS no exílio, afirmou que os dias do novo governo “estão contados”.

Em um discurso difundido uma semana antes da sua designação, o general Zeroual, que continuará acumulando a pasta da Defesa, havia defendido uma solução política para a crise, mas deixou claro que continuaria a luta contra os grupos armados islâmicos.

A nomeação do militar ocorreu poucos dias depois do fracasso da chamada Conferência Nacional de Reconciliação, convocada pelo governo para discutir um programa de transição do atual regime de exceção. A decisão do governo de excluir a FIS das discussões terminou provocando o boicote dos principais partidos políticos, ao qual aderiram até a Frente para a Libertação Nacional (FLN), que governou o país durante 30 anos, e a Frente das Forças Socialistas (FFS).

Segundo Anwar Haddam, que encabeça uma delegação da FIS nos Estados Unidos, o boicote generalizado foi uma decisão acertada, já que a conferência não representava um verdadeiro diálogo. “Tentavam nos impor a próxima Constituição”, declarou, atribuindo o boicote dos grandes partidos a um desejo comum de consolidar a democracia, apesar de diferenças ideológicas. “Diferimos do ponto de vista ideológico, mas coincidimos no que diz respeito ao processo democrático”, afirmou.

## Nigéria

Após ter encerrado o ano de 1993 com a anulação das primeiras eleições democráticas em dez anos e ter presenciado uma sucessão de presidentes militares impostos por uma junta, a Nigéria começou o ano com o seu futuro político ainda incerto.

Em meados do mês passado, a junta militar constituiu um comitê encarregado de organizar uma Conferência Constitucional, numa tentativa de buscar uma solução para o isolamento político que enfrenta desde a anulação das eleições.

Segundo o atual presidente, Sani Abacha, o comitê deverá estudar propostas, “em particular as de grupos de interesses distintos”, para elaborar um programa “razoável” para a celebração da conferência.

Mas para os opositores, a maior parte dos membros do comitê formado por Abacha é de ex-dirigentes sindicais e ex-ministros de administrações passadas que trabalharam em partidos políticos definidos como “desacreditados”.

## Zâmbia

“Qualquer ministro que deseje trabalhar comigo deve saber que roupa suja se lava em casa”. A frase foi proferida pelo presidente da Zâmbia, Frederick Chiluba, ao comunicar a destituição de dois ministros, Boniface Kawimbe, responsável pela pasta da Saúde, e Dean Mungonba, vice-ministro para a Cooperação Econômica.

Os dois haviam pedido publicamente que o presidente tomasse alguma medida em relação às acusações de corrupção e de envolvimento de membros do seu gabinete com o narcotráfico. Segundo os analistas locais, as demissões – que durante a primeira quinzena de janeiro já haviam afetado cinco ministros – são uma tentativa de Chiluba de manter a credibilidade de seu governo diante das acusações de ligação com o narcotráfico.

As constantes denúncias levaram os países doadores a formular ameaças de redução da ajuda financeira à Zâmbia.

## Ruanda

Uma onda de "repatriados voluntários" tomou de surpresa o governo de Ruanda, que admitiu não estar preparado para o retorno de mais de dois mil exilados. A maioria dos repatriados, que começaram a voltar no final do ano, pertencem à minoria *tutsi*. "Não estávamos esperando essa repatriação repentina. Não existe nenhum esquema especial para recebê-los", admitiu o Ministério do Trabalho e Bem-Estar Social em um comunicado divulgado na capital, Kigali.

Segundo o acordo de paz assinado em 4 de agosto pelo governo daquele país e a Frente Patriótica Ruandesa (RPF), a repatriação dos exilados e o reassentamento dos deslocados pela guerra serão administrados por um governo de transição de unidade nacional que inclua os ex-rebeldes.

Mas, seis meses depois da assinatura do pacto, ainda não foi formado o governo de transição. O acordo pôs fim a três anos de uma brutal guerra civil entre o governo do presidente Juvenal Habyarimana, membro dos majoritários *hutus*, e o RPF, em sua maioria integrado pelos *tutsis*.

## Cuba

As autoridades sanitárias de Cuba anunciaram que este ano tornarão mais flexível o tratamento dos portadores do vírus da Aids. Até agora, todos os portadores e doentes de Aids tinham que se internar em um dos 11 sanatórios existentes na ilha, onde recebem tratamento e alimentação especiais gratuitamente.

Apesar das críticas internacionais, Cuba manteve essa política como forma de evitar a propagação da doença, conseguindo um controle bastante rígido. Até fins de 1993, se havia diagnosticado no país 988 pacientes seropositivos, dos quais 236 ficaram doentes e 148 tinham morrido até 31 de dezembro último.

Segundo o diretor nacional de Epidemiologia do Ministério de Saúde Pública, "a experiência ganha permite agora iniciar o sistema de atenção ambulatorial para todos os seropositivos que assumam uma atitude responsável diante da família e da sociedade e que, por outro lado, a procurem voluntariamente".

## CHIPRE

### Sinais de negociação

Os mediadores internacionais estão tentando outra vez conseguir algum avanço na prolongada disputa em Chipre, e existem sinais positivos de que desta vez poderiam dar algum fruto em 1994.

Existem alguns elementos-chaves, segundo fontes cipriotas: a comunidade turco-cipriota acaba de escolher uma nova administração – autodenominada *governo* –, que está decidida a promover medidas para recuperar a confiança de seus vizinhos greco-cipriotas.

Os negociadores da ONU e dos Estados Unidos estão pressionando para que se aprove um plano, segundo o qual o Aeroporto Internacional de Nicósia seria reaberto pela primeira vez em 20 anos, enquanto um subúrbio da importante cidade de Famagusta – antes habitada por gregos – seria entregue às autoridades greco-cipriotas.

Ao mesmo tempo, calcula-se que o governo internacionalmente reconhecido de Chipre, eleito pela comunidade greco-cipriota, está concluindo os últimos detalhes de um plano mediante o qual suas Forças Armadas (a Guarda Nacional) seriam dissolvidas, em troca da retirada das forças turcas instaladas no Norte turco-cipriota da ilha e do desmantelamento das milícias turco-cipriotas.

O conflito na ilha mediterrânea se arrasta desde julho de 1974, quando a Guarda Nacional cipriota – a mando de oficiais da junta ditatorial grega – depôs o presi-



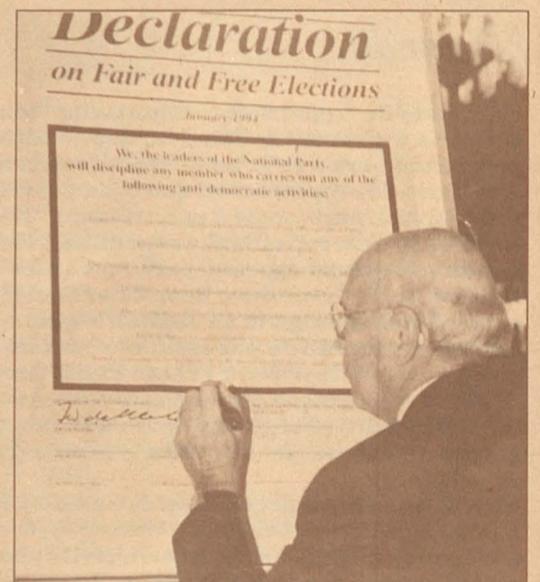
Greco-cipriotas pedem em Limassol esclarecimentos sobre parentes desaparecidos desde a invasão turca, em 1974

dente, arcebispo Vaneziz Makarios, que conseguiu fugir para a Inglaterra. Nikos Sampson, partidário da anexação à Grécia, foi nomeado presidente. Cinco dias depois, a Turquia invadiu o Norte do país, bombardeou a capital, Nicósia, e expulsou 200 mil greco-cipriotas para o Sul.

Em agosto, apesar da presença de tropas das Nações Unidas na ilha, as forças turcas, que ocupavam 40% do seu território (Norte e Nordeste), proclamaram o Estado Federal Turco-Cipriota, que até hoje só foi reconhecido pela Turquia.



Estudantes nus fazem um protesto em Patna, no estado indiano de Bihar, contra a assinatura do Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas (Gatt) devido ao possível fim dos subsídios aos produtos agrícolas



O presidente da África do Sul, Frederick de Klerk, assina em Pretória a "Declaração para Eleições Limpas e Livres", um compromisso assumido pelo governante Partido Nacional para manter a lisura das próximas eleições gerais, em 27 de abril

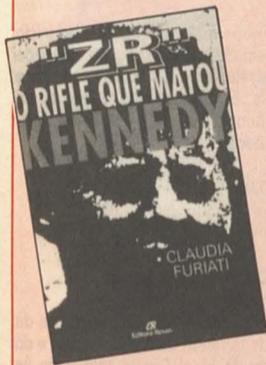


Um vietnamita, veterano de guerra, descansa após participar de uma corrida para deficientes físicos na cidade de Ho Chi Minh. O conflito com os Estados Unidos deixou um alto número de pessoas incapacitadas para o trabalho



Na Colômbia, uma criança observa tropas norte-americanas desembarcando pesados equipamentos. A presença desses efetivos, que segundo as autoridades da Colômbia e dos Estados Unidos ajudarão na construção de escolas, hospitais e estradas, está sendo questionada por diferentes organizações políticas

# POSTAL NORTE SUL



## GIOCONDO DIAS - A VIDA DE UM REVOLUCIONÁRIO

João Falcão

Um mergulho na história política do país e sobretudo na trajetória do Partido Comunista Brasileiro desde a revolução de 1935 até a redemocratização de 1986. A vida do dirigente Giocondo Dias, que começou como cabo do Exército em 35 e chegou a secretário geral do PC. pp 412 E-324 CR\$ 6.500,00

## ESTADO NACIONAL E POLÍTICA INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA

O continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)

Moniz Bandeira  
Abordagem comparativa das políticas internas e externas dos dois países em suas relações com os Estados Unidos. Análise dos fatores econômicos, sociais e políticos que determinaram tais políticas. 303pp E-313 CR\$ 6.500,00

## ALMANAQUE BRASIL 1993/94

Editora Terceiro Mundo/Ivan Alves

Publicação voltada para a discussão de um projeto nacional.

Formação da nacionalidade brasileira, conjuntura atual, povo e instituições, atividades produtivas, roteiro da cidadania e suporte estatístico com 60 quadro e tabelas atualizadas. Complementa o Guia do Terceiro Mundo, cuja nova edição está sendo preparada. 327pp E-318 CR\$ 7.000,00

## DOMINAÇÃO PELA FOME - ECONOMIA POLÍTICA DO ABASTECIMENTO

Miranda Neto

A persistência da fome nas sociedades subdesenvolvidas não é consequência da incapacidade produtiva. Ela resulta da intermediação sobre a produção e da deficiência de comercialização. 135 pp 193 CR\$ 3.900,00

## ECONOMIA MUNDIAL

Integração regional e desenvolvimento sustentável

Theotonio dos Santos  
A formação de blocos como o Mercado Europeu, os Tigres Asiáticos e a possível criação do bloco latino-americano revela novas tendências. O autor analisa a globalização e a regionalização econômicas, o papel do Estado e das empresas. 144 pp E-319 CR\$ 5.320,00

## A REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Moniz Bandeira

Do ideal socialista ao socialismo real. Ensaio de história política que começa com a derrota alemã na guerra de 1914/18, passa pela criação das duas Alemanhas depois da Segunda Guerra e analisa a reunificação. 182 pp E-286 CR\$ 4.900,00

## O PILÃO DA MADRUGADA

Neiva Moreira

O jornalismo enquanto instrumento de solidariedade humana através das transformações sociais. A trajetória de Neiva Moreira no Brasil da época do golpe de 64 e, depois de exilado, no mundo. Seus encontros e entrevistas com líderes como Abdel Nasser, Fidel Castro, Agostinho Neto, Yasser Arafat, Robert Mugabe, Samora Machel. Cobertura de fatos que marcaram o século XX, como a descolonização africana e a luta contra as ditaduras na América Latina nos anos 70. 464 pp E-208 CR\$ 4.500,00

## VISÃO DO FUTURO

Genival Rabelo

O autor, jornalista consagrado do Rio Grande do Norte e profundo conhecedor da União Soviética e do Leste europeu, analisa a região, suas contradições e os conflitos que redundariam na queda do socialismo real. 208 pp 330 CR\$ 7.000,00

## O ESTADO QUE NÓS QUEREMOS

Vários autores

Ação estatal em discussão: Antonio Salgado e Argemiro Pertence Neto (petróleo), Armando Ferreira Vidigal (militares), Berta Becker (Amazônia), César Guimarães e Roberto Amaral (TV), Fábio Erber (cooperação), Fernando Cotrim (siderurgia), Luiz Alfredo Salomão, Fernando Peregriño e Inês Patrício (tecnologia), Luiz Pinguelli Rosa (eletricidade) e Maria da Conceição Tavares (globalização). 230 pp E-323 CR\$ 6.300,00

## ALLENDE E AS ARMAS DA POLÍTICA

Joan Garcés

O autor estava no palácio de La Moneda quando Salvador Allende foi morto em 73. O presidente ordenou-lhe que saísse para que pudesse analisar mais tarde aqueles anos. O livro é um testemunho único dos acertos e erros da experiência socialista chilena. 335 pp 279 CR\$ 14.500,00

## POLÍTICA LINGÜÍSTICA NA AMÉRICA LATINA

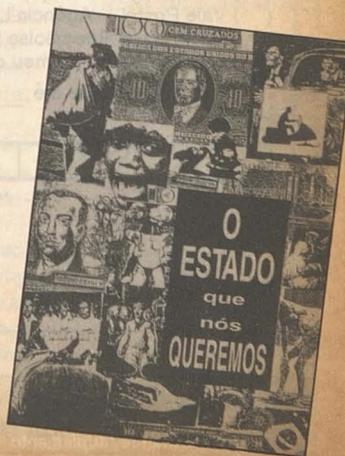
Vários autores

Reflexões sobre a política da linguagem no continente, num volume organizado por Eni Pulcinelli Orlandi e que reúne, entre outros, Alberto Escobar, Tania de Souza, Xavier Albó, Bartolomeu Meliá, Carlos Vogt, Peter Fry e Sergio Valdés Bernal. 191 pp E-295 CR\$ 6.500,00

## SEM FÉ, LEI OU REI - BRASIL 1500-1532

Guilherme Giucci

A descoberta do Brasil dentro do contexto do expansionismo da Renascença européia. As motivações e contradições que moveram os personagens históricos nas três primeiras décadas, dentro de uma visão crítica e estilo refinado. 239 pp 328 CR\$ 9.500,00



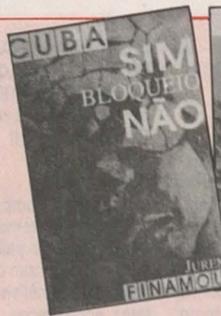
ATENÇÃO: Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

# POSTAL NORTE SUL



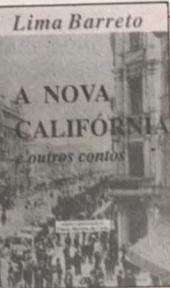
**SER COMO ELES**  
 Eduardo Galeano  
 Nestes ensaios e artigos, o consagrado escritor uruguaio expõe uma visão crítica, realista e inconformada diante dos tempos em que vivemos. Sua grande preocupação é a América Latina e seu tema maior o ser humano em todas as suas dimensões.  
 160pp E-306 CR\$ 6.900,00

**O CÍRCULO E A ESPIRAL**  
 Ruy Moreira  
 O autor, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, faz uma nova leitura dos valores que sustentam a ciência ocidental. Ele analisa a natureza, o homem, o espaço (concebido como mercadoria) e propõe uma reinvenção do mundo moderno.  
 142 pp. E-321 CR\$ 4.900,00



**CUBA SIM, BLOQUEIO NÃO**  
 Jurema Finamour  
 Na série "Panfleto", a autora trata do bloqueio norte-americano imposto à ilha do Caribe, das relações comerciais internacionais que na prática furam este bloqueio e das perspectivas do regime cubano, que tem recebido solidariedade de muitos países.  
 66 pp  
 E-314 CR\$ 1.600,00

**A INSÂNIA - DA RADIOATIVIDADE À AIDS**  
 Jurema Finamour  
 A autora examina a possibilidade de a Aids ter sido fabricada no laboratório e informa sobre os sistemas de prevenir e tratar a doença de vários países, entre eles Cuba e Suíça. Trata também dos desastres nucleares e do perigo que representam as usinas.  
 62 pp  
 E-315 CR\$ 1.600,00



**A NOVA CALIFÓRNIA**  
 e outros contos  
 Lima Barreto  
 Um dos escritores brasileiros mais expressivos do início do século, mulato, apreciador da cachaça e hóspede acidental de hospício, retrata, em seus contos, uma face mais verdadeira do país. Sua atualidade chega a ser constrangedora, pois denuncia a corrupção e a hipocrisia, males ainda não-erradicados entre nós.  
 197 pp  
 E-322 CR\$ 8.700,00



**CUBA EXPORTA SAÚDE, NÃO ARMAS**  
 Jurema Finamour  
 O tema é o sistema de saúde cubano e os avanços da medicina na ilha, tratando também da solidariedade e do tratamento que o regime de Fidel Castro tem dado às vítimas soviéticas da catástrofe de Chernobyl.  
 74 pp E-316 CR\$ 1.600,00

OBS: Após a validade cobraremos preços atualizados

Nome .....  
 Endereço .....  
 Bairro ..... Cidade .....  
 Estado ..... CEP ..... Tel. ....  
 Profissão .....

Assinale a forma de pagamento do(s) seu(s) pedido(s).  
 Cheque(s) nominal(is) em anexo à Editora Terceiro Mundo Ltda.  
 Vale Postal - Agência Lapa       Assinante       Não-assinante  
 Pagarei por Reembolso Postal  
 Autorizo débito no meu cartão .....

Que tem validade até \_\_\_\_ / \_\_\_\_ No valor de CR\$ .....  
 Cartão Nº  
 \_\_\_\_\_

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

Data:...../...../.....  
 Assinatura do comprador \_\_\_\_\_

Preços válidos até: 05.03.94

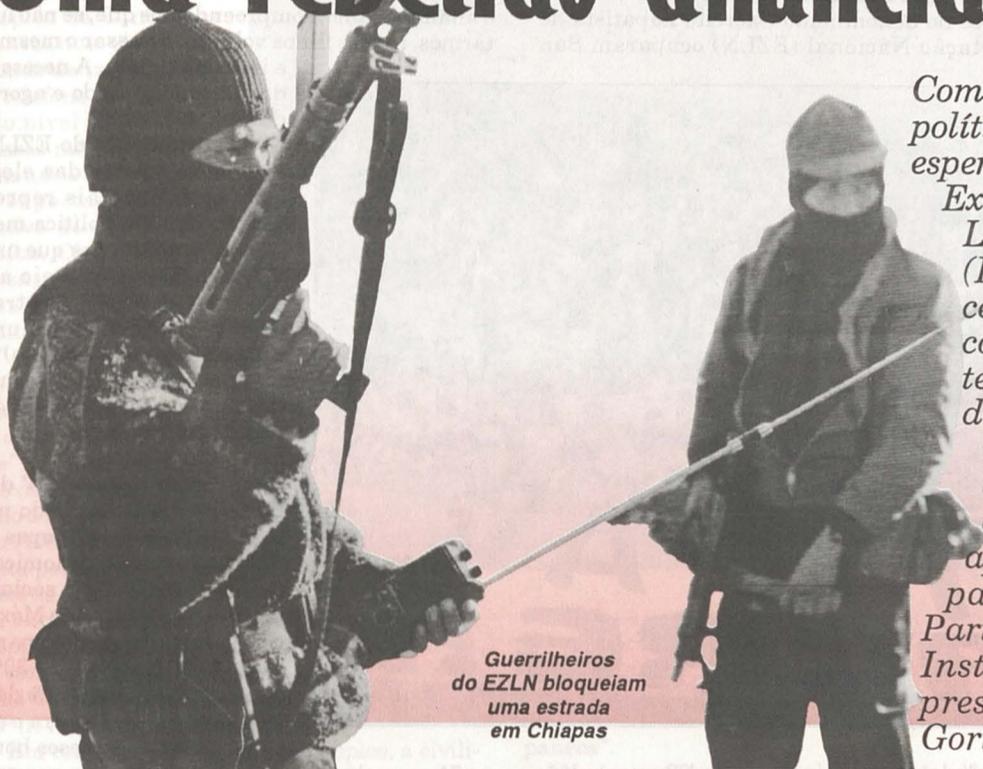
CÓD.	QUANT.

Cadernos nº 170

Enviar para Depto. de Assinaturas • Editora Terceiro Mundo Ltda. • Rua da Glória, 122 - 1º andar • Rio de Janeiro - RJ • CEP 20241-180 • Telex: 21 33054 CTMB BR  
 PEÇA TAMBÉM PELOS TELEFONES (021) 252-7440/232-3372 OU PELO FAX (021) 252-8455

## CHIAPAS

## Uma rebelião anunciada



Guerrilheiros do EZLN bloqueiam uma estrada em Chiapas

*Com um nível de organização político-militar que ninguém esperava, os militantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) irrompem no cenário político mexicano com a força de um terremoto e a bandeira de fazer justiça para os índios. Suas ações comprometem o quadro eleitoral – que já não se apresentava favorável – para o governante Partido Revolucionário Institucional (PRI), do presidente Salinas de Gortari*

José Steinsleger (da Cidade do México)

**E**m sua mensagem de Natal, o cardeal do México, Ernesto Corripio Ahumada, abordou dois temas: a sucessão presidencial e o tratado de livre comércio (Nafta) com os Estados Unidos e o Canadá, que entrou em vigor nos primeiros dias de 1994.

Ao comentar as eleições de agosto próximo, o cardeal disse que "...diante da falta de costume de viver na pluralidade política, nós, mexicanos, sentimos hoje que o país se desintegra (...). Nos dirigimos a uma luta fratricida (...). A nação deve estar mais unida que nunca."

Em relação ao Nafta, advertiu para o "grave risco" de que "os poderosos esmaguem os de menor poder aquisitivo, marginalizando-os das decisões do país".

Nesse mesmo dia, depois de 25 anos de silêncio, o secretário da Defesa Nacional, general Antonio Riviello Bazan, abordou a responsabilidade do Exército nos sangrentos acontecimentos de outubro de 1968<sup>1</sup>.

O comunicado do alto chefe militar procurava tirar a credibilidade da "Comissão da Verdade", grupo interdisciplinar que investigou as circunstâncias em que ocorreu "o massacre de Tlatelolco" e responsabilizou pelo fato o Exército do México e o então presidente Gustavo Díaz Ordaz.

Na mesma época, o presidente Carlos Salinas de Gortari, ao avaliar sua viagem pela China e Japão, declarava que "...em nossas nações, mais que uma preocupação pela democracia, existe uma preocupação pela estabilidade".

Essas notícias, veiculadas por ocasião do Natal, se somaram à outra, de caráter profético: a morte, aos 93 anos, da suíça DUBY Blom, "a rainha branca da selva lacandona".

Ex-militante da resistência ao fascismo e sobrevivente de um campo de concentração nazista, DUBY Blom dedicou o último meio século de vida à defesa ambiental da selva de Chiapas junto aos índios lacandones, o único grupo étnico que no México não pôde ser conquistado pelos espanhóis.

*"...diante da falta de costume de viver na pluralidade política, nós, mexicanos, sentimos hoje que o país se desintegra (...)"*

**Um tiro durante o concerto** – Uma semana depois, em uma ação rebelde da qual não se tinha lembrança desde os tempos legendários da Revolução Mexicana de 1910, mais de 2.000 efetivos do denominado Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) ocuparam San

Transmitida pelas rádios nas quatro línguas de origem maia que se falam na região (*tojolabal, tzotzil, tzetal e zoque*), a declaração da EZLN acrescentou: "Submergidos na ignorância e analfabetismo, compreendemos que, se não lutarmos, nossos filhos voltarão a passar o mesmo e isso não é justo. A necessidade nos foi unindo e agora dissemos 'basta!'."

O surgimento do EZLN oito meses antes das eleições presidenciais representou na vida política mexicana pouco menos que um disparo dado em meio ao concerto neoliberal, à entrada do país no Primeiro Mundo (pela porta da cozinha) e à euforia dos grandes grupos econômicos beneficiários do Nafta.

**O 'quarto mundo' de Chiapas** – Localizado no Sudeste do país, Chiapas é um dos estados economicamente mais ricos e socialmente mais pobres do México: possui um médico para cada 1.500 habitantes; 30% de analfabetismo; 80% das casas com chão de terra e só nos últimos três meses hou-

ve 71 casos de anencefalia (crianças que nascem sem cérebro).

Com grandes recursos petrolíferos e as quatro maiores hidrelétricas do país, 34% das comunidades indígenas de Chiapas só conhecem a luz do dia. A eletricidade que brota da prodigiosa natureza do estado ilumina e abastece três países centro-americanos. Porém, os índios de Chiapas continuam na escuridão porque não podem pagar para recebê-la em suas casas.

Afirmar que o México é um país de extrema polarização social seria reiterar a evidente realidade que reconhecem todos e cada um dos discursos presidenciais nos 64 anos de "revolução institucional".

Em seu relatório anual de novembro passado, o próprio Salinas de Gortari admitiu a desigualdade social entre os mexicanos ao revelar a existência de 13,5 milhões de pobres (17% da população), cifra que, naturalmente, a oposição multiplica por dois.

Este abismo entre pobres e ricos já havia inquietado o barão de Humboldt no início do século XIX, quando em seu diário de viagem escreveu: "O México é o país da desigualdade. Talvez em nenhuma outra parte exista uma desigualdade



*A violenta repressão do exército provocou protestos dentro e fora do país*

Cristobal de las Casas (90 mil habitantes) e três municípios montanhosos do estado de Chiapas, fronteiriços à selva lacandona e à vizinha Guatemala: Ocosingo, Altamirano e Las Margaritas.

Em seu primeiro comunicado, o EZLN resumiu as notícias acima mencionadas: 1) rejeição ao processo eleitoral em marcha; 2) condenação ao Nafta; 3) guerra frontal ao Exército do México; 4) exigência de uma "autêntica democracia"; e 5) condenação aos "coronéis" do interior e latifundiários que tratam como virtuais escravos os indígenas, os quais vivem hoje em condições piores do que no tempo da colônia.

Com uma força político-militar ostensivamente superior à que tiveram os sandinistas e a FMLN salvadorenha ao começarem sua luta na década de 70, o comunicado dos "neozapatistas" diz: "Levamos centenas de anos acreditando em promessas que nunca foram cumpridas. Sempre nos disseram que fôssemos pacientes, que soubéssemos esperar tempos melhores. Recomendaram prudência e prometeram que o futuro seria melhor. Mas já vimos que não. Tudo continua igual ou pior que na época de nossos pais e avós. Nosso povo continua morrendo de fome."

## CAPA

MÉXICO

de mais absurda na distribuição de renda, civilização e terras.”

Assim, ao Norte do Trópico de Câncer, os mexicanos vivem no mundo da informática, do telefone celular e do alto nível de vida das classes médias e altas, consumistas e cheias de expectativa com a “chuva de dólares” do Nafta. Classes orgulhosas dos bilionários mexicanos que integram o “quadro de honra” da revista norte-americana *Fortune*: Emilio Azcarraga (conhecido como “El Tigre”), o homem mais rico da América latina, dono do canal de televisão *Televisa* e com uma conta pessoal de 5,1 bilhões de dólares (19º lugar



entre os mais ricos do mundo); Carlos Slim, proprietário da Companhia Telefônica do México, com 3,7 bilhões de dólares (36º lugar) e a família Garza Sada, de Monterrey, com 3,1 bilhões (56º no ranking mundial).

Em compensação, ao Sul do trópico, a civilização capitalista vai se deteriorando progressivamente. E ao chegar a Oaxaca e Chiapas, vemos turistas buscando bruxos “autênticos” e consumidores de fungos alucinógenos, estrangeiros extasiados com a “força” dos centros cerimoniais e outros monumentos do antigo império maia, mas cegos, surdos e mudos diante da miséria, virtual escravidão e opressão de seus descendentes diretos.

**Exploração dos índios** – A essas terras de Oaxaca e Chiapas, que viram nascer o índio *zapoteco* Benito Juárez<sup>3</sup> (a quem se atribui a frase “o respeito ao direito alheio é a paz”), nunca chegou o espírito liberal constitucionalista de 1857, nem o furacão rebelde de Pancho Villa e Emiliano Zapata nos tempos da Revolução Mexicana de 1910.

Inclusive, o mesmo Juárez, educado nas noções de “civilização e barbárie” do liberalismo europeu e absorvido na luta entre federalistas e centralistas, deu as costas às reivindicações da rebelião dos índios *tzotziles* de 1867.

Décadas mais tarde, ao começar o processo de institucionalização da revolução que mergulhou o México num banho de sangue entre 1910

e 1917<sup>4</sup> – e uma vez assassinados os maiores líderes da causa agrária (Emiliano Zapata, em 1919, e Pancho Villa, em 1923) –, o poder central, ignorando o grito de “Terra e Liberdade”, fez pactos com os latifundiários da “família chiapaneca”.

Nos anos 20, por exemplo, o general Alvaro Obregón fez, por debaixo da mesa, acordos que perpetuaram até hoje o sistema de propriedade da terra e a exploração do índio que com tanta veemência havia condenado o frei Bartolomé de las Casas, a meados do século XVIII, quando Chiapas pertencia à capitania da Guatemala.

Novelas e contos como *La rebelión de los colgados*, *Puente en la selva*, *Macario* e outros textos do alemão Bruno Traven (1890-1969) deixaram testemunhos comovedores da dor e injustiça vividas pelos índios e camponeses de Chiapas. Metade das cinzas de Traven – companheiro de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht na Liga Espartaco, durante a revolução alemã (1918) – foi entregue à sua esposa e a outra metade foi espalhada em Ocosingo, um dos municípios tomados pelo EZLN nas primeiras horas de 1994.

**As leis de Castela** – Ao officiar missa e comentar os acontecimentos protagonizados pelos rebeldes do EZLN em um bairro de San Cristobal de las Casas, o bispo Samuel Ruiz, com 30 anos dedicados aos índios e aos pobres do estado, falou das enormes desigualdades sociais do México:

Só em  
1993,  
15 mil  
índios de  
Chiapas  
morreram  
de fome

## As raízes do EZLN

**1970**

\* Um grupo de estudantes oriundos do movimento estudantil de 1968 chega à selva de Chiapas para impulsionar a "linha de massas" maoísta.

**1974**

\* Em outubro, organizações camponesas, indígenas e comunidades de base da Igreja participam do I Congresso Indigenista para comemorar os 500 anos do nascimento de frei Bartolomé de las Casas, "apóstolo dos índios". Durante o encontro, os dirigentes fazem fortes críticas contra os latifundiários, os "coronéis" e os líderes políticos do PRI.

"Marcos",  
suposto  
líder do  
EZLN



\* O governo federal destrói um acampamento guerrilheiro na selva *lacandona*, montado por um foco militar chamado Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). Em outras zonas do estado, aparecem outros grupos independentes, que mais tarde se vinculam ao movimento maoísta "Linha Proletária".

\* O presidente Luis Echeverría decreta que 614 mil hectares da selva *lacandona* passarão ao controle de 67 membros dessa etnia, apesar de que, naquela zona, já se encontravam mais de 20 mil camponeses de todo o país à espera de um pedaço de terra. Os 67 *lacandonos* vendem depois seus títulos de propriedade a latifundiários e funcionários da Nacional Financeira, que se enriqueceram com a exploração de madeiras preciosas e o corte indiscriminado da selva.

**1975**

\* Em dezembro, na selva de Ocosingo, nasce a União de Ejidos<sup>1</sup>, cujo nome maia é *Ach Quiptic ta Lecubtesel*.

**1976**

\* Na zona de Comitán, que inclui parte da selva *lacandona*, surge a União de Ejidos "Terra e Liberdade".

\* Chegam a Chiapas a Brigada Revolucionária Emiliano Zapata da Liga 23 de Setembro, a

mando de Luis Corral García e Manuel Amarillo Palafox (mortos em 1977, na Cidade do México) e a Organização Ideológica Dirigente (OID) e a União do Povo.

A União do Povo era um grupo armado (fundado pelo guatemalteco José María Ortiz Vides e originou, posteriormente, o Partido Revolucionário Operário Clandestino-União do Povo (Procup), que depois de 25 anos de luta armada, em 1980, se uniu ideologicamente ao Partido dos Pobres, fundado pelo professor Lucio Cabañas na serra do estado de Guerrero.

\* Em agosto, nasce a União de Ejidos "Luta Camponesa".

**1979**

\* Na região de Soconusco (costa do Pacífico) se organiza o Bloco Camponês do Estado de Chiapas (Blocech), que reúne vigorosos movimentos agrários que atuavam isolados. Nos vales centrais, a comunidade Venustiano Carranza, que vinha lutando desde 1935 para recuperar suas terras comunitárias, lança as bases da Aliança Camponesa 10 de Abril<sup>2</sup>.

**1980-82**

\* As FALN foram aniquiladas em Chiapas, mas moradores da região reconstróem anos depois a organização político-militar. Tiram a letra "A" da sigla e passam a chamar-se Forças de Libertação Nacional (FLN), com um braço armado: o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

\* Enquanto isso, o Procup assume a herança da União do Povo e estabelece seus objetivos "a curto, médio e longo prazo". Durante cinco anos, se dedica a realizar expropriações, seqüestros de fazendeiros e latifundiários e assaltos a bancos. Coloca bombas em centros comerciais, bancos, escritórios de governo e toma contato com outros grupos armados do país e de Chiapas.

**1989**

\* Surge a cara visível do EZLN: a Aliança Nacional Camponesa Independente Emiliano Zapata (Anciez), que promove ações reivindicativas de indígenas e camponeses nos municípios de El Bosque, Larrainzar, Chenalhó, Ocosingo, Chanal, Oxchuc, Huixtán, Salto de Agua, Tila, Tumbala, Sebanilla e San Cristóbal de las Casas. A Anciez foi criada na serra do estado de Puebla, onde se reuniram delega-

O surgimento do EZLN oito meses antes das eleições provocou um verdadeiro terremoto político

## CAPA

MÉXICO

"A angústia dos indígenas tinha chegado a um ponto limite desde que 15 mil deles morreram de fome em 1993. Vinham e me diziam: 'Estamos morrendo; nossas reivindicações não encontram o menor eco; não vemos outro caminho senão responder de forma violenta'. (...) Obviamente, não podemos elogiar o mecanismo que (os índios) esco-

dos camponeses dos estados de Chihuahua, Veracruz, Oaxaca, Chiapas e Puebla (em 1992, se incorporaram à Anciez camponeses de Coahuila, Guerrero e San Luis Potosí).

### 1992

\* Durante as comemorações dos "500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular", em 12 de outubro, desfilam em San Cristobal de las Casas 10 mil indígenas. A metade pertencia à Anciez. Diferenciavam-se dos demais porque suas colunas tinham estrutura militar e portavam arcos e flechas. Derrubaram a estátua de Diego de Mazariegos, conquistador e fundador de San Cristobal de las Casas.

Com a Anciez, marcharam outras 17 organizações que, na véspera, tinham constituído a Frente de Organizações Sociais de Chiapas (Fosch), entre as quais as mais representativas eram a Cioac, a Ocez e o Conselho de Representantes Indígenas de los Altos de Chiapas (Criach). Já naquela época, correu o boato de que a guerrilha tomara as zonas montanhosas de Ocosingo, Altamirano e Las Margaritas.

### 1993

\* Em fevereiro se dissolve oficialmente a Anciez. Nos três primeiros meses do ano, saem de San Cristobal de las Casas todos os seus dirigentes. A última ocasião em que apareceram como organização foi em abril, em uma marcha realizada pelo Fosch em Tuxtla Gutiérrez, capital de Chiapas.

No resto do ano, ocorrem pequenos confrontos de guerrilheiros do EZLN com efetivos da polícia e do exército e uma onda de seqüestros de fazendeiros e comerciantes, cujos resgates (até onde se sabe) chegaram a 1,5 milhão de dólares.



lheram, mas não podemos simplesmente condenar sua atitude", afirmou don Samuel Ruiz.

Em outubro de 1993, durante um fórum realizado pela Procuradoria Geral da República, Guillermo Espinosa, diretor do Instituto Nacional Indigenista (INI), informou que havia "cadastrado" 5.400 índios *tzeltales* e *tzoltziles* presos por diferentes motivos. A maioria das detenções tinha sido provocada por delitos sem muita importância: brigas, alcoolismo e "graves ofensas à autoridade", tais como a negativa dos índios a cumprir com o que eles chamam, 500 anos depois da Conquista, "as leis de Castela". ■

*Chiapas é um dos estados economicamente mais ricos, mas socialmente mais pobres do México*

<sup>1</sup> Centenas de estudantes universitários foram mortos em outubro de 1968 quando realizavam um protesto contra o governante Partido Revolucionário Institucional (PRI)

<sup>2</sup> O PRI está há 64 anos no poder. Nos últimos anos, vem sendo constantemente acusado de fraude eleitoral pela oposição. Em 1988, sofreu um importante *racha* com a decisão do dirigente Cuauhtémoc Cárdenas de abandonar o PRI e criar, no ano seguinte, o Partido da Revolução Democrática (PRD), pelo qual sairá candidato à presidência em agosto próximo

<sup>3</sup> Benito Juárez assumiu a presidência em 1861. Ao decidir suspender o pagamento da dívida externa, foi derrubado por uma intervenção armada conjunta da Inglaterra, Espanha e França. Este último país terminou impondo um governo títere (do arquiduque Maximiliano) e só em 1867, após duros combates, Benito Juárez pôde voltar à presidência

<sup>4</sup> Calcula-se que um milhão de pessoas morreram durante esse período

<sup>1</sup> Ejido: terreno contíguo a uma pequena cidade, onde os camponeses costumam debulhar cereais e no qual pode estar também o gado dos moradores da área

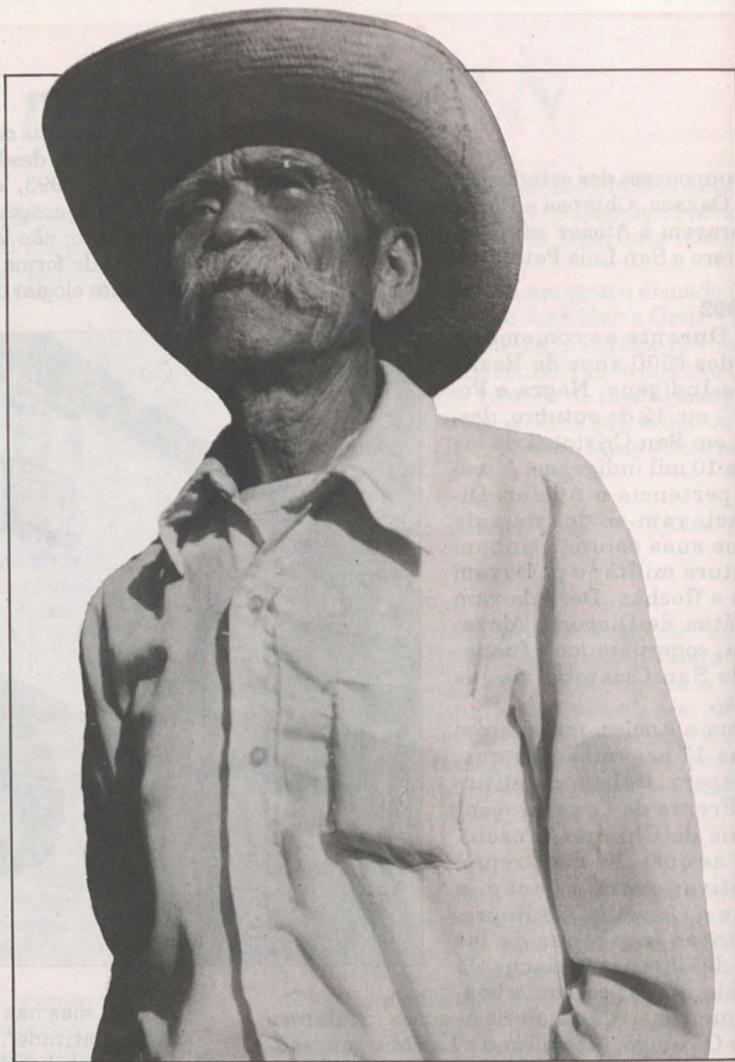
<sup>2</sup> Em 10 de abril de 1919 foi assassinado o líder camponês da Revolução Mexicana Emiliano Zapata



1974-1994

México

## Os velhos soldados de Zapata



**D**epois de ocupar amplos espaços no noticiário internacional pela assinatura do acordo de integração econômica (Nafta) com os Estados Unidos, o México surpreendeu o mundo ao voltar às manchetes pela eclosão de um bem organizado movimento guerrilheiro no Sul do país.

Pouco se sabe no momento sobre esta organização, que se autodenomina Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Mas, sem dúvida, ao assumir uma das principais bandeiras do líder camponês da Revolução Mexicana – a melhor distribuição da terra –, o movimento estabeleceu uma ponte entre o presente e o remoto ano de 1910. Esse ressurgimento de bandeiras de luta

aparentemente ultrapassadas torna, na nossa opinião, oportuna a releitura de um amplo material que publicamos sobre a legendária figura do general Emiliano Zapata. Editada em *cuadernos del tercer mundo*, nº 11 (março-abril de 1977), quando a revista ainda era feita no México, a reportagem, cujo resumo apresentamos a seguir, reúne depoimentos exclusivos de alguns velhos combatentes que lutaram ao lado de Zapata. Através deles, podemos entender um pouco melhor os motivos de sua luta e porque, 75 anos após sua morte, Emiliano Zapata ainda é uma referência tão marcante para o movimento camponês do México e de toda a América Latina.

## O resgate da história

*Depois de entrevistar mais de 200 camponeses que lutaram na Revolução Mexicana, Francisco Julião dá um emocionado depoimento sobre a lendária figura de Emiliano Zapata*

*Durante os anos em que viveu exilado no México, Francisco Julião, o famoso fundador das Ligas Camponesas, fez um importante trabalho de resgate da memória das lutas dos camponeses mexicanos liderados por Emiliano Zapata, entrevistando dezenas de velhos combatentes, sobreviventes da revolução do início do século. Reproduzimos a seguir trechos do seu depoimento a respeito, publicado junto com as entrevistas aos zapatistas.*

**Q**uando cheguei ao México, exilado, me aconselharam por questões de saúde a me instalar na cidade de Cuernavaca, no estado de Morelos, terra de Zapata. (...) Pouco a pouco, fui descobrindo que lá ainda viviam velhos soldados que lutaram junto com o líder camponês e que inclusive conservavam as armas de 1910.

Daí me veio a idéia de fazer um trabalho de sistematização das informações que eles guardavam em sua memória, para ajudar que o testemunho desses homens não se perdesse, gravando suas vozes, tirando suas fotos, entrevistando-os.

(...) Consegui entrar em contato com eles através do tenente-coronel J. Trinidad Machuca, homem de 86 anos, ao qual por sua vez fui apresentado por um escritor inglês, Cedric Belfrage.

Fomos visitar o coronel justamente no dia do aniversário da morte de Zapata, um 10 de abril. No que foi o seu quartel-general, hoje convertido em um museu, assistimos a uma cerimônia em homenagem ao general Emiliano. Ali, o tenente-coronel Machuca me conta que pertence a uma Associação de Veteranos Zapatistas, que funciona na cidade de Cuautla e se oferece para me apresentar a seus companheiros. A Associação reunia mais de 300 combatentes autênticos, dos três períodos revolucionários.

(...) Falando com os velhos combatentes, compreendi que o problema continuava sendo a terra. Me senti como um peixe na água...

### Terra, água e justiça

Já entrevistei mais de 200 zapatistas e faltam uns 30. Morelos é o berço do zapatismo e a maior parte deles vive aqui. São homens pobres, não encontrei nenhum rico. E todos levam uma vida muito honrada. Quando jovens, em mais de 90% dos casos, eles trabalha-

vam como peões, levavam uma vida muito dura, em um regime de virtual escravidão.

(...) É preciso entender uma questão: Zapata nunca saiu da legalidade. Se existe uma classe legalista é a camponesa. Zapata é o herdeiro e continuador de uma série de caudilhos que lutaram para que os títulos de propriedade das comunidades agrárias fossem respeitados. Os títulos tinham sido concedidos pelo vice-rei da Espanha, durante a colônia. Mas essas terras foram completamente ocupadas pelos latifundiários que cultivavam a cana-de-açúcar.

Zapata se rebelou para recuperar as terras das comunidades camponesas. Reinvidicava a divisão das terras e sua entrega aos agricultores. *Terra, água, lei e justiça* resumiam seu ideário. Incorpora a água porque também os rios, açudes etc. estavam sob controle dos latifundiários, um fenômeno que se conhece desde a Idade Média.

### Zapata vive!

(...) Através dos testemunhos que colhi, se poderia descrever Zapata a partir de três ângulos: a figura histórica, o homem Zapata e a figura mítica.

Os representantes do primeiro grupo – os “historiadores” – aos quais não considero os mais autênticos, se preocuparam em conhecer o que se escreveu sobre a epopéia zapatista; defendem o líder sob um ponto de vista histórico.

O segundo grupo, dos analfabetos, se divide em dois. Há os que falam da figura humana e os que se referem à figura mítica. Estes últimos não aceitam, sob nenhuma hipótese, que Zapata tenha sido assassinado. Inventam que um outro companheiro, muito parecido ao caudilho, morreu voluntariamente em seu lugar e que um compadre árabe o levou para a “Arábia”, onde teria morrido de velho depois de retornar algumas vezes à sua terra natal...

É uma lenda muito bonita, que faz lembrar o inconformismo dos primeiros cristãos, que não aceitaram a morte de Cristo e o ressuscitaram. Isso acontece com os grandes líderes. Por seu carisma, identidade com os problemas das massas, por sua autenticidade, não morrem. (...) No coração daqueles que seguiram Zapata, ele continua sendo a grande esperança, já que muitos dos problemas vinculados à terra ainda se mantêm.

*Julião: “Para muitos, Zapata continua sendo a grande esperança”*



## 'Bem-vindos à terra de Zapata'

*O major Quintero, da guarda pessoal de Eufemio Zapata, irmão do líder Emiliano, conduz cadernos através dos campos de Morelos, cheios de história e lendas*

### Neiva Moreira e Beatriz Bissio

**A** figura de Emiliano Zapata está tão ligada à história das lutas camponesas da América Latina que é fácil imaginá-lo em um pedestal. Mas, para muitos, o líder camponês não é apenas uma lembrança do passado. Para eles, Zapata ainda vive. Vive dentro de cada um destes veteranos combatentes – os velhos zapatistas – que jamais renunciaram às idéias que, na sua adolescência, os levaram a empunhar armas para recuperar sua terra.

(...) Isso fica claro quando temos oportunidade de assistir, em Cuautla, a uma reunião dos veteranos combatentes. O major Constancio Quintero abre a sessão da "Unificação Nacional de Sobreviventes da Revolução do Sul, de origem zapatista", fazendo a lista de presença. Ao serem chamados, muitos se levantam. Quando alguma ausência se torna evidente, surgem comentários: "Está doente, o coitado" ou "Estamos perdendo ele". Em alguns casos, destacam que "não pôde vir porque não tem dinheiro nem para o ônibus".

É comovedora a constatação das ausências, cena que se repete a cada domingo. O tempo é implacável com este grupo de homens forjados e amadurecidos no combate revolucionário de 1910.

(...) Sem dúvida nenhuma, são camponeses. Isso denunciam suas caras cheias de rugas e queimadas pelo sol, seus pés deformados pelo duro trabalho na terra, suas mãos cheias de calos. Tratam-se com muito respeito, declinando primeiro o grau militar e depois o nome. Se a vida de camponeses lhes marcou a pele e o rosto, a atividade

militar que desenvolveram durante a juventude lhes fortaleceu o espírito. Como no passado, sua maior aspiração continua sendo a terra.

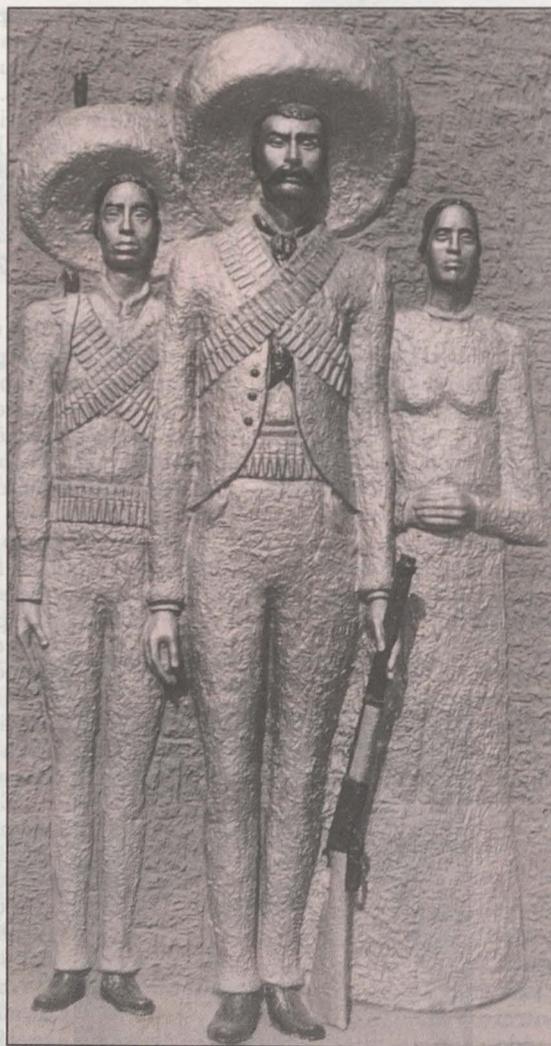
### A participação das mulheres

Após a reunião, o major Quintero nos leva a uma emocionante viagem no tempo, percorrendo os locais mais marcantes da epopéia zapatista. Tendo combatido junto a vários chefes, entre os quais lembra especialmente de Genovevo de la O., membro da escolta pessoal de Eufemio Zapata – irmão do caudilho – ele conserva, apesar dos seus 77 anos, um ar juvenil no rosto emoldurado por cabelos ainda negros.

"Bem-vindos à terra de Zapata", assinala quando chegamos a Anenecuilco, povoado natal do líder. "Aqui Zapata enterrou seu cavalo preferido. E como quis que mantivesse as ferraduras postas, o enterrou em pé...", relembra.

Para os zapatistas, o cavalo era mais que um meio de transporte. Significava, em momentos decisivos, a diferença entre a vida e a morte. O animal era o companheiro de jornadas intermináveis, o fiel servidor e até o confidente. Por isso não nos surpreende a atitude do coronel Pedro García, de 88 anos, a quem visitamos rapidamente ao chegar a Anenecuilco. Antes de apresentar sua família, nos mostra seu cavalo e nos pede que tiremos umas fotos dos dois juntos.

(...) Durante a viagem, tratamos de descobrir junto ao major Quintero qual foi a participação feminina na guerra. "A maioria das mulheres estava nas montanhas, fazendo comida para os combatentes. Poucas comba-



No local onde assassinaram Zapata, um mural homenageia o líder e todos os que lutaram a seu lado

## AS GRANDES REPORTAGENS

tiam diretamente. Em compensação, eram elas que se encarregavam das comunicações. O gal. Zapata, quando tinha que enviar mensagens através da zona inimiga, usava mulheres. Fingiam ser comerciantes e passavam pelas linhas inimigas”, relembra o major.

As lembranças continuam a jorrar, naturalmente. “Houve mulheres muito corajosas. Recordo a ‘Coronela’, cujo nome era Rosa Bobadilla. Quando caiu presa, fizeram o que quiseram com ela, mas não fraquejou. Depois que a soltaram, se incorporou de novo às nossas fileiras. Foi promovida porque se reconheceu seu valor militar e sua bravura.”



A participação feminina foi decisiva na Revolução Mexicana

### Reforma agrária, o eixo da luta

De qualquer ângulo em Anenecuilco, se vê uma casa branca, no alto de um morro. “Isso é o que resta da casa onde nasceu Zapata”, começa a explicar um camponês que se encarrega de vigiar as ruínas a que está reduzida a casa original. “Esteve vários anos abandonada. Durante algum tempo foi utilizada como curral, até que em 1956 a transformaram em um museu”, assinala, explicando as más condições da construção.

Ao perguntarmos ao major quem, na sua opinião, havia sido o inspirador de Zapata, ele nos dá uma verdadeira aula de história:

“O primeiro homem a repartir terras no México foi

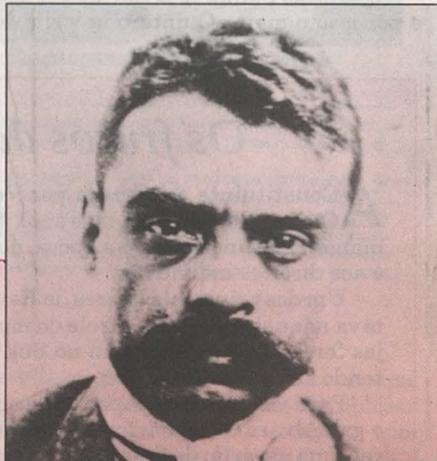
Acamaticuac, um rei nativo. Os ricos caciques não aceitaram seu gesto, lhe armaram uma cilada e o mataram. Dois séculos depois, o general José María Morelos resgatou suas idéias e promoveu uma nova distribuição de terras. ‘Os bens dos ricos e os tesouros da Igreja devem ser destinados à causa rebelde’, dizia Morelos. E, cem anos após sua morte, o gal. Zapata retoma suas idéias. Toda a população do estado se une ao general porque viu que ele encarnava suas aspirações.”

### A dor pela morte do líder

(...) De Anenecuilco nos dirigimos a Chinameca, local da morte de Zapata. “Chegamos às terras de Deus”, exclama o major Quintero. “Aí está o portão onde mataram o gal. Zapata.”

Antes de nos contar como foi a morte do líder, ele insiste em que visitemos o capitão José Palma e o coronel Pedro Gordillo, veteranos combatentes pelos quais sente afeto e respeito. Ambos vivem em casas muito simples.

São “fi-



Zapata: “A terra é de quem a trabalha”

“A terra é de quem a trabalha”. Esta foi a razão de sua vida, de sua luta e, finalmente, de sua morte.

(...) Emiliano Zapata morreu em 10 de abril de 1919, na fazenda de Chinameca. Como todos os principais líderes da revolução, não morreu em combate, e sim assassinado em uma emboscada, da qual participou um de seus coronéis, Guajardo, infiltrado pelo inimigo.

(Augusto Martínez)

## O líder da epopéia camponesa

Nos primeiros anos desse século começou a fermentar no México um descontentamento popular cada vez mais intenso, provocado pela tirania política do governo do general Porfirio Díaz e a voracidade dos latifundiários.

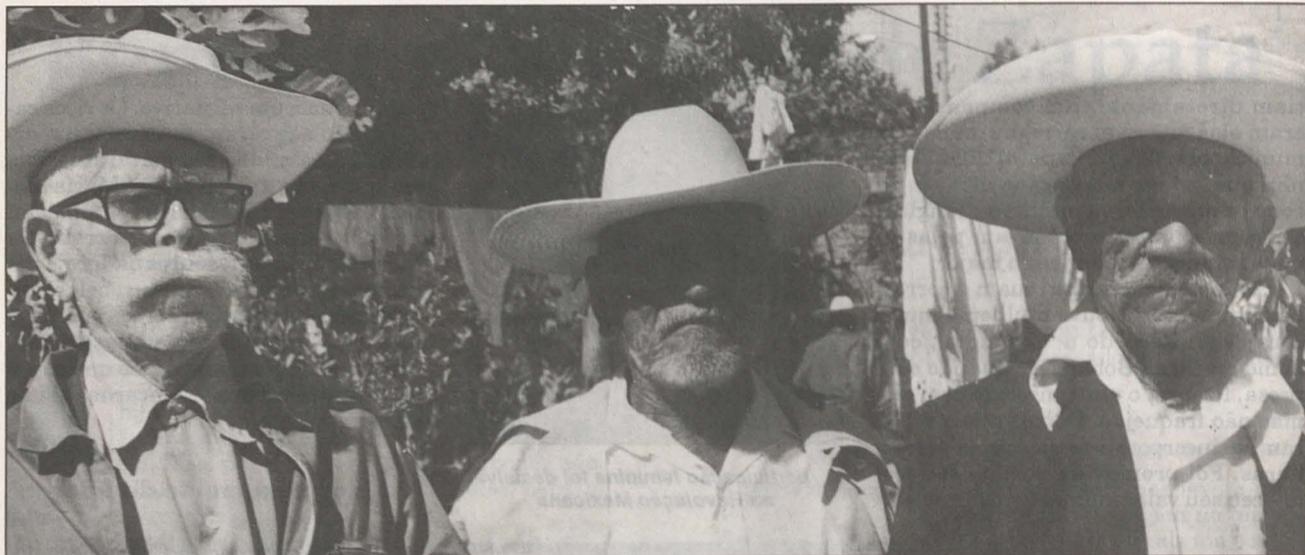
Nesse contexto, Emiliano Zapata foi o mais conseqüente representante do campesinato. O líder da luta camponesa nasceu na pequena aldeia de Anenecuilco, no estado de Morelos, situado ao sul da capital mexicana, entre 1873 e 1877 (até agora nenhum estudioso conseguiu estabelecer a data com precisão). Desde muito jovem, Emiliano se mostrou taciturno, reflexivo, pouco dado às alegrias e brincadeiras próprias dessa idade.

O fato de pertencer a uma família pobre, mas não mergulhada na miséria como a grande maioria de seus vizinhos, lhe dava uma posição de natural ascendência em sua aldeia e povoados vizinhos.

(...) Quando eclodiu a revolução de Francisco Madero, em 1910, Zapata e seus companheiros não se incorporaram imediatamente à luta. Só o fazem em 1911, depois que se multiplicam os abusos de autoridade, as perseguições, assassinatos e prisões de inocentes.

Sua férrea e intransigente lealdade aos princípios de justiça social estão expressos em uma frase que ficou gravada para sempre na consciência dos camponeses mexicanos:

## AS GRANDES REPORTAGENS



A cada domingo, em uma humilde casa, os veteranos zapatistas se reúnem em Cuautla para manter acesa a chama do passado

lhos" políticos e militares do líder que morreu assassinado nesta Chinameca que visitamos e à qual os veteranos veneram como fazem os religiosos na Terra Prometida.

O capitão Palma está convalescendo de uma doença e por isso o major Quintero ia visitá-lo. Queria ver se

precisava de algo e levar-lhe a mensagem solidária dos veteranos que ficaram preocupados ao notar sua ausência na reunião do domingo anterior.

O capitão Palma nos relata assim o assassinato do líder: "Quando o gal. Zapata ia entrando no povoado, uma de nossas soldadas lhe avisa que não o fizesse, porque iam matá-lo. Ele não acredita e ainda por cima fica furioso. 'Velhas fofoqueiras... Em vez de agradecer a Guajardo [o oficial de sua confiança ao qual ia visitar], ficam inventando boatos', respondeu."

"O gal. Zapata atravessa o portão da fazenda e é recebido pelos soldados com os três toques de honra. Guajardo aparece na varanda que dá ao pátio e pergunta: 'O que estão esperando?' Tinham deixado que ele entrasse, mas Guajardo não o queria vivo. Então, nesse momento, fazem pontaria e atiram nele pelas costas", relembra, emocionado.

"O gal. Zapata ainda chega a puxar as rédeas do cavalo. O cavalo gira e ele cai aqui, junto ao muro, crivado de balas. Me lembro que, apesar de ferido, o cavalo ficou em pé...", conta o capitão Palma, como se estivesse vendo a cena.

"Nós, zapatistas de Chinameca, estávamos ali, mas não podíamos crer no que estávamos vendo. Tivemos que fugir para as montanhas, porque também estavam querendo nos matar", acrescenta.

"Carregaram então o general, coberto por um pano e o colocaram atravessado em um estrado. Levaram seu corpo para Cuautla e o exibiram no escritório de arrecadação de impostos. Deram 50 mil pesos em ouro e o grau de general a Guajardo, pela sua traição."

### Os frutos da revolução

A Constituinte convocada por Venustiano Carranza em 1915, em Queretaro, resultou, dois anos depois, em uma Carta Magna extremamente avançada para a época, no que se refere à divisão dos poderes e aos direitos individuais.

Um dos principais líderes da Revolução Mexicana, Carranza disputava naqueles anos o controle do movimento com Emiliano Zapata, cujas forças se concentravam no Sul, e Pancho Villa, sediado no Norte, tendo saído vitorioso.

Para isso, além da capacidade militar de seu principal estrategista, o gal. Alvaro Obregón, foram fundamentais as decisões de promover a reforma agrária, decretar a libertação dos *peões* (trabalhadores das fazendas que viviam em regime de virtual escravidão) e abolir o sistema de *caciques* políticos.

Entre os principais artigos da Constituição aprovada em 1917 (e ainda em vigor) estavam:

- \* a instituição dos fundamentos da moderna legislação trabalhista, como jornada de oito horas, salário justo, supressão do trabalho infantil, responsabilidade do patrão pelos acidentes de trabalho e pelas doenças profissionais, direito de organização e de greve;

- \* a instituição da separação total entre Estado e Igreja. A partir de então, os edifícios destinados ao culto passaram a ser considerados propriedades do Estado e proibiu-se ao clero exercer o magistério, desempenhar funções públicas e votar. O casamento tornou-se exclusivamente civil;

- \* as concessões de exploração dos recursos do subsolo não podiam ferir o princípio da sua propriedade inalienável pela nação.

## AS GRANDES REPORTAGENS

### 'Meu pai, mesmo morto, continua lutando'

Com uma semelhança evidente com seu pai, embora um pouco mais velho do que o Zapata que conhecemos através das fotografias, Mateo Zapata<sup>1</sup> (hoje, com 59 anos) relembra a cada momento as idéias do líder camponês.

Recentemente, em companhia de seu irmão mais velho, Nicolás, e de dirigentes camponeses do estado de Morelos, fundou o Movimento Nacional Plano de Ayala<sup>2</sup>, que reúne sobreviventes do exército zapatista e seus descendentes e simpatizantes, que "somam mais de cem mil", garante.

Em sua modesta casa de Cuautla nos recebe pouco depois de ter chegado de uma reunião do movimento que fundara. Mateo tinha apenas dois anos de idade quando Zapata morreu assassinado. "Não tive a honra de conhecê-lo", lamenta. Nasceu em Cuautla, onde ainda mora, e enfatiza não ter outra ambição a não ser ajudar a solucionar os problemas dos camponeses. "O camponês não pede esmolas. Quer que lhe dêem o que merece."

O sr. considera que o Plano de Ayala ainda tem um papel a cumprir hoje?

— O Plano de Ayala só choca aquele que quer ser milionário ou já é rico. Mas, em compensação, expressa as reivindicações dos que não comem nada mais do que feijão com *tortilla* (comida feita à base de milho). Através do Plano de Ayala, meu pai, morto, continua travando novas batalhas.

O sr. se opôs a que levassem os restos mortais de seu

pai para o Monumento à Revolução...

— É verdade. É que exigimos que antes seja cumprido o Plano de Ayala.



Mateo Zapata: "O camponês não quer esmolas"

<sup>1</sup>Em 10 de janeiro passado, Mateo Zapata (hoje, com 76 anos) se lançou candidato a governador do estado de Morelos, pelo Partido da Revolução Democrática (PRD), de Cuauhtémoc Cárdenas

<sup>2</sup>O Plano de Ayala apresentava as principais metas do movimento revolucionário de 1910. Assinado em novembro de 1911 pelos generais Emiliano Zapata, Otilio E. Montañó, José Trinidad Ruíz e Eufemio Zapata, entre outros, defendia, em suma, uma ampla reforma agrária, "já que a imensa maioria dos mexicanos não é mais dona da terra que pisa, sofrendo os horrores da miséria sem poder melhorar em nada sua condição social, nem poder dedicar-se à indústria ou à agricultura, monopolizadas em algumas poucas mãos (...)".

#### 'A independência dignifica; a revolução, capacita'

Quisemos saber como o major Quintero soube da morte de Zapata. "Eu andava por Jonacatepec. Pegaram nosso chefe..."; assim nos deram a notícia, todos chorando. Nós não conseguíamos acreditar. Eu sou um homem de coração duro, minhas lágrimas não aprenderam a sair, por mais dolorosa que seja a situação. Mas meu chefe, o coronel Feuel, chorava como uma criança. Também o coronel Leopoldo se debulhava em lágrimas, agachado em um canto. Outros tiravam a sela de seus cavalos e os soltavam pelo campo, tal era o seu desespero."

O realismo do major nos impregna e sentimos que, mais que qualquer outro momento, este demonstra bem a força que ainda hoje exerce Zapata sobre os combatentes que o acompanharam. Cada relato revive para eles os anos que marcaram suas vidas, mas a morte do caudilho antecipa, por sua vez, a sua própria morte.

"Decidimos escolher um novo chefe para continuar a luta", diz o major Quintero. "Alguns queriam colocar no seu lugar o Pedro Saavedra, um tipo corajoso, mas muito assassino. Por isso não o escolheram."

Outros — prossegue o relato — sugeriram o nome de Gilberto Magaña. "Mas a maioria do pessoal não gostava dele, porque era de Michoacán e muito culto. Diziam que 'aquele não vai querer sofrer como nós. Lutar sem soldo, sem comida, sem mulher. Está acostumado a dormir em bons lençóis, vai terminar negociando com o inimigo'. Porém, foi ele o chefe escolhido. E se saiu bem, porque era muito hábil."

Ao terminar essa viagem no tempo, o major Quintero nos diz que sabe que a Revolução Mexicana é muito conhecida em todo o Terceiro Mundo. "A independência significa liberdade; a revolução, necessidade. A primeira, dignifica; a segunda, capacita. Dignidade e capacitação são um todo que produz o bem-estar da população. No México, a independência está consumada; a revolução ainda não. Nós a fazemos a cada dia, a cada hora, a cada minuto", conclui o major Quintero. ■

EXCLUSIVO

AMÉRICA LATINA

EL SALVADOR

## As raízes vivas do terror

Nils Castro

*Um depoimento estarrecedor de como atuaram durante a "guerra suja" salvadorenha as forças repressivas, escudadas nos supostos "esquadrões da morte" e alimentadas pela elite econômica disposta a tudo para não perder seus privilégios*

**E**m janeiro de 1981, dois técnicos norte-americanos e um alto funcionário local foram mortos a tiros no bar do Hotel Sheraton de San Salvador. Agentes da Guarda Nacional (GN) assassinaram José Rodolfo Viera, presidente do Instituto Salvadorenho de Transformação Agrária (Ista), assim como Michael P. Hammer e Mark David Pearlman, assessores do Instituto Americano para o Sindicalismo Livre.

Entre os assassinos, estava o tenente Rodolfo López Sibrián, então subchefe do Serviço de Informação (S-2) da GN, que recebeu ordens superiores para planejar esse atentado a fim de impedir a reforma agrária que se tentava realizar nesse país centro-americano.

Na prisão de Mariona, em El Salvador, López Sibrián se arriscou a dar um longo depoimento sobre o que presenciou nos porões do serviços de inteligência. Os motivos que o levaram a falar transparecem em suas palavras e caberá ao leitor julgá-las.

Suas declarações foram grava-

das e cadernos do terceiro mundo divulga com exclusividade trechos da fita na qual o oficial fala de alguns dos crimes que presenciou — ordenados por civis e militares que desfrutaram de impunidade e conspiraram para perpetuar-se no poder —, assim como da engrenagem que ainda permite a repetição desses bárbaros atos.

Seu depoimento possibilita identificar vários protagonistas do terrorismo salvadorenho e entrever a sombra dos serviços de repressão argentino, paraguaio, taiuanês e uruguaio, que contribuíram para aperfeiçoá-lo. As suas palavras, acrescentamos notas informativas sobre alguns dos personagens envolvidos.

Por questões de segurança, a identidade de seus entrevistadores e de quem nos enviou a gravação deve permanecer oculta. Não é possível transcrever aqui tudo o que conta e alega esse protagonista e vítima do drama centro-americano, e sim apenas um resumo. Porém, guardamos a fita que comprova a autenticidade dessa versão.

### A repressão e os empresários

*Qual é a sua situação hoje?*

— Somos um grupo de militares presos, cujos delitos nunca foram reconhecidos como sendo de caráter político. Ao contrário, somos tratados como delinquentes comuns. Durante a guerra, quando alguém cometia uma falta — me refiro às que eram de conhecimento público e só nos casos em que o responsável fosse de baixa patente — ele era enviado para os tribunais. Mas deixavam claro que essa pessoa era um delincente comum, para preservar a imagem de que as Forças Armadas eram uma instituição limpa e saudável...

Dentro das Forças Armadas de El Salvador (Faes) as ordens nunca são dadas por escrito: nos ensinaram a obedecer, mesmo "às custas de nossas próprias vidas", como diz o juramento do soldado. Os verdadeiros responsáveis por todas as desgraças do país eram militares de alta patente e muito influenciados pela oligarquia, pela direita mais reacionária que ainda existe no país, e que a Comissão da Verdade não quis mostrar em toda a sua extensão.

(A Comissão da Verdade foi criada

## AMÉRICA LATINA

### EL SALVADOR

em decorrência dos acordos de paz auspiciados pelas Nações Unidas para investigar as violações aos direitos humanos cometidas pelas Forças Armadas e guerrilha durante os 12 anos de guerra civil. Chefiada pelo ex-presidente colombiano Belisario Betancurt, a Comissão encerrou seus trabalhos em março de 1993, recomendando a destituição de 103 altos chefes militares (entre os quais o ministro da Defesa, René Emilio Ponce), a suspensão por dez anos dos direitos políticos de dirigentes guerrilheiros e o afastamento do presidente da Corte Suprema de Justiça, Mauricio Gutierrez Castro, e outros 13 ministros da Corte)

Especificamente na parte relacionada aos esquadrões da morte, o relatório da Comissão da Verdade diz, entre suas recomendações, que é necessário investigar a vinculação desses grupos com os grandes empresários do país. Mas, de fato, os membros da Comissão já sabem quem eram essas pessoas. Em diferentes ocasiões, vieram conversar comigo não para me fazer perguntas, mas sim para confirmar informações que eles já possuíam. Por isso, me estranhou, quando li o seu informe, que eles não tenham mencionado o nome de nenhum desses empresários. Lógico, são figuras que estão vinculadas diretamente ao [governante] partido Arena.

Por exemplo, vemos agora Calderón Sol ser tratado como "um homem limpo, que nunca esteve envolvido em nada". Mas ele andou colocando bombas no Ministério da Agricultura e Pecuária, junto com outras pessoas, quando a Arena ainda se chamava Frente de Ação Nacional (FAN), após ser fundada pelo major D'Aubuisson.

(Roberto D'Aubuisson foi acusado por diferentes organizações de direitos humanos de comandar esquadrões da morte e atentados terroristas, mas nunca foi a julgamento; morreu de câncer em 1991. Armando Calderón Sol - até recentemente prefeito de San Salvador - é o candidato presidencial da Arena)

#### Oligarquia terrorista

Como você sabe que Calderón Sol colocou bombas no Ministério?

- Eu estava na GN e meu chefe, o major Denis Morán - colega na Escola Militar de D'Aubuisson - me mandou buscar o major na fronteira. Naquele momento, D'Aubuisson estava proscrito pela Junta Revolucionária do Governo. Havia ordem de prisão contra ele, e por isso estava vivendo na Guatemala, com um grupo de empresários que o financiava...

(Denis Morán era o adido militar na Guatemala e se suspeita que coordenava os agentes salvadorenos quando naquele país foi assassinado Hector Oqueli, dirigente do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Agora, é tenente-coronel)

Tinham alguma relação com Mario Sandoval?

- Sim, com certeza. E foi numa das várias vezes que cruzei a fronteira para trazer o major D'Aubuisson que tomei conhecimento das ações que eles realizavam.

Naquela ocasião, a oligarquia salvadorenha estava em pé de guerra com a Junta de Governo, pois a Faes tinha decidido confiscar terras e nacionalizar o sistema bancário e muitas empresas. Então começaram a boicotar, por exemplo, o Ministério da Agricultura e Pecuária, porque era o responsável pela reforma agrária.

Para desestabilizar a Junta, planejaram - e disso fui testemunha ocular - a explosão de todos os locais pertencentes a esse ministério...

(Mario "o Mico" Sandoval, a quem D'Aubuisson considerava como um pai, foi um dos ideólogos da extrema-direita guatemalteca e dirigente do MLN de Carlos Castillo Armas. Nos anos 60, fundou a "Mão Branca", primeiro grupo paramilitar permanente)

Armando Carderón Sol participou desses planos?

- Calderón Sol não só estava na reunião quando planejaram essas ações, como também participou na colocação de bombas, inclusive da que puseram em frente ao Ministério da Agricultura e Pecuária. Essa reunião foi realizada na casa do atual governador de San Salvador, Eusebio Argueta. Entre os presentes, estava, por exemplo, o atual vice-ministro do Interior, Ricardo Valdivieso.

(Em 1980, Valdivieso, codinome "O Gringo", participou de um complô para derrubar o presidente Napoleón Duarte, do Partido Democrata-Cristão. O grupo de 12 oficiais, entre os quais o tenente López Sibrián, e alguns civis era dirigido por D'Aubuisson. Antes de concretizarem seu objetivo, foram detidos na chácara San Luis, em Santa Tecla)

#### Seqüestros financiavam repressão

- Nessa época, também realizaram seqüestros porque precisavam de fundos para criar a Arena. Eu soube dos seqüestros porque o major d'Aubuisson trouxe um grupo de argentinos para El Salvador. Esses argentinos vinham ensinar os métodos de "guerra suja" aplicados em seu país, que incluíam seqüestros para levantar fundos.

Nessa época, seqüestraram um homem a quem chamavam de "Mantecon". Participaram dessa ação o "Grilho" [Eduardo] Barrientos, que agora é o responsável por toda a política relativa ao café [o principal produto de exportação de El Salvador], Fernando Sagrera e Ricardo Valdivieso. O objetivo era financiar a Frente de Ação Nacional (FAN), que depois deu origem ao partido Arena.

Calderón Sol (ao centro): acusado de terrorismo



## AMÉRICA LATINA

### EL SALVADOR



*(O seqüestrado era o empresário Emilio Charur, que pagou 400 mil dólares pela sua libertação. Em 1980, Sargera participou do planejamento do assassinato do monsenhor Oscar Arnulfo Romero)*

Utilizaram inclusive a casa de Billy Sol como uma prisão clandestina não só para manter cativos esses empresários seqüestrados, como também para esconder guerrilheiros capturados em ação.

*(Guillermo Sol Bang, conhecido membro da oligarquia, é atualmente presidente da Comissão Elétrica do Rio Lempa (CEL) e integrante do Comitê Executivo Nacional da Arena)*

#### Integração repressiva

*O que você sabe sobre a Ansesal, órgão criado pelo major D'Aubuisson?*

— Ansesal era a Agência de Segurança Salvadorenha e existiu na época anterior à guerra. Nessa época, quando ainda funcionava o tratado [militar] centro-americano de ajuda mútua (Condeca), havia serviços de informação paralelos: Anseguat na Guatemala, Ansehon em Honduras, Ansenic na Nicarágua. Então, decidiram criar uma espécie de Interpol centro-americana de informação.

Naquele momento, todos os presidentes da região eram militares e mantinham boas relações, não é verdade?

A Ansesal foi dissolvida após o golpe de estado de 1979. A Junta Militar acabou também com a chamada Organização Democrática Nacionalista (Orden), que era uma espécie de ramal nervoso através de todo o país para se obter informação.

*(A Orden foi criada em 1963 pelo general José Alberto Medrano, diretor da GN, como uma rede nacional que chegava a todas as localidades do país. Contou com a participação de milhares de homens e atuava em colaboração com as forças de segurança. Medrano também fundou a Ansesal. Sob a liderança de D'Aubuisson, a Orden recebeu treinamento em Formosa e no Uruguai)*

#### Os mártires jesuítas

*O que pensavam de tudo isso os oficiais de patente mais baixa?*

— Infelizmente, nós nunca podíamos dizer nada e só mais tarde reconhecemos que estávamos do lado errado. Mas, o que podíamos fazer? Vestíamos um uniforme, fizemos um juramento, estávamos limitados pela obediência à disciplina. Enfim, cumpríamos ordens...

Nessa guerra, houve mais de 75 mil mortos e a anistia não veio para todos. Esta última, que acabaram de dar, é uma brincadeira... Só faltou dizerem com todas as letras que era apenas para beneficiar o coronel Benavides...

*(Junto com o tenente Yussy Mendoza, o coronel Guillermo Alfredo Benavides foi condenado a 30 anos de prisão pelo massacre de seis professores jesuítas da Universidade Centro-Americana, em novembro de 1989. Em 26 de março de 1993, pouco depois da divulgação do relatório da Comissão da Verdade, Benavides garantiu a vários militares detidos que seria libertado porque ameaçou revelar que o presidente Alfredo Cristiani e o ministro da Defesa, general René Emilio Ponce, ordenaram o assassinato dos jesuítas. Segundo afirmou, a prova está em uma fita que, se não*

*Três militares implicados no assassinato de seis jesuítas, durante o seu julgamento: (da esq. para dir.) sargento Antonio Avalos, cel. Guillermo Benavides e ten. Ricardo Espinoza*

*o libertassem, ele entregaria à imprensa. No início de abril, Benavides e Mendoza foram beneficiados por uma ampla anistia aprovada pelo Parlamento)*

*Você teve a oportunidade de falar com ele aqui, em Mariona?*

— Sim. Inclusive na última conversa que tivemos — porque quando a Comissão da Verdade vinha à prisão, entrevistava primeiro ele e depois a mim — me disse: “Não preciso dizer nada a essa Comissão. Eles já sabem tudo, sabem quem deu a ordem de matar os padres. Só o meu silêncio já responde às suas perguntas.”

Isto é, Benavides me deu a entender que o alto comando da Faes deu a ordem para matar os jesuítas e que ele se calava simplesmente porque sabia que, cedo ou tarde, iam tirá-lo da prisão.

Então considero injusto que soldados e cabos sirvam de bode expiatório para limpar a imagem da Faes... É verdade que muitos cometeram delitos, mas porque nesse momento os altos chefes militares nos incitavam. O objetivo era pôr a culpa na esquerda pelos roubos, assassinatos, violações, atrocidades. Queriam que, também fora do país, se acreditasse que a esquerda cometia este tipo de crime.

#### A morte de monsenhor Romero

*O que você sabe sobre o caso dos assessores norte-americanos assassina- dos no Hotel Sheraton?*

— Estive próximo, mas... Você acha que um tenente como eu tinha interesses econômicos, fazendas para proteger, para assassinar um presidente do Ista? Ou para matar uns caras que acabavam de chegar ao país, que eu nem sabia de que país vinham ou o que faziam aqui? Eu acabava de ser promovido, tinha 24 anos, minha juventude foi passada encerrado na Escola Militar, que é um verdadeiro mosteiro. Venho de uma família humilde, sem conhecimento com pessoas de influência e totalmente apolítica...

*(No momento em que foi cometido o atentado que resultou na morte do mon-*

## AMÉRICA LATINA

### EL SALVADOR

**Milhares de membros de organizações populares e religiosas prestam homenagem ao arcebispo Oscar Romero, assassinado enquanto celebrava missa**

senhor Oscar Romero, o general Carlos Eugenio Vides Casanova, então coronel, era o chefe da GN. Durante sua gestão, elementos da GN foram responsáveis pelos assassinatos do Sheraton e das quatro religiosas norte-americanas. Depois, de 1983 a 1989, foi ministro da Defesa e agora é adido militar na Alemanha)

O seu nome aparece no relatório da Comissão da Verdade no caso do monsenhor Romero...

— Citam meu nome porque pertencia ao grupo de 12 oficiais capturados na chácara San Luis, em 1980, em poder dos quais foi encontrado um caderno de anotações que, segundo afirmam, mencionava o assassinato de monsenhor Romero. Mas a Comissão está enganada. A morte de monsenhor Romero ocorreu em 24 de março e a nossa reunião foi realizada em 7 de maio. Portanto, não podíamos planejar sua morte quando ele já tinha sido assassinado.

(A reunião visava discutir as linhas básicas do golpe para derrubar o presidente Napoleón Duarte. Tinham um



plano de "ações diretas", "atentados individuais" e "redes de combate". Nachácar San Luis foram encontradas a "Agenda Saravia" — nome do capitão Alvaro Rafael Saravia, ex-chefe de segurança de D'Aubuisson e um dos participantes da reunião — e um "Quadro geral da organização da luta anticomunista em El Salvador")

Você não tinha conhecimento de que iam matar o monsenhor Romero?

— Soube depois de certos detalhes, porque acusavam o sr. Regalado, coisa que também considero injusta. Ele não fez amizade com o major D'Aubuisson a não ser no final de 1980. Ele teve parti-

cipação, isso sim, nos esquadrões da morte em Santiago de María, mas não no assassinato de monsenhor Romero.

(Hector Antonio Regalado foi chefe da segurança de D'Aubuisson depois de Saravia e chefe da segurança da Assembléia Legislativa quando o major a presidiu. É acusado de ser o autor do disparo que matou monsenhor Romero. Mais tarde organizou esquadrões da morte em sua província. Enquanto permaneceu na Assembléia, organizou ali um esquadrão)

Acho que a Comissão da Verdade não estava errada ao dizer que o major D'Aubuisson deu a ordem [de matar Romero]. Talvez até ele estivesse entre os

## Descobrir os culpados

O assassinato, em fins de outubro, de seis membros da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) — entre eles os ex-comandantes guerrilheiros Heleno Castro e Franco Velis — levou as Nações Unidas a enviar a El Salvador o secretário-adjunto Marrack Goulding. O diplomata tinha a missão de tentar criar uma Comissão de Investigação "imparcial" e "independente do governo", que fosse capaz de detectar a existência dos grupos paramilitares conhecidos como esquadrões da morte.

Para o secretário geral da ONU, Boutros Ghali, só a criação de um mecanismo como este que aponte os culpados pela violência poderá evitar a frustração do processo de paz salvadorenho, até agora o mais bem-sucedido de todos os que a ONU auspiciou.

Curiosamente, os Estados Unidos — que foram os grandes patrocinadores dos grupos paramilitares e da política de contra-insurgência em toda a América Central nas décadas passadas — decidiram agora tornar públicos em Washington documentos sobre a ação dos es-

quadrões da morte que desestabilizam o processo de paz salvadorenho.

Mais de 12 mil documentos secretos da CIA, Pentágono e do Departamento de Estado foram divulgados em 5 de novembro passado, denunciando altos dirigentes da direita salvadorenha e grandes empresários como patrocinadores dos esquadrões da morte.

Para Armando Calderón Sol, candidato à presidência pela governante Aliança Republicana Nacionalista (Arena) e para Francisco Merino, vice-presidente da República, ambos mencionados como financiadores dos esquadrões, os documentos liberados por Washington não têm nenhum valor, não passando de simples "focacas".

Porém, para a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, a informação "é séria, já que a Central de Inteligência (CIA) atuou junto com o exército de El Salvador durante toda a guerra". De fato, Washington transferiu mais de um bilhão de dólares em armas para o exército salvadorenho, ao qual acusa agora de ações paramilitares.

## AMÉRICA LATINA

### EL SALVADOR

O presidente Alfredo Cristiani (à esquerda, de óculos) durante o enterro de Roberto D'Aubuisson, líder da ultra-direitista Arena

participantes. Mas quem teria disparado o tiro certo foi um sargento da Polícia Nacional (PN) de nome Edgar Linares, segundo ele mesmo me contou...

Esse rapaz pertencia ao grupo *Caín* e recebia ordens diretas do coronel López de Nuila. Era um grupo especial, sob o comando do diretor geral da PN, que, além do mais, era um homem da total confiança do major D'Aubuisson.

(Reynaldo López Nuila foi diretor geral da PN, vice-ministro da Segurança Pública e ministro da Casa Civil durante o governo de Napoleón Duarte)

Os agentes da PN que participaram do atentado foram pagos por outras pessoas ou agiram por motivos políticos?

— Eu acho que o assassinato de monsenhor Romero teve motivações políticas. A oligarquia estava contra suas permanentes manifestações em favor dos pobres... Acho que houve pelo menos insinuações de gente de muito dinheiro de que "havia que calar sua boca"...

#### Atentados e assassinatos

De que outros casos concretos você tomou conhecimento?

— Por exemplo, o atentado contra a Universidade Nacional, em 1980, no qual participaram diretamente Ricardo Valdivieso, Antonio Cornejo, capitão Vega Valencia. O planejamento da ação foi feito na casa de Eusebio Argueta. Eles reuniram um grupo de guardas e entraram atirando com metralhadoras na Faculdade de Direito.

(Participaram do comando vários guardas privados da firma Tropical S.A. e seis membros da GN. No atentado, lançaram granadas em vários pontos do campus universitário. Também participaram Armando Calderón Sol, Fernando Sagrera, Ernesto Panamá e o capitão Eduardo Avila. Os mesmos que colocaram as bombas no Ministério da Agricultura e Pecuária)



O que você sabe sobre a captura e o assassinato dos dirigentes da Frente Democrática Revolucionária (FDR), também ocorrido na década de 80?

— Eu me enterei de que a Polícia Fazendária estava realizando esta operação através do rádio que tínhamos para comunicações internas. Num dos três canais, pudemos ouvir a voz do tenente Morán Recino. Apesar dele não ter se identificado, dando seu nome de guerra, reconheci sua voz porque estive com ele na Escola Militar.

A partir de um certo momento, os esquadrões da morte começam a ter nomes, como, por exemplo, "Exército Secreto Anticomunista A", cujos comunicados eram assinados por um tal de Aquiles Baires. Você sabe quem eram seus integrantes?

— O famoso Aquiles Baires é o coronel López Nuila e quem redigia os comunicados era Edgard Linares.

Nos anos 80 apareceram uns cadáveres próximo a Quezaltepeque... Você teve oportunidade de conhecer como funcionava a estrutura desses esquadrões?

— Sim, sem dúvida. De certa forma, posso dizer que os esquadrões da morte nunca existiram como entidades independentes. Eles estavam diretamente subordinados às seções de informação, aos corpos de segurança e aos quartéis. As ordens eram dadas pelos comandantes ou diretores dos corpos de segurança... Em resumo, a ordem era: "Bom, todo aquele

que a gente souber que é de esquerda, deve ser capturado e desaparecer..."

As ações eram avalizadas pelo diretor do órgão de segurança e, por trás, estava a oligarquia, dando as cartas.

#### Cemitérios clandestinos

O relatório das Nações Unidas fala de mais de cinco mil pessoas desaparecidas. Nunca mais se soube delas... Você já ouviu falar de cemitérios clandestinos?

— Sei que há cemitérios clandestinos no Playón, que é um lugar onde há grandes crateras, formadas pela lava dos vulcões. Difícilmente vai ser possível encontrar alguma evidência ali... Jogar quatro ou cinco cadáveres em um buraco é fácil. Depois, bastam duas granadas... ocorre um pequeno desmoronamento e todos ficam sepultados. O difícil é localizá-los depois...

Nesse local foram encontrados muitos cadáveres na superfície, mas, segundo você afirma, haveria muitos mais, em baixo...

— O problema é que nunca ninguém se animou a dizer: "Vamos fazer uma ampla busca no Playón..." É uma zona enorme, pedregosa, difícil de percorrer. Mas é ali que a GN, a Cavalaria e a PN iam jogar os cadáveres. Muitos presos, inclusive, talvez tenham chegado ao Playón com vida; outros eram levados para serem executados lá. Mas só apareciam os cadáveres dos que eram jogados à beira da estrada.

# A ajuda que empobrece



O campo africano não pode competir com a agricultura subsidiada e mecanizada do Primeiro Mundo



## Julius Nyerere\*

Os programas de ajuda para a África, devido às condições que impõem, não cumprem o objetivo de aliviar a pobreza nos países deste continente. Pelo contrário, sua aplicação pode resultar na deterioração do nível de vida da população, principalmente das crianças.

Os países africanos não são apenas subdesenvolvidos, mas também pobres. A tarefa de seus governos consiste em distribuir a pobreza da maneira mais justa possível e ao mesmo tempo investir todo o possível na criação de uma futura riqueza. São dilemas árduos de resolver.

Em períodos de fome epidêmica, sobre que bases deveriam ser distribuídos os alimentos disponíveis? E, em tais circunstâncias, seria lógico empregar os recursos de um país em gastos com a defesa, com a manutenção da ordem interna, na organização de eleições ou em qualquer outro esforço que não seja produzir mais alimentos? E se assim fosse, em que proporção?

Os escassos recursos à disposição dos serviços de saúde pública devem ser utilizados, por exemplo, para a aquisição de insulina, sem a qual alguns pacientes morreriam, ou para a compra de remédios contra a malária, que mata ainda mais pessoas?

Devem-se empregar o dinheiro e a mão-de-obra qualificada para satisfazer o consumo ou como investimento de capital para melhorar o bem-estar futuro da população?

Em um país pobre tais perguntas são colocadas diariamente ao governo. Na África, ao escolher-se as soluções a serem adotadas, freqüentemente estão em conflito os mais elementares direitos humanos, pois os bens e os recursos humanos existentes são insuficientes para atender a todas as necessidades básicas da população. Para estabelecer seus programas de desenvolvimento nossos países não têm outra alternativa a não ser utilizar seus poucos meios e organizar-se por si próprios, passo a passo.

**O único caminho** - Lamentavelmente, entretanto, esta alternativa está se tornando cada vez mais difícil devido às políticas de liberalização. Os bens produzidos na lavoura de um pequeno terreno com um arado ou mediante o trabalho artesanal em pequenas fábricas não podem competir no mercado mundial com os produtos obtidos com a tecnologia moderna.

Um planejamento que tenda à auto-satisfação das necessidades da população com os próprios recursos disponíveis é, na minha opinião, o único caminho para o progresso.

Não perceber a necessidade de encerrar o desenvolvimento de um modo progressivo - e, na medida do possível, autônomo - contribuiu para o atual problema do endividamento externo, não apenas na África mas em todo o chamado Sul do planeta. Na nossa pressa, fizemos muitos empréstimos, estimulados por banqueiros solícitos, que depois aumentaram unilateralmente as taxas de juros.

Todo Estado soberano da África tem (teoricamente) o direito de organizar sua economia da maneira que achar melhor, mas nesta era tecnológica não é possível ficar isolado do resto do mundo.

*Com a autoridade de ser um dos mais prestigiados dirigentes do Terceiro Mundo, Julius Nyerere critica a atitude dos organismos multilaterais de crédito e reivindica liberdade para que os países do Sul escolham seu próprio caminho*

Em particular, são os pobres que não podem isolar-se das nações ricas, desenvolvidas e militarmente poderosas ou das empresas transnacionais controladas por estes países. Nas cidades africanas os pobres podem, muitas vezes, evitar comprar nos mercados dominados pela parte da população comparativamente rica, onde os preços são mais altos. Mas algo semelhante não é possível a nível internacional, pois há um só mercado mundial.

Por exemplo, o preço de exportação do café é igual em todos os lugares e é fixado pela ação de intermediários e especuladores, não pelos custos de produção ou pelo que os consumidores estão dispostos a pagar. Em troca, o preço dos tratores ou de outros bens industriais se baseia nos custos de produção, onde estão embutidos o pagamento de altos salários aos trabalhadores dos países desenvolvidos e os lucros exigidos pelos donos do capital.

**Exporta-se mais, ganha-se menos** – Por isto, não é surpreendente que o intercâmbio comercial seja cada vez mais desfavorável para os menos desenvolvidos, aproximadamente 20% entre 1980 e 1990, segundo o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD). Neste período, a África exportou maiores volumes de matéria-prima, mas obteve menos dinheiro para pagar as manufaturas cada vez mais caras do Norte.

E quando nossas nações foram capazes de elaborar suas matérias-primas, estas se depararam com barreiras alfandegárias impostas pelos países ricos para impedir-lhes o acesso a seus mercados, ou com a imposição de cotas limitadoras (por exemplo, nas peças de roupas de algodão) ou foram obrigadas a firmar os chamados *acordos voluntários* para restringir suas exportações para o Norte.

E se nossos países, para compensar tais dificuldades, recorrerem ao subsídio de suas exportações, de imediato são advertidos de que tal ato viola as condições estipuladas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), cuja aprovação é necessária para a obtenção de crédito ou ajuda de qualquer país rico.

**Atitude antiética** – Não acredito que tal condicionamento da ajuda seja ético. O povo de cada nação soberana tem direito de organizar seus próprios assuntos a seu modo.

Entretanto, na prática, para um país em desenvolvimento obter a aprovação do FMI é necessário aceitar sempre determinadas condições. Estas consistem em uma grande desvalorização da moeda, na eliminação do controle dos preços e dos subsídios, na "liberalização" das importações e no corte dos gastos públicos; tudo isso, além de dar uma alta prioridade ao pagamento da dívida externa. Ultimamente, acrescentou-se a estes requisitos o de que seja um "bom governo" (segundo os critérios dos países do Norte).

Portanto, quando uma nação atravessa graves dificuldades, as "negociações" com o FMI não passam de conversas em torno dos detalhes sobre *como* e *quão rápido* terá que executar a política econômica que o Norte considera ortodoxa. Depois de tudo

isto, a nação com problemas descobrirá que as somas outorgadas a título de "ajuda" por quase todos os países doadores minguaram antes de chegar às suas mãos e se espera que sejam ainda mais reduzidas posteriormente.

Muitas vezes, além disso, para cumprir com os programas impostos pelo FMI, o governo da nação em dificuldade terá que diminuir os orçamentos da saúde pública, da educação e os subsídios para os alimentos. Mas a colocação em prática desta política provocará o protesto da população empobrecida e, portanto, terá que se incrementar os investimentos na polícia e no exército.

**Situação insustentável** – É fácil criticar os governos africanos, e não ignoro todos os seus erros nem a freqüente corrupção que existe neles. Mas estas culpas não fazem mais que piorar uma situação que já era insustentável. Só em casos extremos são as causas principais da situação na qual se encontram nossos países.

Nenhum governo – seja revolucionário, reacionário ou um modelo de "bom governo" – pode evitar que se deteriore o nível de vida da população quando caem os preços das exportações do seu país.

Recentemente, o vice-presidente para a África do Banco Mundial, Edward Jaycox, disse que no futuro o Banco não elaboraria mais os planos para a economia dos 30 países africanos aos quais empresta dinheiro e que, de agora em diante, os projetos financiados pela instituição tampouco seriam traçados por equipes técnicas com sede em Washington.

Esta é uma boa notícia e espero que seja o presságio do reconhecimento de que nem sempre em "Washington se sabe mais". No entanto, a experiência me indica que o FMI e o Banco Mundial seguirão insistindo com as mesmas desastrosas e antiéticas estratégias para enfrentar nossas dificuldades econômicas e nossas necessidades de desenvolvimento.



Nyerere: de 1980 a 1990, a queda dos preços das matérias-primas africanas em relação aos produtos industrializados foi de 20%



\*Julius Nyerere governou a Tanzânia durante mais de uma década e pôs em prática uma experiência autóctone de socialismo, baseada nas cooperativas de camponeses, as *ujamaas*. É o presidente da Comissão Sul

# A paciente impaciência

*Os aborígenes começam a traçar sua estratégia para conseguir a autodeterminação, buscando em primeiro lugar elevar o nível de consciência da população autóctone*



Os aborígenes da Austrália lutam para recuperar as terras de seus ancestrais (na foto, um aborígene do Norte em uma dança ritual)

O autor desse artigo, Michael Mansell, é o secretário-geral do Governo Provisório Aborígene da Austrália, estabelecido em 1990. Também é dos primeiros aborígenes com carreira universitária, exercendo a advocacia, além de assessorar o Serviço Aborígene da ilha de Tasmânia, uma das províncias australianas. Os habitantes autóctones da Austrália – chamados “aborígenes” pelos europeus – chegaram ao país há aproximadamente 50 mil anos, provenientes do Sudeste asiático, e falam 260 línguas diferentes. As guerras pelo controle das ricas terras australianas custaram a vida de 80% deles. Hoje, representam apenas um por cento da população.

## Michael Mansell

**S**e algum dia existiu um momento apropriado para a autodeterminação dos aborígenes australianos e para a criação de um Estado nacional, este momento é agora. Nossas comunidades já estão impacientes.

O desespero, a pobreza e a impotência de sentir-se despojados de tudo estão tão presentes hoje entre os aborígenes da Austrália como estavam há 50, 100 ou 200 anos. Até agora, o único remédio usado para combater esse mal tem sido recorrer à Comissão de Assuntos Aborígenes e pedir mais recursos, mesmo sabendo que o dinheiro não conseguirá aliviar a amarga sensação provocada pela perda de terras que, por direito, nos pertencem.

Também não basta falar de reconciliação. A questão de fundo é o direito dos povos aborígenes a decidir se querem ser independentes ou continuar vivendo às custas da caridade e esmolas dos brancos.

A tarefa que temos pela frente não é pequena, nem simples. As comunidades aborígenes parecem resignadas a não assumir elas mesmas as responsabilidades de um povo. Fomos condicionados a admitir que, inclusive quando recuperarmos nossas terras, as autoridades brancas manterão o direito de exigi-las de volta e de decidir o que podemos ou não podemos fazer nelas.

**O assistencialismo do Estado** – Mas há uma razão para essa aparente capitulação: embora existam 220 mil aborígenes que possuem 15% do território

rio australiano, não temos nosso próprio corpo político nacional, apesar dos nossos esforços e de já existirem muitos aborígenes formados em universidades, incluindo advogados, médicos e professores.

Até 1901<sup>1</sup>, fomos um povo independente. Quando nosso país foi invadido, os brancos não tinham claro se eram uma simples extensão da "mãe pátria" inglesa ou outra coisa. Quanto a nós, éramos tratados como um povo à parte.

O fato de que os aborígenes não pudessem votar nem ser levados em conta no censo, nem tivessem leis aprovadas especialmente para eles pelo governo da Commonwealth Britânica indica que, provavelmente, até 1967<sup>2</sup> a Austrália dos brancos tivesse aceito um movimento pró-independência aborígene.

A partir da década de 70, porém, o governo vem tentando criar uma nação da qual nos obriga a fazer parte. Os programas oficiais não procuram eliminar a assistência aos aborígenes; ao contrário, nos estimulam a depender dessa ajuda. Esses programas, não importa quais sejam seus custos, permitem aos brancos sentir-se mais cômodos em seu plano de criar uma nação "única" e fazem com que não se sintam tão culpados pelos nossos sofrimentos.

Os brancos acreditam piamente que o que mais nos convém é continuar subordinados a eles. E estão determinados a não levar em consideração nem a remota possibilidade de conceder a independência aos aborígenes.

Mas é preciso deixar claro que a manutenção desse domínio dos brancos sobre a população autóctone australiana depende exclusivamente dos próprios aborígenes. Se não aceitarmos a subjugação, todo o sistema branco cairá. Nosso primeiro objetivo, portanto, é promover um amplo debate entre o nosso povo para que possamos decidir coletivamente se devemos

ou não consentir em deixar as coisas como estão.

**Os rumos do futuro** – Devemos pensar no futuro, no que acontecerá dentro de cinco ou dez anos, e desenvolver relações de trabalho sólidas com outros governos e partidos de oposição, especialmente do Pacífico.

Simultaneamente, devemos elaborar idéias práticas que demonstrem a nossas comunidades que é possível agir de forma independente do governo branco. Devemos debater ampla e ex-

dos brancos. Isso ficou evidente na decisão da Corte Suprema de Mabo, que eliminou qualquer possibilidade dos povos indígenas de obter sua independência através dos tribunais dos brancos.

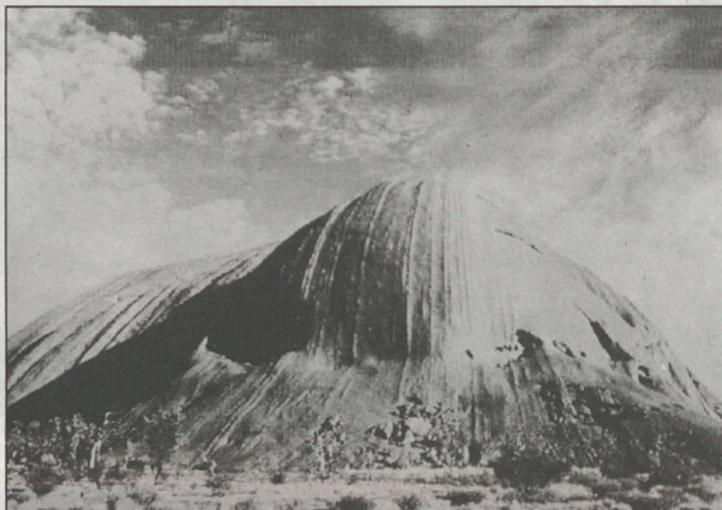
Também está claro que as leis e a política dos brancos nos farão algumas concessões parciais, inclusive a transferência de uma parte da receita gerada por nossas terras e alguma proteção contra a expulsão de nossos territórios tradicionais. Mas não estão dispostos a aceitar nosso direito à autodeterminação.

O Governo Provisório Aborígene (formado em julho de 1990 pelos indígenas australianos para defender suas reivindicações de soberania) tem potencial para abalar os alicerces sobre os quais se baseia o controle dos brancos sobre a população autóctone e sobre o país. O governo branco se sentirá seguro apenas enquanto controlar as estruturas políticas, econômicas e legais que afetam todos os povos aborígenes.

Mas está surgindo um novo grupo que se nega a aceitar a velha retórica e desafia os pontos de vista de antes, prejudiciais aos

povos aborígenes.

O processo para libertar nossas mentes da propaganda do governo branco começou e não pode ser detido. E ele deve ser visto como um primeiro passo rumo à autodeterminação dos povos aborígenes.



As guerras pelo controle das ricas terras australianas custaram a vida de 80% dos aborígenes. Hoje, representam apenas 1% da população

tensamente o problema e convencer as pessoas de que o Governo Provisório Aborígene pode mudar as coisas. Do contrário, o esforço será puramente acadêmico.

Também será preciso recorrer à desobediência civil: recusar-se a votar nos processos eleitorais dos brancos, negar-se a pagar as multas que nos cobrarão por tomar essa atitude e ir à prisão, se for necessário, para defender nossa posição<sup>3</sup>.

O uso de nossos passaportes aborígenes pode ser uma ferramenta eficaz. As leis de imigração obrigam as autoridades a permitir nossa entrada e saída da Austrália, mas se querem impedir nosso livre trânsito e nos tratam como "imigrantes ilegais", então deverão nos deportar para nosso país de origem...

O governo australiano assumiu o compromisso de defender os interesses

1 Em 1901, as seis colônias britânicas da Austrália (Nova Gales do Sul, Victoria, Austrália Meridional, Austrália Ocidental, Queensland e Tasmânia) se constituíram em Estados independentes e passaram a formar a chamada Commonwealth da Austrália. Os territórios da Austrália do Norte e da capital, Canberra, não se uniram à Commonwealth até 1911. Nesse período se consolidaram a rica burguesia industrial, nas áreas urbanas, e uma ampla classe média rural (*Guia do Terceiro Mundo*).

2 Em 1967, se realizou um plebiscito no qual a maioria se expressou em favor do reconhecimento dos direitos civis a todos os aborígenes e da transferência à órbita federal de todos os problemas vinculados a eles. Mas não foi reconhecido o direito sobre suas terras (*Guia do Terceiro Mundo*).

3 Os aborígenes australianos são o povo que tem maior proporção de população presa no mundo (em 1981, era de 775 pessoas para cada 100 mil habitantes).

# PESQUISAR AGORA É FÁCIL



PREÇOS  
ESPECIAIS  
PARA  
ESTUDANTES

Você já pode contar com os serviços do Centro de Documentação da Editora Terceiro Mundo para enriquecer sua pesquisa. Dispomos de um acervo valioso sobre as grandes questões dos países em desenvolvimento e também sobre ecologia

**CONSULTE-NOS! Tel.: (021) 252-1742/232-3372**

# Um modelo questionado

*Os recentes acontecimentos em países como o México, a Argentina e a Rússia – abalados por rebeliões armadas, convulsões sociais e protestos – impõem uma reflexão sobre as nefastas conseqüências da imposição de um modelo neoliberal*

Neiva Moreira

**N**as últimas semanas têm circulado muitas notícias a respeito de importantes acontecimentos políticos e sociais na Argentina, no México e na Rússia.

Em geral, os meios de comunicação apresentam os fatos com sua própria visão. Os dramáticos acontecimentos na província de Santiago del Estero, na Argentina, logo depois de outros semelhantes em La Rioja, são apresentados como uma conseqüência de problemas salariais de funcionários públicos inquietos ou do desemprego.

Mas não é isso apenas. O que ocorre na Argentina é uma profunda inquietação que se alastra por todo o país numa revolta, até então, silenciosa e tranqüila, contra o modelo neoliberal aplicado pelo presidente Carlos Menem, mas que já assume aspecto de rebelião popular.

Nunca a Argentina atravessou um período como o atual. Com pequena inflação, é verdade, mas com um nível de desemprego, fome, miséria e degradação social absolutamente inéditos naquele país, que sempre foi próspero. Há um processo de sucateamento da indústria nacional e milhares de agricultores têm-se manifestado publicamente nas ruas de Buenos Aires e nas grandes cidades argentinas protestando contra o abandono da sua agricultura.

No México há uma situação semelhante, embora com nuances locais. O Partido Revolucionário Institucional do México (PRI) é herdeiro de uma brava tradição de inconformismo e rebeldia, que culminou em um dos mais traumáticos e sangrentos processos revolucionários de toda a História latino-americana, liderado por homens admiráveis como Emiliano Zapata e Pancho Villa, cujos nomes estão hoje no panteão da história do México e são invocados nas montanhas de Chiapas, onde eclodiu a recente rebelião.

Acontece que o longo exercício do poder e a criação de uma burguesia egoísta e insensível, separada das realidades sociais do país, associada às forças mais retrógradas e dominadoras do capitalismo mundial, levaram o México a uma insolvência social, que não foi corrigida pelo programa assistencialista que o atual presidente Carlos Salinas de Gortari lançou no país.

Essa rebelião que está ocorrendo no México, cujas conseqüências são imprevisíveis, é uma resposta dramática de uma população esmagada: dezenas de milhões de índios e trabalhadores que vegetam abaixo da linha da pobreza, contra um modelo econômico imposto ao país pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que se expressa, inclusive, em aspectos fundamentais do tratado de livre comércio com os Estados Unidos e Canadá.

Por último, está a questão da Rússia. Frequentemente, lemos nos jornais que partidos integrados por comunistas, neofascistas e agricultores inconformados, vitoriosos nas eleições, estariam se opondo ao governo do presidente Boris Yeltsin. É uma avaliação deformada e parcial da situação.

O que está ocorrendo na Rússia é uma oposição frontal ao modelo econômico, também imposto pelo FMI, pelo Banco Mundial e pelos norte-americanos e europeus em troca de concessões estratégicas e econômicas.

Resultado definitivo: a avaliação final das eleições da Rússia revelou que uma expressiva maioria do povo está contra a política neoliberal do atual governo russo. Uma parte votou no Partido Comunista, hoje uma legenda forte que recupera a sua posição na Rússia. Outra parte votou com o Partido Agrário – que está associado ao Partido Comunista – e um grande setor de eleitorado escolheu a opção errada, sob a liderança de um homem extremamente equivocado e cuja conduta e idéias podem até mesmo justificar as suas semelhanças com o projeto neofascista.

Mas o fundamental, o que levou eleitores russos a esse voto de protesto, é o inconformismo com o modelo neoliberal. No momento em que o Congresso brasileiro está reunido para discutir o problema da revisão constitucional, esses acontecimentos são de extrema importância. Porque o que se quer impor ao país, por meio de uma revisão da Carta Magna, é um projeto neoliberal que está sendo internacionalmente questionado e recusado. Projeto que poderá lançar nosso país num caos social e provocar fatos tão dramáticos como os que estão ocorrendo na Argentina e no México.



Presente em todos os municípios  
fluminenses participando, investindo,  
promovendo, contribuindo e, acima de  
tudo, acreditando no seu desenvolvimento,  
o BANERJ se orgulha em ser o banco de  
um dos estados mais importantes na  
economia do país.

Investir no BANERJ é investir duplamente  
em você: como cliente e como  
integrante responsável pelo crescimento do  
Estado do Rio de Janeiro.

**BANERJ**